



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**ÉERICA SOUZA LOBO**

**AS CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA DE PROJETOS NA CONSTRUÇÃO DE  
UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

**MARABÁ**

**2018**

**ÉRICA SOUZA LOBO**

**AS CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA DE PROJETOS NA CONSTRUÇÃO DE  
UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências da Educação (ICH/UNIFESSPA), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Msc. Cleide Pereira dos Anjos.

**MARABÁ**

**2018**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Josineide da Silva Tavares / UNIFESSPA. Marabá, PA**

---

Lobo, Érica Souza

As contribuições da pedagogia de projetos na construção de uma aprendizagem significativa / Érica Souza Lobo; orientadora, Cleide Pereira dos Anjos. — 2018.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2018.

1. Ensino. 2. Prática de ensino. 3. Aprendizagem. 4. Ensino - Meios auxiliares. 5. Professores - Metodologia. 6. Cidadania – Formação. 7. Incentivo à leitura – Música. I. Anjos, Cleide Pereira dos, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 371.1

---

Elaboração: Miriam Alves de Oliveira  
Bibliotecária-Documentalista CRB2/583

**ÉRICA SOUZA LOBO**

**AS CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA DE PROJETOS NA CONSTRUÇÃO DE  
UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências da Educação (ICH/UNIFESSPA), como requisito parcial e obrigatório para obtenção da graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Msc. Cleide Pereira dos Anjos.

**Defesa pública em 08 de março de 2018.**

**Banca examinadora:**

**Profa. Msc. Cleide Pereira dos Anjos (FACED/ICH/Unifesspa) - Presidente**

**Profa. Msc. Silvana de Sousa Lourinho (FACED/ICH/Unifesspa)**

**Profa. Dra. Terezinha Cavalcante Feitosa (FACED/ICH/Unifesspa)**

Dedico este trabalho aos meus amados pais por todo o apoio e incentivo, como também a minha querida avó Jardelina (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido as forças necessárias durante todo o percurso no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia e ter o privilégio de concluí-lo apesar das dificuldades enfrentadas no caminho.

Agradeço também aos meus amados pais, Maria Nilda S. Lobo e Hélio G. Lobo por acreditarem e me apoiarem na decisão de enveredar nos caminhos da docência, apesar das dificuldades que permeiam a atuação nessa área.

À minha orientadora professora Cleide Pereira dos Anjos pela paciência e orientações que possibilitaram a realização deste trabalho, como aos demais professores que contribuíram em minha formação acadêmica.

Devo meus agradecimentos também as amigas que compartilharam os desafios e alegrias do curso, Tallyta Nunes a qual compartilhamos residência e a vida universitária ao longo destes anos, como também Aline Carvalho e Dulcilene Dias pelo privilégio de conhecê-las e partilharmos a amizade que estendeu-se para além do curso.

Agradeço também as amigas que tive o privilégio de conhecer na cidade de Marabá e que me acolheram como parte de suas famílias Natalina Passos, Renata Alves e Ana Paula Alves.

Às colegas as quais ajudamo-nos mutuamente durante a realização dos nossos trabalhos, e a todos e a todas que direta ou indiretamente contribuíram para que este se realizasse.

Aos profissionais da educação que tive o prazer de conhecer e com os quais trabalhei em alguns estágios e que me ajudaram a acreditar na educação apesar dos desafios enfrentados no dia a dia das salas de aula, em especial à Célida Bezerra, e ao professor que se dispôs de boa vontade a contribuir com a pesquisa que gerou este Trabalho de Conclusão de Curso.

*“Educar não é ensinar respostas, educar é ensinar a pensar”.*

*(Rubem Alves)*

## RESUMO

A Pedagogia de Projeto vem recentemente ganhando espaço nas pesquisas por se inserir como uma prática de ensino considerada inovadora e que se contrapõe ao ensino tradicionalista por colocar os alunos como centro do processo de ensino-aprendizagem, além de proporcionar uma formação integral dos sujeitos. Neste sentido, o presente trabalho de conclusão de curso discorre acerca desta temática e têm como objetivo analisar como a realização de um projeto numa turma de 4º ano da E.M.E.F Fátima Fernandes Gadelha do Município de Marabá-Pará no ano de 2017, intitulado Letra e Música contribuiu para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa nos alunos. A pesquisa foi realizada numa abordagem qualitativa, com pesquisa de campo utilizando o método do estudo de caso. Foi realizada pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica do trabalho utilizando os autores A. Leite. (2007), Almeida (2002), Araújo (2014), Cool (1994), Chambouleyron (2004), Demo (2011), Dewey (1952), Fazenda (2014), Garrutti e Santos (2004), Hernández (1998), Hernández e Ventura (1998), Japiassu (1994), Kilpatrick (1978), Kleiman e Silvia (1999), Leal (2004), L. Leite. (1996), Mizukami (1986), Moreira e Masini (1982), Nogueira (2001, 2008), Prado (2005) e Texeira (1930, 1984). O projeto foi proposto pelo professor ao perceber as necessidades de melhoria na leitura e interpretação de texto dos alunos, e pela turma mostrar nítido interesse por músicas optou por realizar um projeto com esta temática. O projeto manteve-se flexível o que possibilitou mudanças durante sua realização. Os alunos mostraram-se motivados, e o professor percebeu-se como mediador no processo. A avaliação foi realizada em três etapas: avaliação inicial com sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos, depuração, uma sondagem durante a execução deste para saber se os objetivos propostos no projetos estavam sendo alcançados e a final por meio de prova e com base no desempenho dos alunos durante todo o projeto. Uma avaliação junto a um grupo de alunos revelou aprendizagens propostas como aprendizagens no projeto pelo professor, como habilidades que não constavam neste. Mas ficaram alguns aspectos que dentro da Pedagogia de Projetos podem ser melhor exploradas como pesquisa, sistematização de informações, decisões dos alunos e aprofundamento em algumas questões. Concluiu-se que para a Pedagogia de Projetos contribuir para construção de uma aprendizagem significativa é necessária motivação e ativa participação dos alunos, o professor se portar como mediador do processo, ser questionador, partir dos conhecimentos prévios dos alunos e apresentar conceitos de forma contextualizada e relacionar também ao trabalho questões relativas a questões sociais, de modo a proporcionar uma educação não apenas escolar, mas também cidadã.

**Palavras-Chave:** Pedagogia de Projetos. Aprendizagem significativa. Prática. Interdisciplinaridade. Formação cidadã.

## ABSTRACT

The Project Pedagogy has recently gained ground in research for its inclusion as a teaching practice considered innovative and that is opposed to traditional teaching by placing students as the center of the teaching-learning process, in addition to providing a comprehensive training of subjects. In this sense, the present work of course conclusion discusses this theme and aims to analyze how the realization of a project in a group of 4th year of EMEF Fátima Fernandes Gadelha of the Municipality of Marabá-Pará in the year 2017, entitled Letra e Música contributed to the development of meaningful learning in students. The research was carried out in a qualitative approach, with field research using the case study method. A bibliographic research was carried out for the theoretical basis of the work using the authors A. Leite. (2004), Almeida (2002), Araújo (2014), Cool (1994), Chambouleyron (2004), Demo (2011), Dewey (1952), Fazenda (2014), Garrutti and Santos, Hernández and Ventura (1998), Japiassu (1994), Kilpatrick (1978), Kleiman and Silvia (1999), Leal (2004), L. Leite. (1996), Mizukami (1986), Moreira and Masini (1982), Nogueira (2001, 2008), Prado (2005) and Texeira (1930, 1984). The project was proposed by the teacher when perceiving the needs of improvement in the reading and interpretation of text of the students, and by the group to show clear interest for music chose to carry out a project with this theme. The project remained flexible and made possible changes during its execution. The students were motivated, and the teacher perceived himself as mediator in the process. The evaluation was carried out in three stages: initial evaluation with probing of the previous knowledge of the students, debugging, a survey during the execution of this one to know if the objectives proposed in the projects were being reached and the final by means of test and based on the performance of the throughout the project. An evaluation with a group of students revealed learning that was proposed as learning in the project by the teacher, as skills that were not included in this one. But there were some aspects that within the Project Pedagogy can be better explored as research, systematization of information, student decisions and deepening in some questions. It was concluded that for Project Pedagogy to contribute to the construction of a significant learning it is necessary motivation and active participation of the students, the teacher behave as mediator of the process, be questioning, start from the students' previous knowledge and present concepts in a contextualized way and also relate to work issues related to social issues, in order to provide not only school education, but also citizenship.

**Keywords:** Project Pedagogy. Meaningful learning. Practice. Interdisciplinarity. Citizen training.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1- Mapa de localização da escola via satélite com anterior denominação .....	57
Figura 1- Professor escreve substantivos na lousa com auxílio dos alunos .....	67
Figura 2- Alunos completando a letra da música na lousa .....	68
Figura 3- Aluna ilustrando música .....	70
Figura 4- Ilustração realizada por uma aluna .....	70
Figura 5- Exposição de ilustração pelo professor .....	70
Figura 6- Alunos interpretando música em forma teatral .....	74
Figura 7- Encenação da música em teatro .....	74
Figura 8- Professor orientando grupo .....	74

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA PEDAGOGIA DE PROJETOS.....</b>	<b>17</b>
1.1 JOHN DEWEY: UMA EDUCAÇÃO PARA A VIDA .....	17
1.2 KILPATRICK E O MÉTODO DOS PROJETOS .....	21
1.3 ANÍSIO TEXEIRA E O MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA NO BRASIL .....	24
<b>2 PEDAGOGIA DE PROJETOS COMO PRÁTICA FAVORECEDORA DA CONSTRUÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA.....</b>	<b>27</b>
2.1 PORQUE TRABALHAR COM PROJETOS .....	27
2.2 A APRENDIZAGEM NOS PROJETOS.....	31
2.3 A PEDAGOGIA DE PROJETOS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	35
2.4. DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO: ETAPAS E ATORES.....	37
<b>2.4.1 Inicialização.....</b>	<b>37</b>
<b>2.4.2 Desenvolvimento .....</b>	<b>39</b>
<b>2.4.3 Finalização.....</b>	<b>41</b>
<b>3 PEDAGOGIA DE PROJETOS: UMA ALTERNATIVA PARA O ROMPIMENTO DO ENSINO FRAGMENTADO E O ALCANCE DE UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR.....</b>	<b>44</b>
3.1 O ENSINO TRADICIONALISTA E A NECESSIDADE DE UMA MUDANÇA NA EDUCAÇÃO .....	44
3.2 PENSANDO A INTERDISCIPLINARIDADE .....	48
3.3 PEDAGOGIA DE PROJETOS COMO PRÁTICA FAVORECEDORA DA INTERDISCIPLINARIDADE.....	50
<b>4 SEÇÃO ANALÍTICA .....</b>	<b>54</b>
4.1 METODOLOGIA DA PESQUISA .....	54
<b>4.1.1 Caracterização Da Unidade De Pesquisa.....</b>	<b>57</b>
<b>4.1.2 Caracterização Dos Sujeitos.....</b>	<b>58</b>

4.2	CATEGORIAS ANALISADAS.....	59
4.2.1	Categoria 01: Planejamento.....	59
4.2.2	Categoria 02: Projeto Letra E Música Em Ação Na Sala de Aula.....	65
4.2.3	Categoria 03: Avaliação Da Aprendizagem Pelo Professor .....	76
4.2.4	Categoria 04: Avaliação Do Projeto Com Alunos .....	79
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
	REFERÊNCIAS .....	87
	APÊNDICE A- DIÁRIO DE CAMPO .....	90
	ANEXO A- PROJETO LETRA E MÚSICA.....	116
	ANEXO B- LETRA DA MÚSICA CRIANÇA CRIONÇA.....	123
	ANEXO C- LETRA DA MÚSICA GUALÍN, DE GABRIEL O PENSADOR.....	124
	ANEXO D- LETRA DA MÚSICA PEGA EU, DE BEZERRA DA SILVA .....	125
	ANEXO E- PARÓDIA VENDEDOR DE DOCE .....	126
	ANEXO F- PARÓDIA CANSEI DE SER POBRE .....	127
	ANEXO G- PARÓDIA QUARTO SUJO .....	128
	ANEXO H- PARÓDIA DE ALUNO COM ESTRUTURA CORRETA .....	129
	ANEXO I- LETRA DA MÚSICA O CANDIDATO, DE BEZERRA DA SILVA .....	130
	ANEXO J- LETRA DA MÚSICA DOMINGO NO PARQUE, DE GILBERTO GIL ..	131
	ANEXO K- TEXTO TEATRAL: ADAPTAÇÃO DA MÚSICA DOMINGO NO PARQUE .....	133
	ANEXO L- LETRA DA MÚSICA CABELO NO PÃO CARECA, DE ZECA PAGODINHO.....	134
	ANEXO M- ENTREVISTA REALIZADA COM O PROFESSOR.....	135
	ANEXO N- ENTREVISTA REALIZADA COM ALUNOS .....	153
	ANEXO O – AUTORIZAÇÃO PARA USO DOS DADOS DA PESQUISA.....	163

## INTRODUÇÃO

O tema Pedagogia de Projetos apesar de não ser recente é um tema que atualmente vem ganhando espaço no que se refere à estudos e pesquisas, isso se dá por vivemos um contexto de mudanças na sociedade decorrentes do avanço da ciência, mudanças estas que acontecem em um ritmo acelerado e que em decorrência altera a vida das pessoas. De modo que, mudando-se a sociedade muda-se também o que se espera dos sujeitos, assim a educação deve acompanhar esse ritmo e ser capaz de formar pessoas aptas a atuar de forma consciente na sociedade, indivíduos competentes no mercado de trabalho cada vez mais exigentes e capazes de gerir suas próprias vidas.

Tais mudanças devem-se também a psicologia da aprendizagem e suas descobertas de que a aprendizagem não é construída de forma passiva, mas sim quando os alunos são ativos no processo, sendo os principais responsáveis pela própria aprendizagem. Desse modo a Pedagogia de Projetos opõem-se ao ensino tradicional que coloca os alunos como seres passivos de ensino.

O estudo referente ao tema torna-se relevante neste contexto porque o trabalho mediante projetos configura-se como uma forma inovadora, apesar de não ser nova, de se trabalhar na escola de modo a gerar reflexões sobre as práticas pedagógicas dos professores relacionadas ao ensino aos seus alunos e os instiga a serem pesquisadores, além de como mencionado colocar os alunos como centro do ensino, além do mais se preocupa com o desenvolvimento de capacidades e habilidades úteis a vida social.

Outro aspecto predominante no trabalho mediado por projetos é a formação integral dos sujeitos, a qual se dá dentro de uma concepção construtivista de ensino, e que se apoia na necessidade da construção de uma educação significativa, amparada nos conhecimentos que os alunos já possuem, servindo como ponto de partida para elaboração de novos conhecimentos, no qual não se ignora os saberes do senso comum, mas parte-se deles para chegar ao conhecimento científico, dentro de um ensino contextualizado e que por evidenciar suas necessidades na aprendizagem, podendo conseguir assim que os alunos sintam-se motivados, e desafiados durante todo o processo e releva os trabalhos de ordem prática, não apenas os teóricos.

De tal modo, projeto pode então ser entendido como algo que exige ação, um objetivo que vai se concretizando mediante sua realização junto aos atores do processo, professor e alunos. Ele se insere ainda como uma estratégia facilitadora do trabalho voltado à globalização do conhecimento, possibilitando um trabalho interdisciplinar, ou seja, levando os alunos a

enxergar além das disciplinas, interpretando o mundo e a realidade social ao qual estão inseridos.

Em vista disso o interesse, no que refere-se essas necessidades apresentadas ao ensino, surgiram após reflexões nas aulas referentes ao currículo e didática, em que mesmo de forma simplificada foi nos apresentado a pedagogia de projetos ou trabalho com projetos, dada a sua relevância a aprendizagem dos alunos. Unindo-se a isso experiências pessoais tanto como aluna na educação básica como também estagiária nas salas de aula notei evidente diferença no modo que corria uma aula comum de forma expositiva da realização de projetos.

Assim pude traçar um paralelo em como são ministrados os conteúdos em sala de aula pelo professor, normalmente de forma mecânica como em muitos casos já conhecidos, da escrita na lousa para o aluno copiar, uma breve explicação e atividades escritas para saber se os alunos compreenderam o assunto em questão. A experiência em sala de aula acompanhando a realização de alguns projetos aguçou ainda mais o interesse em relação ao tema, pois, no momento em que se passou a trabalhar um projeto, houve uma movimentação maior na escola, dentro da sala de aula, havendo uma exploração maior sobre um tema específico o que envolve mais os alunos em sua aprendizagem. Entretanto em uma dessas experiências vivenciadas em estágio foi percebido que o projeto trabalhado pela professora era na verdade realizado por exigência da coordenação pedagógica, e cada passo de sua realização já havia sido definido o que ocasionou no desinteresse ou desmotivação intrínseca por parte dos alunos, que achava chato e cansativo.

Desse modo, pude perceber que a forma com que o professor trabalha com esses projetos fez a diferença, e que pode ser sim uma alternativa para dar maior significado ao ensino aprendizagem como também ao trabalho do professor, por isso, investigar como os projetos estão sendo trabalhados em sala de aula torna-se algo relevante, já que foi possível perceber duas formas pela qual os alunos encararam respectivos projetos, o que torna nítido a necessidade de compreender o sentido, e como que esse trabalho favorece a construção de uma aprendizagem significativa.

Inicialmente fui informada de uma escola no Município a qual os professores costumavam trabalhar com projetos, todavia em um estágio descobri que a escola recentemente havia se tornado de Educação Infantil e as professoras ainda não sabiam como trabalhar com eles, por ser anteriormente de Ensino Fundamental, o que impossibilitaria a realização da pesquisa naquele local. Pelo trabalho com projetos ser algo até relativamente comum nas escolas, embora eu procurasse professores que buscassem por si mesmos trabalhar projetos próprios para suas turmas e não algo generalista planejado pela coordenação. Em seguida,

pensei em mudar o tipo de pesquisa para uma pesquisa-ação, todavia, devido ao tempo para realização da pesquisa não foi possível. Foi então que fui informada por uma professora com a qual trabalhei durante alguns meses em estágio não obrigatório, que havia nesta escola um professor que gostava de trabalhar com projetos com suas turmas, ao procura-lo e informa-lo o objetivo da pesquisa o mesmo concordou de bom grado em participar desta.

Por esses motivos a referente pesquisa que aborda a Pedagogia de Projetos foi realizada numa abordagem qualitativa, com pesquisa de campo utilizando o método do estudo de caso, o qual busca responder a seguinte pergunta: Como a Pedagogia de Projetos contribui para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa dos alunos? E para tal buscou-se realizar primeiramente uma pesquisa bibliográfica para aprofundar-se na temática e servir de base para as análises da pesquisa, utilizando como principais referenciais teóricos: A. Leite. (2007), Almeida (2002), Araújo (2014), Cool (1994), Chambouleyron (2004), Demo (2011), Dewey (1952), Fazenda (2014), Garrutti e Santos (2004), Hernández (1998), Hernández e Ventura (1998), Japiassu (1994), Kilpatrick (1978), Kleiman e Silvia (1999), Leal (2004), L. Leite. (1996), Mizukami (1986), Moreira e Masini (1982), Nogueira (2001, 2008), Prado (2005) e Texeira (1930, 1984).

A pesquisa teve como objetivo geral analisar como a realização de um projeto numa turma de 4º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Fátima Fernandes Gadelha, intitulado “Letra e Música” contribuiu para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa dos alunos? E para alcançar os objetivos específicos foi preciso identificar como o professor da turma trabalhou o projeto, descrever de que forma foi planejando, como também observar a dinâmica do projeto em sala de aula e compreender como era realizada a avaliação do projeto. A qual contou com a utilização de técnicas de entrevistas semiestruturadas, e do diário de campo para registro das observações.

O primeiro capítulo da pesquisa parte do estudo bibliográfico que abordará o contexto histórico de surgimento da Pedagogia de Projetos, com as ideias do filósofo norte-americano John Dewey ao pensar uma educação para vida, bem como o Método dos Projetos elaborado por Kilpatrick baseados nas ideias de Dewey. E também a influência de Anísio Texeira com o Movimento da Escola Nova no Brasil, ao expandir as ideias dos anteriores filósofos para o cenário brasileiro.

O segundo capítulo mostrará a Pedagogia de Projetos como prática favorecedora da construção de uma aprendizagem significativa explicando o que é um projeto, porque trabalhar com projetos, e porque ela pode ser compreendida como uma prática pedagógica, bem como desenvolver um projeto especificando suas etapas e atores do processo.

O terceiro capítulo explanará a respeito de como a Pedagogia de Projetos contribui para o rompimento do ensino fragmentado e que pode proporcionar o alcance de uma prática interdisciplinar, para isso aborda a concepção de ensino tradicionalista e a necessidade de mudança em tal educação, trata também da interdisciplinaridade e como o trabalho com os projetos a favorece.

O quarto capítulo tratará da análise da pesquisa de campo com base nas entrevistas semiestruturadas realizadas com o professor e seis alunos, selecionados entre os vinte e sete que compunham a turma, os quais se voluntariaram a participar e da observação em sala de aula, de modo que explicará a metodologia utilizada na realização do trabalho e os resultados encontrados na pesquisa no que refere-se as etapas do desenvolvimento de um projeto, bem como da participação dos alunos e professor nestas: planejamento, execução, avaliação da aprendizagem pelo professor e a avaliação do projeto junto aos alunos.

# 1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA PEDAGOGIA DE PROJETOS

## 1.1 JOHN DEWEY: UMA EDUCAÇÃO PARA A VIDA

A Pedagogia de Projetos atualmente considerada uma prática de ensino inovadora na educação, na realidade originou-se entre os séculos XIX e XX. O precursor das ideias que fundaram essa prática foi o Filósofo John Dewey (1859-1952), que tinha uma notável preocupação com a educação, também fundador da Escola Experimental, alicerçada na sua proposta de educar pela ação.

O filósofo dedicou sua vida ao trabalho com a educação, tanto que apesar de não ter formação em pedagogia pode assim ser considerado pela grande influência na educação, em destaque a norte-americana, seus trabalhos apresentam além da filosofia doses de psicologia. Foi um dos grandes opositores das ideias tecnicistas do currículo que desconsideravam as experiências e interesses infantis, pensou um currículo preocupado com o modo que as crianças realmente aprenderiam num processo de interação social. A base principal de sua educação é a ideia de uma educação para a vida, da qual discorrerá este tópico.

Um importante conceito a ser entendido na teoria de Dewey é o de experiência, a qual é definida como interação entre dois elementos na qual ambos, situação e agente se modificam, onde ações e reações ocorrem em busca de equilíbrio. Como explica Dewey (1952, p.7):

No plano humano êsse agir e reagir ganha sua mais larga amplitude, chegando não só à escolha, à preferência, à seleção, possíveis no plano puramente biológico, como ainda à reflexão, ao conhecimento e à reconstrução da experiência. Experiência não é, portanto, alguma coisa que se oponha à natureza, - pela qual se *experimente*, ou se *prove*<sup>1</sup> a natureza. Experiência é uma fase da natureza, é uma forma de inter-ação, pela qual os dois elementos que nela entram – situação e agente – são modificados (DEWEY, 1952, p.7).

A vida para Dewey (1952, p.10) é entendida como um tecido de experiências, que por sua vez constitui-se toda de aprendizagem “Vida, experiência, aprendizagem – não se podem separar. Simultaneamente vivemos, experimentamos e aprendemos”.

Assim, sempre que uma experiência for reflexiva ela é entendida como experiência educativa, levando a aquisição de novos conhecimentos. O indivíduo portanto cresce em conhecimento, sendo educação um constante processo de crescimento, por meio da qual se reconstrói e reorganiza as experiências, possibilitando o melhor conduzir das experiências futuras.

O filósofo entende a educação como a própria vida, não apenas parte dela, pois:

---

<sup>1</sup>Destaque do autor, assim como as demais que aparecem estão na obra: Vida e Educação (1952).

Enquanto vivo, não me estou, agora, preparando para viver e daqui a pouco, vivendo. Do mesmo modo eu não me estou em um momento preparando para educar-me e, em outro, obtendo o resultado dessa educação. Eu me educo através de minhas experiências vividas inteligentemente [...] instrução e educação que não são os resultados externos da experiência, mas a própria experiência reconstruída e organizada mentalmente no curso de sua elaboração (DEWEY, 1952, p.10,12).

Desse modo entendida, os indivíduos participam do processo de aprendizagem de forma ativa, pois a educação é uma consequência das experiências vividas e proporcionadas nos ambientes educativos, onde entra em destaque a escola, que não é vista como parte isolada da sociedade, mas como parte dela, de modo que, a educação deve ocorrer tal como ocorre na vida, por meio de interações sociais.

Para Dewey uma aquisição intelectual descontextualizada da vida social, ou verdadeira vida não é uma ação educativa, pois perde o sentido e valor que ela tem. Desse modo para que a ação educativa tenha real valor o sujeito e o meio social precisavam estar em harmonia. Assim entendido o sentido de como deve ocorrer o processo educativo, o autor afirma “a escola não deve ser oficina isolada onde se prepara indivíduo, mas onde numa situação real de vida, indivíduo e sociedade constituam uma unidade orgânica” (DEWEY, 1952, p.18).

Voltando sua atenção para o desenvolvimento infantil, que ele considera a fase de maior potencialidade de desenvolvimento, a qual a educação deve deter sua atenção e não no que falta à criança, proporcionando a elas os estímulos necessários a esse desenvolvimento.

A chamada interdependência social por Dewey, é o que possibilita o desenvolvimento dos indivíduos, com as experiências anteriores se aprende e se modifica ações e hábitos, que com o decorrer do tempo as novas experiências percebem-se como inadequadas.

Considerando a maleabilidade do potencial de aprendizagem, o autor ressalta a necessidade de um ambiente escolar flexível, no sentido de não ser rígido em uma rotina que nada acrescenta a aprendizagem, que sendo tão fixa não possui a capacidade de gerar novas experiências, privando o desenvolvimento intelectual, não possibilitando sua renovação e aperfeiçoamento.

Essa educação segundo Dewey (1952) só pode ocorrer de forma efetiva em uma sociedade verdadeiramente democrática, que permita maior liberdade aos indivíduos para reconstrução das suas experiências e significação, formando pessoas conscientes de suas ações.

Adquirindo uma concepção onde “aprender significa adquirir um novo modo de agir, um novo *comportamento* (behavior) [...] significa que a pessoa não só poderá agir, mas agirá do novo modo aprendido, assim que a ocasião exigir que este apareça” (DEWEY, 1952, p.22). Pode-se dizer então, que quando o indivíduo é capaz de utilizar um conhecimento em situação não igual necessariamente, mas semelhantes a que lhe foi ensinada significa que a

aprendizagem se fixou na mente alterando um comportamento anterior, tendo ela então adquirido ou internalizado uma aprendizagem para vida.

Para que ocorra a aprendizagem é necessária algumas condições, entre elas a prática do que se pretende aprender, no entanto, essa não é uma prática mecânica e sim de criar ou simular situações sociais para que se exercite traços morais e emocionais, se assim se desejar desenvolver ou ajustar algum desses traços. Todavia além de praticar, o indivíduo deve ser consciente, ou seja, a intenção de adquirir esse conhecimento deve estar presente nele, para tal ele deve perceber porque isso é importante para sua vida.

No que se refere à educação de crianças Dewey dá grande destaque a necessidade de ela ser integrada as suas vidas, pois:

[...] a vida da criança é integral e unitária: é um todo único. Se ela passa, a cada momento, de um objeto para o outro, como de um lugar para o outro, fá-lo sem nenhuma consciência de quebra ou transição. Não há isolamento consciente, nem mesmo distinção consciente. A unidade de interesses pessoais e sociais que dirigem sua vida, mantém coesas todas as coisas que a ocupam. Para ela aquilo que prende seu espírito, constitui, no momento, todo o universo, que é assim, fluido e fugido, desfazendo e refazendo-se com espantosa rapidez (DEWEY, 1952, p.32).

O que acontece diversas vezes é que a criança chega à escola e encontra um mundo diferente do que vive no seio familiar. Encontra-se agora em um lugar onde os estudos acontecem de forma dividida e fracionada, tendo um tempo estipulado para cada atividade. As matérias e o tempo é pensada de uma forma distinta da que a criança conhece no mundo, porque o programa escolar é organizado de acordo com o olhar do adulto, por uma lógica não entendida por ela, ou seja, a divisão do programa escolar ou currículo escolar é desvinculada das experiências infantis (DEWEY, 1952).

A escola como afirma Dewey ao invés de se contrapor as experiências infantis deve valorizá-la, a fim de conseguir um ensino efetivo, fugindo de um ensino superficial e passageiro, dando lugar a um ensino global, onde a criança, o aluno é o sujeito desse ensino.

Vale destacar que em momento algum Dewey desconsidera a necessidade da criança ter contato e aprender dos saberes acumulados pela humanidade, pois são necessárias para seu crescimento e experiências. Sua grande crítica consiste em como eles são apresentados, por tantas vezes de forma isolada, sem um contexto onde tal ensino adquira um verdadeiro sentido. Já que a criança não aprenderá do nada, são necessários os estímulos adequados, pois “o verdadeiro desenvolvimento é um desenvolvimento da experiência, pela experiência” (DEWEY, 1952, p.39).

Para se utilizar os estímulos adequados é necessário o conhecimento sobre como a criança se desenvolve, o que envolve os aspectos psicológicos que encara a matéria como

experiências, ou seja, como meios de alcançar um resultado, preocupando-se com o processo, não apenas com os resultados em si. As duas devem se complementar, e não serem distintas uma da outra.

Por tudo isso, o papel do professor é indispensável para aprendizagem do aluno, assumindo papel de orientador das experiências adultas para as crianças. As matérias são entendidas como já destacado como as experiências, que o professor as guiará para que ocorra o crescimento das crianças.

Outro aspecto importante da teoria de Dewey é a necessidade do interesse, considerando que só há real aprendizagem quando o indivíduo deseja aprender o que lhe é apresentado, o que envolve aspectos emocionais e pessoais. Para que se demonstre em determinada atividade ela precisa ser importante para quem a realiza.

Dewey (1952) destaca alguns aspectos para o sentido se tornar algo interessante:

[...] a) como princípio de seleção do material de ensino, tendo em vista as experiências, forças e necessidades presentes da criança; b) ou, no caso em que a criança não perceba a importância para ela desse material, como a apresentação cuidada e inteligente desse material, de sorte que a criança venha apreciar a relação e valor, em conexão com o que já tem para ela significação e sentido. É, assim, *trazendo à consciência* as relações e a significação real do objeto novo a estudar e a aprender, que, verdadeiramente, “tornamos as coisas interessantes” (DEWEY, 1952, p.56).

Nessa educação, meios e fins, às vezes se confundem, pois um é interdependente do outro. Os meios sendo as etapas que antecedem ao fim que é o objetivo da atividade, nelas pode-se ocorrer o alargamento de um interesse que inicialmente pode ter se dado apenas para chegar a conclusão do trabalho, para o interesse da atividade pela atividade.

O verdadeiro interesse é então algo duradouro e que permite o desenvolvimento contínuo, que deve ser introduzido de acordo com a idade dos indivíduos, “em qualquer atividade que o ser humano se empenhe com interesse, há sempre uma expansão de impulsos e tendências, por certo período, de que resulta algum crescimento” (Idem, p.64).

O indivíduo então tendo interesse por sua vez irá se esforçar para o desenvolvimento das atividades, sendo esforço definido por Dewey (1952, p.65) como “persistência, continuidade da ação: tenacidade apesar dos obstáculos e dificuldades”. Em vista disto o esforço, assim como o interesse exige ação que leva um certo período de tempo para se concluir, passando por várias etapas, dependendo dele a quantidade de energia a ser gasta nas atividades, que por sua vez se relaciona com a importância que tem para o educando, ou o fim a ser atingido.

O fim ao qual se busca atingir pode ser alcançado utilizando-se diversos meios, o que envolve a reflexão da ação, onde os obstáculos ao invés de fazer o indivíduo desistir o impulsiona a refletir sobre estes meios necessários para atingi-lo. De modo que, o que torna

uma atividade verdadeiramente educativa, como afirma o autor “é o estímulo indispensável para pensar e analisar” (DEWEY, 1952, p.68). Sendo que tais atividades não devem ser nem muito fáceis por não despertar energias não prendendo sua atenção, nem difícil ao ponto de levar os indivíduos a desistirem.

Dewey acrescenta ainda o conceito de motivação, sendo um fim que nos leva à ação. Referindo-se ao ensino ela não deve ser desconsiderada pelos professores, e não ser externo ao objeto de ensino, existindo só na imaginação. Essa consideração é importante, pois ressalta o autor:

Buscavam motivos *para o estudo* ou lições, em vez de motivos *nos estudos* ou lições. Esses motivos tinham, então, que existir na *pessoa*, para o efeito de dar alguma força propulsiva à aritmética, geografia ou atividade manual que acontecesse estar ligada à lição (DEWEY, 1952, p.71).

Assim independente da matéria de ensino, ela deve estar ligada aos interesses concretos de quem recebe o ensino, para que por si só encontre motivos para estudar, ou mesmo já possua essa motivação, ou seja, os motivos devem ser internos e não externos aos indivíduos.

Outro ponto a ser destacado é que para Dewey desde o nascimento a criança aprende por experimentação, na ação de usar os órgãos dos sentidos, levando a escola a necessidade de exercitar os movimentos. Considerando a estimulação desses órgãos um caminho para se chegar à aprendizagem, realizando assim algum trabalho, definido como “esforço consciente ou refletido para se realizarem” (DEWEY, 1952, p. 79).

O que nota-se então é que toda a teoria de Dewey aponta a necessidade de o ensino partir e se relacionar com a vida dos indivíduos (vida social) que o recebem, pois como parte da sociedade ela deve manter-se integrada a ela, onde a aprendizagem verdadeira só ocorre se estiver relacionada à vida dos indivíduos de modo que se complementam. Aprender é algo contínuo que ocorre por meio das experiências vividas e partem dos interesses reais daqueles que as vivem.

## 1.2 KILPATRICK E O MÉTODO DOS PROJETOS

As ideias de Dewey inspirou em 1918, William Heard Kilpatrick (1871-1965) professor e filósofo movido desde o início de sua carreira com o processo de aprendizagem a desenvolver o “método dos projetos” unindo assim psicologia e pedagogia. Esse método centrava-se nas experiências das crianças, no qual ela é “um organismo ativo em constante desenvolvimento” (LEITE, A. 2007, p.39).

Kilpatrick percebendo os avanços pelo qual a sociedade passava, notou então que o ensino até então tradicional, no qual a preocupação estava na memorização e repetição de ideias,

já não era ideal para o progresso ao qual a sociedade caminhava, além de como já destacado os avanços na psicologia se opunham a tal ensino. Na sociedade moderna o mundo era agora governado pelos avanços da ciência, aliás, a experimentação é o que a tornou moderna (KILPATRICK, 1978).

A tendência democrática trouxe a percepção de que o homem deve ser visto como pessoa e de tal modo tratado. Com uma civilização então em mudança, Kipatrick (1978, p.49) percebe-se que ela reclama um novo ensino, com um novo método, que como já mostrava Dewey deve estar relacionado à verdadeira vida, além do mais esse ensino deve considerar os avanços da ciência, pois para acompanhar o progresso é necessário “aprender e seguir os métodos científicos”.

Percebendo uma contradição entre os que se diziam preocupados com a educação das crianças, com a tendência de afirmar que a educação é que as leva a pensar, todavia entregam-lhes um ensino pronto onde não sobrava espaço para o pensamento das mesmas e seus questionamentos. Kilpatrick (1978) mostra a necessidade de libertar as crianças para que pensem por si mesmas, só desse modo poderão se preparar para um futuro desconhecido e exercerem a democracia.

Com os referidos pensamentos o “método dos projetos”, a marca deste novo ensino são as experiências, visando o enriquecimento destas, neste sentido Kilpatrick explica:

[...] quando a criança for posta a trabalhar, a dirigir empreendimentos, e a resolver problemas, que solicitem os seus esforços presentes, no momento em que age. Dessa forma, o aprendizado e o pensamento passados são conservados vivos e ativos. Cada novo problema que for encontrado e resolvido ligará o velho ao novo e irá construindo o espírito, na razão do trabalho feito. Se isto se der, continuamente, haverá como resultado desenvolvimento continuado, e [...] continua *reconstrução da experiência* (KILPATRICK, 1978, p.83,84).

Neste método o foco é o sujeito, os alunos conduzem a finalidade dos projetos. Assim o professor ao invés de impor comportamentos realiza intervenções no ambiente para induzir a sua realização pelos alunos “a exigência que devemos satisfazer importará em auxiliá-los a ver o porquê do que se deve fazer e, quando o puderem ver, auxiliá-los a aprender a fazê-lo” (KILPATRICK, 1978, p.59). Neste sentido os projetos para o autor são “uma ação conduzida por um propósito eleito pelo indivíduo que a realiza” (LEITE, A. 2007, p.55).

O foco da proposta do ensino com projetos, como destaca Leite (2007, p.62) é a ação do sujeito, em destaque, sendo um ato proposital. De modo que, projeto para Kilpatrick consiste em uma “ação conduzida por um propósito eleito pelo indivíduo que o realiza”. Em vista disso a autonomia é uma grande marca em sua teoria.

De acordo com A. Leite (2007, p.56) para Kilpatrick “quanto mais definidas são as finalidades, maior é a probabilidade de agir de modo consciente e eficaz”. A autonomia e a ação consciente é algo exigido nesse método de ensino, pois a definição das finalidades, guiará as etapas de realização para concretização do mesmo. Sem a ação consciente dos meios necessários dificilmente conseguirá alcançar os fins propostos, por isso a finalidade educativa do referido método é “possibilitar a realização de atos propositivos pelos alunos” (p.58).

Contudo, ressalta A. Leite (2007):

O fato, portanto, de Kilpatrick conceber o propósito com fonte da aprendizagem, não implica em aceitar e fazer tudo que o aluno deseja, mas sim em estabelecer conexões entre motivações individuais e conhecimentos sistematizados e organizados (LEITE, A. 2007, p.59).

Desse modo então, a base científica estará presente no ensino, pois as experiências, a cultura da humanidade é necessária para edificar o caráter democrático e científico, não fundado no senso comum, no qual a pesquisa para seu melhor resultado deve estar sempre presente.

Como destacado o projeto tem como finalidade a resolução de um problema de cunho intelectual, na qual deve estar presente o interesse em resolvê-lo, ou caso contrário perde seu valor educativo. Assim, “como projeto, tal se configurará quando a tarefa estimular a definição de finalidades e, conseqüentemente, ativar o interesse e o esforço da criança em direção à resolução do problema” (LEITE, 2007, p.62).

O que Kilpatrick realmente busca com esse método é que as atividades escolares sejam guiadas por uma finalidade, valorizando “o ato propositivo como um impulso à construção do caráter moral e da educação não desassociada da vida” (LEITE, A. 2007, p. 64).

Neste sentido, Kilpatrick expõe:

[...] que professores e alunos trabalhem juntos, em problemas não resolvidos é, evidentemente, a mais educativa de todas as formas de trabalho escolar. A circunstância de sentir o empreendimento compartilhado por todos é estímulo seguro para que cada um dê o melhor de si. Desejamos que professor e aluno elaborem seu próprio programa. Dessa forma, ele se torna funcional, ganha sentido e intensidade (KILPATRICK, 1978, p.86).

Kilpatrick assim se opôs de forma direta ao ensino tradicional, colocando a criança de passiva frente à construção dos conhecimentos, a sujeito ativo. Assim como Dewey defendia que a educação devia ser vista como a própria vida, ao invés de uma preparação futura para a mesma, de modo que os conteúdos ensinados deviam ser definidos de acordo com “o grau de significações que propiciam sentido à vida social” (LEITE, A. 2007, p.53).

O método dos projetos, assim como os pensamentos de Dewey repercutiram em outros países, entre educadores que acreditavam em uma nova escola, entre eles destaca-se Anísio

Texeira responsável pela propagação de tais ideias no Brasil, como será abordado no próximo tópico.

### 1.3 ANÍSIO TEXEIRA E O MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA NO BRASIL

O movimento Escolanovista, com raízes nas ideias de Dewey, nascida no final do século XIX, nos Estados Unidos e Europa surgiu no Brasil num momento de modernização da sociedade, período em que se caminhava para uma sociedade democrática, o que segundo Leal (2004) levou a necessidade de um novo ensino e uma nova escola, de tal modo que Anísio Texeira (1900-1971), em especial na década de 1930, tendo como base do movimento da Escola Nova a ideia que o verdadeiro conhecimento provinha da experiência, ou seja, o ensino devia ser algo a ser experimentado na prática, como defendia Dewey e seus seguidores. A educação assim assumiria um caráter científico, que vincularia teoria e prática. Portanto como outros escolanovistas viam na educação um meio de transformação social, é neste movimento que Texeira traz a ideia de se trabalhar com o “método dos projetos” nas escolas brasileiras.

Assim como os demais autores já mencionados Texeira defendia uma mudança do conceito da velha escola, na qual a escola deveria preparar os alunos para um futuro desconhecido, preparando-os para resolver seus próprios problemas. Isto se devia ao fato de que as mudanças ocorridas na sociedade alteraram também as estruturas das famílias, do trabalho e da vida dos indivíduos em geral, fazendo surgir novos problemas, problemas estes que a educação devia resolver (TEXEIRA, 1930).

A noção de democracia, onde cada indivíduo é visto como pessoa de direitos e deveres que devem ser respeitados, entendido como um modo de vida, exige da educação uma formação em que “o homem deve ser capaz, economicamente e individualmente e o homem deve se sentir responsável pelo bem social. Personalidade e cooperação são os dois polos dessa nova formação humana que a democracia exige” (TEXEIRA, 1930, p.8).

A nova escola tem como fim ajudar os estudantes a resolver seus próprios problemas, sejam eles de ordem moral e humano, que para ser alcançado demanda “um novo programa, um novo methodo, um novo professor [...]” (TEXEIRA, 1930, p.12).

Nessa nova concepção de escola aprender assume um novo sentido, ao invés de memorização, passa a se adquirir um novo modo de agir, obter determinadas habilidades “Nós aprendemos, quando assimilamos uma cousa de tal jeito, que chegado o momento oportuno nós sabemos agir de acordo com o aprendido” (TEXEIRA, 1930, pp.12,13).

Desse modo aprendemos quando em dada situação nosso organismo reage dando a resposta àquilo que nos foi apresentado. E para aprendermos é necessária ainda a prática em

situação real de experiência, ou seja, a prática deve se dá na vida, não se referindo apenas aos conteúdos, mas especialmente a prática de valores morais e sociais, que são aprendidos criando-se situações reais para seu exercício.

A escola nova como já mostrada apoia-se nas descobertas da psicologia da aprendizagem, sendo a escola parte da sociedade deve ela então preparar para nela viver.

Assim, Texeira defende a mesma ideia no quesito modelo de escola, que seguindo as ideias de Kilpatrick deve ser:

1-Uma escola de vida e de experiência para que sejam possíveis as verdadeiras condições do acto de aprender. 2-Uma escola onde os allumnos são activos e onde os projetos formam a unidade typica do processo de aprendizagem. Só uma atividade querida e projectada pelos allumnos pode fazer da vida escolar uma vida que elles sintam que vale a pena viver. 3-Uma escola onde os professores sympathisem com as crianças sabendo que só atravez da atividade progressiva dos allumnos podem elles se educar; isto é, crescer; e que saibam ainda que crescer; é ganhar cada vez mais e melhores e mais adequados meios de realizar a propria personalidade dentro do meio social onde o allumno vive (TEXEIRA, 1930, p. 15).

Assim a nova escola tem como material a própria vida, se trabalha através de projetos ou centros de interesses, e busca-se executar um projeto ou resolver um dado problema. Nela ensina-se guiando os alunos nas atividades e utilizando os conhecimentos acumulados, que aqui são as experiências humanas anteriores. Os alunos são ativos, não apenas ouvintes. Eles realizam trabalhos que por sua vez devem interessá-los, pois disso depende a absorção pelo organismo, o que faz necessário os alunos quererem aprender o que lhes pretendem ser ensinado.

Só em uma atividade onde todos trabalhem com o sentimento de que participam, como indivíduos, da actividade colectiva, que é também a sua, podemos nós realizar as condições de responsabilidade e de prazer que são indispensáveis para o crescimento educativo dos allumnos e para a sua preparação para a participação na sociedade adulta (TEXEIRA, 1930, p.17).

Um marco na renovação da educação brasileira ocorreu em 1932, com o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova tendo como um de seus principais líderes Anísio Texeira que pode propagar suas ideias desse ensino que visava à formação de cidadãos democráticos (LEAL, 2004).

Esse documento contemplava uma educação pública gratuita e de qualidade defendendo que a educação é um direito que deve ser assegurado a todos, oportunizando assim que as classes populares se igualassem a elite. Educação essa que deveria contar com participação das famílias e comunidade para que de fato ocorresse uma educação acoplada a vida. Além de ser uma educação vinculada ao desenvolvimento das ciências, esse ensino desde a educação infantil

ao ensino superior seria mediado pelos princípios científicos que enquadravam observação, pesquisa e experimentação de modo a todos poderem progredir junto aos avanços da sociedade (TEXEIRA, 1984).

As ideias dos teóricos Dewey, Kilpatrick e Anísio Texeira, no que refere-se ao Brasil, formam a base da então conhecida hoje como Pedagogia de Projetos, que conforma uma educação para vida, a qual será explicada a partir do próximo tópico tal como configura-se atualmente com base nos mais recentes estudos da temática.

## **2 PEDAGOGIA DE PROJETOS COMO PRÁTICA FAVORECEDORA DA CONSTRUÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

### **2.1 PORQUE TRABALHAR COM PROJETOS**

A palavra projeto é algo que geralmente ouve-se no cotidiano; projeto de vida, projeto de pesquisa, projeto político, projeto pedagógico, e outros. Portanto é relevante perguntar: o que é projeto?

Esta palavra de origem latina “projectu” e significa lançar para frente. É definida também pelo dicionário informal (2010), como “plano para realização de um ato; esboço. O que se tem intenção de fazer; desígnio; intento; plano de realizar qualquer coisa”.

Todos os adjetivos passam a ideia de algo que ainda será realizado, uma forma de planejar, ou se pensar o que ainda não aconteceu, no entanto se deseja. Assim sendo, um projeto é algo que existe por uma série de ações articuladas que o faz tornar-se real aos poucos, neste sentido Machado (1997 apud NOGUEIRA, 2008, p.30) o define como “esboço, desenho, guia de imaginação ou semente da ação, um projeto significa sempre uma antecipação, uma referência ao futuro”. Ou seja, o projeto é um vislumbre futuro que parte de uma situação presente para acontecer, de modo que sem ação ele não se concretiza (ALMEIDA, 2002).

A Pedagogia de Projetos não é algo muito recente, contudo vêm ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas de estudiosos interessados na aprendizagem dos alunos e na formação de sujeitos capazes de atuar conscientemente na sociedade e competentes para o mercado de trabalho, como também de gerir suas vidas, entre os fatores estão as constantes transformações que ocorrem na sociedade em um ritmo acelerado, levando as pessoas a terem de se adaptarem a tais, levando assim também a necessidade de uma mudança na educação.

A crise de função e identidade a qual a escola vem enfrentando levou a diversas reflexões o que levam também a necessidade da integração da educação escolar com a formação social, visando uma educação integral. O que pode ser percebida na afirmação de Demo (2011):

Se queremos um cidadão competente formal e politicamente, a aula meramente expositiva apenas atrapalha e faz da escola acentuadamente uma perda de tempo. Será mister preferir didáticas reconstrutivas, que sejam mais aptas a estabelecer o relacionamento fecundo de sujeitos (DEMO, 2011, p.56).

Esse reconhecimento da necessidade de mudança na educação deve-se em especial aos avanços da psicologia da aprendizagem que reconhecendo o processo de ensino aprendizagem de forma diferenciada do então ensino tradicionalista que sempre concebeu o adulto como o modelo ao quais as crianças e jovens devem espelhar-se, que ocorria de forma passiva, no qual o aluno era receptor do ensino, o recebendo por meio da transmissão, sobretudo a oral e exigia-

se a reprodução dos que lhes era exposto como prova de que tendo aprendido estavam aptos a prosseguir de série.

O ensino baseado nos projetos é como considera Hernández (1998), uma forma de transgredir a concepção de ensino-aprendizagem, onde o currículo centrado em disciplinas é considerado distante da vida real dos alunos e da própria visão da escola.

Neste sentido, Hernández e Ventura (1998, p.61) destaca a função do projeto como sendo:

Favorecer a criação de estratégias de organização os conhecimentos escolares em relação a: 1) o tratamento da informação, e 2) a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de conhecimentos, a transformação da informação procedente de diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998, p.61).

De modo geral a Pedagogia de Projetos busca colocar os alunos como centro do processo de ensino aprendizagem, considerando-os não como seres passivos de ensino, mas como os principais responsáveis pela construção da aprendizagem, ocorrendo de forma dinâmica com ativa participação dos mesmos, de modo a contrapor-se de forma direta ao ensino tradicional.

É importante frisar que não se coloca aqui os projetos como única forma de se trabalhar os conhecimentos escolares, ou que seja ela que causará a mudança na educação, e sim como um meio que apresenta alternativas viáveis para que ela ocorra, sendo que segundo Kilpatrick (1972), e Hernández (1998), o trabalho mediante projetos pode ser considerado o que melhor engloba todas as necessidades atuais da nossa sociedade e da educação. E como no princípio, os projetos trazem consigo a mesma ideia e “traz implícito os conceitos de cidadania e democracia” (ALMEIDA, 2002, p.36). Promovendo assim, a vinculação da educação escolar com o mundo do trabalho e a prática social, como prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional– LDBN 9394/96 em seu art. 1º, parágrafo 2º.

Outro diferencial do ensino mediante projetos é que esse trabalho não segue linearidade, mas ocorre curricularmente por interações, promovendo um pensar reflexivo nos alunos e dotando-os de recursos para o conseguirem, além de gerar o rompimento com o tempo fragmentário da escola e desenvolver-se exclusivamente na sala de aula.

A pedagogia de projetos atualmente é na realidade uma reinterpretção das ideias apresentadas na contextualização histórica, e é uma das contribuições da pesquisa-ação onde o ensino parte de baixo para cima, ou seja, das problemáticas reais as quais se encontram a escola, ou sala de aula. Sendo interpretado como um ensino para compreensão, pois como afirma Dewey (1952), não é possível aprender aquilo que não se compreende. Assim sendo, um ensino

pela memorização como acreditavam muitos especialistas não pode ser considerada uma boa estratégia de ensino.

Sendo assim, Hernández (1998) expõe:

A finalidade do *ensino* é promover, nos alunos, a compreensão dos problemas que investigam. Compreender é ser capaz de ir além da informação dada, é poder reconhecer as diferentes versões de um fato e buscar explicações além de propor hipóteses sobre as consequências dessa pluralidade de pontos de vista (HERNÁNDEZ, 1998, p.86).

Fica evidente então que a função do ensino nos projetos é que além de buscar informações, aprendam o sentido do que é estudado, como analisar e realizar interpretações sendo capazes de criar relações e sistematizar as ideias, de modo que após todo o processo, da realização de cada etapa possa ficar evidente que o aluno de fato aprendeu, mesmo que isso ocorra de forma simples.

Nos projetos o aluno deve saber onde poderá tal conhecimento, além de ser desafiador. Tendo o trabalho procedimental destacado valor pois, de acordo com Nogueira (2008, p.27) “colocam os alunos diante de diferentes situações e desafiam-nos a resolver os problemas previamente propostos ou aqueles que se apresentarem durante o percurso”. Esta formação deve ir além de uma preparação para o futuro mercado de trabalho como ainda explicado pelo autor:

De nada adianta formarmos engenheiros, advogados, arquitetos etc; pois o mercado já possui centenas deles, muitos dos quais desempregados. Precisamos sim formar esses profissionais com o máximo possível de capacidades para inserirem-se plenamente em uma sociedade cada vez mais exigente e terem um bom equilíbrio emocional, pois vão precisar disso para suas escolhas e caminhos em busca da plena felicidade (NOGUEIRA, 2008, p. 27).

De tal modo, o projeto é entendido como algo que exige ação, mas antes disso é um sonho, um vislumbre para o futuro, e assim sendo, o que acontece por vezes são os projetos sendo planejados pela coordenadora pedagógica, decidindo desde o tema a como será realizado, mas seria bom questionar essa ação mesmo sendo está realizada de boa vontade, pois os projetos precisam ser pensados junto aos seus atores.

Se consideramos um projeto a realização de um ato de projetar, sonhar etc; como a coordenadora pedagógica pode “sonhar” ou vislumbrar os interesses e necessidades de seus executores (alunos)? Por outro lado, os alunos vão realizar as atividades planejadas pela coordenação pedagógica. É possível “sonhar” os sonhos de terceiros? (NOGUEIRA, 2008, pp. 31,32).

Dentro deste trabalho os professores têm seu papel, pois o projeto é coletivo, e ele deve participar e orientar os alunos como mediador “dando sugestões de ações e procedimentos e provocando a independência libertadora de seus alunos (neste caso dando autonomia)” (NOGUEIRA, p. 48-49).

O trabalho com projetos é assim, uma estratégia facilitadora do trabalho voltado à globalização, ou seja, levando os alunos a enxergar além das disciplinas, interpretando o mundo e a realidade social ao qual estão inseridos.

Segundo Kleiman e Silvia (1999), a escola tem o dever de educar para sociedade, mas na realidade isso pouco acontece porque a educação vai além de transmitir conhecimentos, mesmo que isso também seja importante. A escola deve ensinar os alunos a selecionar e organizar seus conhecimentos de forma pessoal em uma rede de conhecimentos, e para este ensino se concretizar consideram o trabalho com projetos relevantes para a vida social e as transformações que nela ocorrem.

O trabalho por projetos tornam-se uma possibilidade de se romper com essa hierarquia alienante, dentro do ambiente escolar que afirma educar para cidadania e ao mesmo tempo forma pessoas passivas e conformistas por terem de obedecer a todo tempo disciplinas sem questionarem nada, tornando o aluno o último a ser ouvido, tornando-os alienados, já que seu destino na escola já está traçado. (KLEIMAN; SILVIA, 1999).

As autoras relatam ainda o desenvolvimento americano e orientam a integração do currículo no Ensino Fundamental. E que estes partiram da certeza de que as experiências educacionais são mais verdadeiras quando refletem a vida real dos alunos, que não é organizada disciplinarmente. Tal instrução é o que responde melhor às necessidades e curiosidades dos alunos gerando uma “aprendizagem produtiva e atitudes positivas em relação a escola e os professores” (KLEIMAN; SILVIA, 1999, p.27).

Apesar da aprendizagem está relacionada a vida dos alunos e professores, não significa que será ensinado somente o que os alunos desejam saber, como mostra Hernández (1998), este seria apenas um modo de limitar as aprendizagens que são necessárias aos estudantes, atividades que se bem conduzidas e contextualizadas podem tornar-se interessantes, buscando assim novas interpretações da realidade.

[...] a cultura escolar adquire a função de refazer e renomear o mundo e de ensinar os alunos a interpretar significados mutáveis com que os indivíduos das diferentes culturas e tempos históricos dotam a realidade de sentido ao mesmo tempo que lhes abre as portas para compreender suas concepções a as de quem os rodeia (HERNÁNDEZ, 1998, p.28).

Além do mais destaquemos o atual mercado de trabalho e todas suas novas exigências, e Nogueira (2008), comenta a importância da formação integral de um sujeito com diversas habilidades hoje exigidas pelo próprio mercado de trabalho, e a escola tendo um papel primordial neste sentido, pode utilizar-se de um trabalho procedimental, por projetos para

alcançar este objetivo. É importante ainda, para formar um sujeito autônomo, capaz de tomar iniciativas e/ou resolver problemas por conta própria.

Entendendo também que para tornar este ensino possível, uma das possibilidades é por um trabalho procedimental, ideia que corrobora com Hernández e Ventura (1988), e aqui explicada segundo Nogueira (2008), é o processo de colocar o aluno em prática, ou seja, em ação na sua formação, fazendo os conteúdos adquirirem consciência prática, de forma que entendam para que serve e onde poderão usar o conhecimento, o “saber fazer”, e tal consciência também dará significatividade ao conhecimento, de modo que os alunos estejam intrinsecamente motivados na realização das atividades.

Hernández (1998) indica algumas capacidades que podem ser desenvolvidas mediante esse ensino como, autodireção, formular e resolver problemas, integrar ideias e experiências a informações e disciplinas, tomar decisões e representar suas opiniões contrastando com outros pontos de vista.

## 2.2 A APRENDIZAGEM NOS PROJETOS

Faz-se necessário entender alguns elementos chave dessa prática de ensino baseada na psicologia, definida como psicologia da educação por considerar as estruturas cognoscitivas dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, considerado primordial para sua concretização. De modo que essa prática de ensino baseia-se numa visão ou teoria construtivista do conhecimento que ganhou maior destaque na década de 1980, na qual a interação é um elemento desencadeante da construção do conhecimento, que depende das modificações dos esquemas que o aluno já tem internalizado. Entretanto, para tal modificação nestes esquemas conforme destaca Cool (1994, p.131):

A atividade construtivista do aluno não aparece como uma atividade individual e sim como parte de uma atividade interpessoal que a inclui. A atividade cognitiva do aluno que está na base do processo de construção e modificação de esquemas inscreve-se, de fato, no domínio de uma interação ou interatividade, em primeira instância professor-aluno, mas também aluno-aluno (COOL, 1994, p.131).

Em relação à primeira forma de interação, professor-aluno, e que é destacada como a principal no processo de construção de aprendizagem, faz-se necessária o entendimento de como se dá o papel do professor já que, o responsável final pela aprendizagem é o aluno.

Na visão construtivista, na qual o método dos projetos está inserido segundo Cool (1994, pp.156-157) “o professor é um guia e mediador ao mesmo tempo”. Assim, apesar de inicialmente parecer que o papel do professor é insignificante, ele assume o papel de ampliar e

aprofundar o grau dos significados a serem construídos e determina a direção, os conhecimentos a serem construídos.

O professor atua em sua intervenção no momento que Vygotsky (1991, p.58) denomina zona de desenvolvimento proximal, que “define aquelas funções que ainda não amadureceram, funções que amadurecerão [...]”<sup>2</sup>.

A Pedagogia de Projetos reconhece para que haja compreensão do que é estudado a aprendizagem precisa ser significativa, conceito este definido por David Ausubel em sua teoria como “um processo pelo qual uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo [...] A aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação ancora-se em conceitos relevantes preexistentes (MOREIRA; MASINI, 1982, p.7).

O reconhecimento da necessidade do ensino partir da realidade social dos alunos torna-se mais acentuada, já que, é necessária para inserção de novos conceitos, para as aprendizagens escolares, dando real sentido, partindo de algo no qual os alunos mesmo tendo concepções consideradas errôneas poderá ser corrigidas no decorrer do processo como apreendidos novos conceitos no decorrer do trabalho que serão necessários no avançar do trabalho.

De acordo com Ausubel é na interação entre os conceitos já existentes na estrutura cognitiva advinda das experiências dos indivíduos, que capacitará o desenvolvimento de novas aprendizagens, ou aperfeiçoamento de conceitos já existentes.

A apresentação de conceitos pode ser tanto de forma empírico-concreta, que ocorre em maioria durante a infância, e após a infância com maior frequência de forma receptiva, embora não se despreze a anterior.

A aquisição de conceitos podem ser usados para diversas finalidades, como “1.aquisição de novos conceitos; 2.categorização perceptual da experiência; 3.solução de problemas; 4.percepção de novos significados dos conceitos e proposições previamente aprendidos” (MOREIRA; MASINI, 1982, p 33).

O uso dos conceitos prévios bem como apresentação de novos conceitos será imprescindível no decorrer de um projeto, sendo que às vezes o professor necessitará utilizar aulas expositivas para explicação de conceitos que surgirão como forma de avançar no trabalho para torná-lo mais científico, sendo esta uma das funções da escola.

Dito isso, Hernández e Ventura (1988, p.57) corrobora ao alegar que para haver um ensino globalizado é necessário ter uma nova concepção e mudar de atitudes diante do ensino, o que implica uma estruturação psicológica da aprendizagem, sendo ela reconstrutiva e

---

<sup>2</sup>O trabalho não tem a intenção de se aprofundar no assunto, portanto, para maiores informações ver Vygotsky (1991) “A Formação Social da Mente”.

construtiva, apoiando-se na premissa psicopedagógico de tornar o conhecimento significativo, que necessita estabelecer uma relação com o que o aluno já sabe com seus esquemas internos e externos de referência, e “além disso, que cada aluno pode ter concepções errôneas que devem ser conhecidas para que se construa um processo adequado de aprendizagem”. Assim sendo:

[...] a aprendizagem não se realiza por uma simples adição ou acumulação de novos elementos à estrutura cognoscitiva do aluno. Essa visão assume, pelo contrário, que as pessoas estabelecem conexões a partir dos conhecimentos que já possuem e, em sua aprendizagem, não procedem por acumulação, e sim pelo estabelecimento de relações entre as diferentes fontes e procedimentos para abordar a informação. É, portanto, uma forma diferente de conceber a relação de ensino-aprendizagem (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1988, p. 57).

A pedagogia de projetos baseada na premissa construtivista como assinalado, vai muito além da questão cognitiva preocupando-se com a formação integral do sujeito, considerando as particularidades de cada aluno, o que significa dizer que as interpretações que serão feitas ou suas dificuldades nem sempre estão relacionadas a déficits cognitivos, mas as interações e o contexto em que os alunos vivem os quais não podem ser desconsiderados, e sim respeitados e valorizados. Por isso o contexto, e a cultura em que o aluno vive fora da escola é necessário quando pensa-se em como ensinar e como aproximar a realidade social para passar dos conhecimentos próprios do senso comum, aqui nunca desprezados e utilizados como ponto de partida para o ensino escolar que devido aos avanços do mundo moderno, e baseado na experimentação, de modo a acompanhar o progresso é necessário “aprender os métodos científicos”, aprendendo assim a sistematizar esses conhecimentos (KILPATRICK, 1972, p.49).

Os projetos ainda consideram que a aprendizagem não ocorre apenas por meio do ensino conceitual, todavia também pelo fazer manual e artesanal.

[...] presta-se atenção à forma, ao modo em que se apresenta o trajeto realizado por um tema ou um problema. E inclusive pode ser tema de um projeto a realização do planejamento material de um “objeto” (reconstruindo sua história e valor simbólico). Daí que a “apresentação” de um projeto implique recuperar toda uma série de habilidades que nossa cultura tenda a menosprezar, mas que é indubitável que dotam os alunos de novas estratégias e possibilidades para dar respostas às necessidades que vão encontrando em suas vidas (HERNÁNDEZ, 1998, p.86).

Nos projetos pensa-se então possibilitar aos alunos o desenvolvimento de variadas habilidades que serão úteis a vida social, que servirão para vida imediata como para o futuro. Mais uma vez é notável que os projetos valorizam e inserem não apenas trabalhos de ordem cognitiva, nele trabalha-se todos os órgãos dos sentidos que também são responsáveis pela aprendizagem, por isso, mesmo que nem todos os momentos, mas com certa frequência

inserem-se trabalhos práticos com a construção de materiais e a retomada de aspectos às vezes esquecidos pela escola, que é o resgate histórico-cultural.

Os projetos na teoria construtivista torna-se então um elemento essencial, pois “aprender a pensar criticamente requer dá significado à informação, analisá-la, sintetizá-la, planejar ações, resolver problemas, criar novos materiais ou ideias, e envolver-se mais na tarefa de aprendizagem” (BRUNER, 1919, p.10 apud HERNÁNDEZ, 1998, p.72).

A exemplo disso temos um modelo de escola destaque por trabalhar com projetos, a espanhola Escola Pompeu Fabra, de Barcelona, onde o professorado sentindo-se insatisfeitos com o resultado de suas práticas diante da globalização do ensino ansiaram uma mudança no currículo da escola. Experiência essa singular, mas que segundo Hernández e Ventura (1988) estabelece conexões e abre possibilidades de trabalho a partir das referências comuns que afetam as diversas escolas.

É importante entender que a reforma educativa que aconteceu na Escola Pompeu Fabra, foi de “baixo para cima”, que é diferente do que se costumam fazer implantando os currículos na escola, de forma que o professorado desta escola estabeleceu seu próprio Projeto Curricular Institucional, utilizando “os projetos como forma de organizar os conhecimentos escalares” (HERNÁNDEZ; VENTURA 1988, p. 31).

Num primeiro momento, esteve vinculada à reflexão sobre o que significava acompanhar o ritmo de cada uma das crianças e, em função dessa reflexão, em como planejar atividades nas quais as respostas não tivessem que ser as únicas e nas quais a maneira de executá-las pudessem sugerir novos caminhos para que cada um dos estudantes encontrasse seu próprio lugar e desenvolvesse seu próprio estilo de aprendizagem (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1988).

Buscar uma aprendizagem globalizada implica além disso os alunos compreenderem a si mesmo e o mundo em que vivem. E para que isto aconteça é necessário que ele tenha os meios necessários, desde saber onde acessar as informações e interpretar as mesmas. Na escola como destaca Hernández (1998), o aluno precisa ter consciência de seu papel como aprendiz, nesse processo o papel do professor é como mediador e facilitador, sendo a interação com a turma muito importante.

O processo de ensino-aprendizagem adquire uma nova perspectiva nessa forma de trabalho, como indicado por L. Leite (1996, p.26):

[...] Nessa postura, todo conhecimento é construído em estreita relação com o contexto que é utilizado, sendo por isso mesmo impossível separar aspectos cognitivos, emocionais e sociais presentes nesse processo. A formação dos alunos não pode ser

pensada apenas como uma atividade intelectual. É um processo global e complexo, onde conhecer e intervir no real não encontram-se dissociados (LEITE, L. 1996, p.26).

Não deve-se cair em extremos passando de um ensino totalmente centrado nos conteúdos, disciplinas que não consideravam as experiências dos alunos, nem centrar-se apenas nas experiências e interesses dos alunos. A Pedagogia de Projetos integra os dois processos o globalizando, de modo que essa “concepção globalizante permite aos alunos analisar os problemas, as situações e os acontecimentos dentro de contexto e em sua globalidade, utilizando para isso, os conhecimentos presentes nas disciplinas e sua experiência sociocultural” (LEITE, L. 1996, p.4).

### 2.3 A PEDAGOGIA DE PROJETOS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Diferentemente de como era interpretado inicialmente à pedagogia de projetos não pode ser entendida como um método ou metodologia de ensino, pois a palavra método vem de uma concepção filosófica que tem como finalidade conhecer a realidade ou resolver um problema e conhecer é algo tão complexo que acaba por cair no reducionismo. Quando ouve-se falar de método, na verdade fala-se de técnica, uma sequência de passos a serem seguidos e que pode ser executado a qualquer circunstância ou realidade (Hernández, 1998).

Os projetos adquirem valor por meio da vinculação da teoria-prática, relacionando-a com a vida social, ou seja, a formação de um sujeito crítico-reflexivo para atuar de forma ativa e transformadora, acaba por tornar-se apenas a formação de um como tantos outros passíveis de aceitar o que lhes impõe como verdade única e imutável. Desse modo torna-se claramente visível o principal foco dado a educação pensada por Dewey e Kilpatrick acaba se perdendo, dado ao trabalho equivocado ou reducionista a qual essa concepção pedagógica tem sido submetida.

Dito isto, Hernández (1998) explica porque os projetos não devem ser encarados como métodos, pois:

a) não há uma sequência única e geral para todos os projetos. Inclusive quando duas professoras compartilham uma mesma pesquisa, o percurso pode ser diferente; b) o desenvolvimento de um projeto não é linear nem previsível; c) o professor também pesquisa e aprende; d) não pode ser repetido; e) choca-se com a ideia de que se deva ensinar do mais fácil ao mais difícil; f) questiona a ideia de que se deva começar do mais próximo (a moradia, o bairro, as festas, etc) da mesma maneira que não se ensina primeiro as vogais, depois as consoantes, as sílabas, as palavras, a frase; g) questiona a ideia de que se deva ir “pouco a pouco para não criar lacunas nos conteúdos”; h) questiona a ideia de que se deva ensinar das partes para o todo, e com o tempo, “o aluno estabelecerá relações” (HERNÁNDEZ, 1998, pp.78-79).

Assim fica evidente que os projetos não se configuram como um método, e muito menos deve ser reduzido a tal, já que, leva em consideração o contexto da sala de aula, e não segue à risca

uma ordem, pois é flexível e adaptável às mudanças quando necessárias, além de gerar reflexão, ou práxis pedagógica (ação-reflexão-ação) o que não ocorre quando algo é pré-determinado rigorosamente como em uma receita, o que se pode encontrar são exemplos e não modelos a serem seguidos à risca.

Almeida (2002) exemplifica o diferencial entre uma atividade temática de um projeto. A atividade temática gira em torno de um tema, por ela citada a Copa do Mundo, a qual já tem um roteiro previamente preparado definindo, cada um dos seus passos durante uma determinada quantidade de aulas. Enquanto os projetos são sempre flexíveis e abertos a mudanças de acordo com as necessidades dos sujeitos envolvidos.

Sendo assim, os projetos apenas serão uma prática pedagógica inovadora se não caírem na rotina, pois assim perderá o seu principal objetivo, que é colocar-se como algo diferente, desafiador e dinâmico. É necessário sempre buscar novas formas de abordar as temáticas, bem como trabalhar novas problemáticas e novos procedimentos.

Devido a estruturação do atual currículo escolar e as exigências por parte da coordenação os projetos acabam tendo de ajustar-se a tais, no entanto sem perder seus princípios, tendo então a necessidade de um projeto que tenha início, meio e fim, contudo, ele precisa deixar abertura para realização de outros trabalhos.

Os projetos também não precisam ser algo grandioso e envolver toda a escola, o necessário é que neles alunos e professores sejam os sujeitos da aprendizagem e seus executores, ou seja, eles não devem ser elaborados por terceiros para que outros os realizem.

Prado (2005, p.13) destaca um ponto importante em relação aos projetos sendo eles uma maneira de repensar a função da escola, e que “não existe um modelo pronto e acabado que dê conta de toda complexidade e que envolve a realidade da sala de aula, do contexto escolar”.

Tal realidade são as diferenças encontradas em sala de aula pelo professor, cada turma é um “mundo” que se difere das outras, o que põe o professor na posição de também compreender que um projeto, ou o modo de desenvolvê-lo numa turma, ou projetos que já foram realizados em outros momentos, não sejam úteis para atender as necessidades de aprendizagens atuais. O professor pode refletir sobre projetos anteriores como forma de reconstruir sua prática de ensino.

A autora destaca ainda que “o compromisso educacional do professor é justamente saber o que, como, quando e por quê desenvolver determinadas ações pedagógicas” (PRADO, 2005, p.16). Sendo assim, o professor precisa conhecer como se dá a aprendizagem para melhor orientar o aluno na reconstrução da aprendizagem, significa dizer que apesar dos projetos estarem ligados a interdisciplinaridade, às vezes se faz necessário trabalhar matérias separadas

para o entendimento de alguns conceitos, para haver a devida conversa entre as disciplinas, ou compreensão de como se relacionam.

O importante como ressalta Prado (2005), é o trabalho com projetos não se tornar uma camisa de força que engesse o trabalho do professor, tornando o trabalho uma obrigação e perdendo o foco que deve ser dado ao ensino-aprendizagem.

Com tudo pode-se perceber que a Pedagogia de projetos centra-se na resolução de problemas, em desenvolver capacidades e habilidades úteis para enfrentar o futuro incerto, desconhecido em uma sociedade que sofre constantes transformações e parte da ideia de uma educação para vida, ou seja, que é útil na vida imediata dos alunos fazendo-a ganhar maior sentido para os alunos, para desde já exercerem a cidadania do melhor modo possível, como estarem preparados para o que poderão enfrentar futuramente.

## 2. 4. DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO: ETAPAS E ATORES

### 2.4.1 Inicialização

O desenvolvimento de um projeto inicia-se com a decisão do tema ou problemática, esta é uma etapa de suma importância, pois dela dependerá todo o desenvolvimento do mesmo.

O tema pode surgir de diferentes maneiras, de uma discussão junto aos alunos referente a algo emergente no momento, de temas de projetos anteriores para serem aprofundados, de “recados” simbólicos que alunos deixam pela classe, questões referentes à violência, cuidado com o corpo e diversos outros temas que se relacionam com o “que ocorre dentro do ambiente escolar e que podem sugerir bons e significativos projetos” (NOGUEIRA, 2008, p.62).

Em determinadas situações os alunos podem sugerir temas de seus interesses, todavia os projetos também podem ser programados pelo professor com a finalidade de cumprir determinados objetivos do Projeto Político Pedagógico (P.P.P.) da escola, como explicita Nogueira (2008), o professor terá então que convencer os alunos de que o tema é necessário para eles e criar táticas para motivar a turma a se interessar e se envolver com o projeto proposto.

No que se refere ainda à escolha do tema, Hernández e Ventura (1998) acrescenta:

[...] não se baseia num “porque gostamos”, e sim em uma relação com os trabalhos e temas precedentes, porque permite estabelecer novas formas de conexão com a informação e a elaboração de hipóteses de trabalho que guiam a organização da ação. Na etapa inicial, uma função primordial do docente é mostrar ao grupo ou fazê-lo descobrir as possibilidades do Proposto (o que se pode conhecer), para superar o sentido de quere conhecer o que já sabem. (HERNÁNDEZ; VENTURA 1998, p.68).

Desta maneira, o professor assume o papel de mediar e orientar as decisões que apesar de basear-se em algo que realmente faz sentido para os alunos e que seja de seus interesses, ele

tem que mediar às discussões acerca do tema de modo que fique explícito aos alunos que o mais importante são as possibilidades de aprendizagem que estarão envolvidas no decorrer do projeto, partindo sempre primeiramente de uma problematização junto à turma para sondarem se possuem e quais são os conhecimentos prévios referentes ao que será estudado.

Feito isto o professor buscará fazer uma previsão dos conteúdos que estarão presentes, fontes para começar a busca pelas informações. Além do mais deve estar sempre instigando os alunos a buscarem novos conhecimentos. Outra função do professor é a de realizar o planejamento de suas ações, tratando-se das estratégias de mediação.

O planejamento deve conter o período de realização do projeto (previsão), as turmas envolvidas, os professores e disciplinas que vão participar, a previsão de recursos humanos e materiais e principalmente os objetivos. Impossível entrar em um projeto sem intenções, portanto é fundamental que os objetivos sejam planejados nesse momento. (NOGUEIRA, 2008, p.66).

Nogueira (2008, p.66) alerta ainda o cuidado que se deve ter ao escolher objetivos para projetos de curto prazo “eles devem ser simples e VERIFICÁVEIS após o término do processo”. No entanto independente da duração do projeto, o professor deve perceber se o objetivo foi alcançado ou não, criando meios para serem verificados.

Em relação aos objetivos, L. Leite (1996, p.28) ressalta que quando o projeto tem objetivos que são importantes para aqueles que o executarão, isso gerará a necessidade de aprendizagem. Como também nesse trabalho os alunos estarão em contato com os conteúdos disciplinares, entendidos aqui como experiências culturais, mas não somente a partir de conceitos abstratos e de modo teórico, como ocorre de praxe nas escolas, os conteúdos deixam de ser um fim em si mesmos e passam a ser meios “para ampliar a formação dos alunos e sua interação com a realidade, de forma crítica e dinâmica”.

Um dos importantes aspectos dos projetos é o desenvolvimento da autonomia por parte dos alunos, portanto não seria adequado fixar ou descrever objetivos e ações que devem ser seguidas pelos mesmos, essas decisões devem ser tomadas pelos alunos sob a orientação do professor.

Durante o planejamento os alunos também participam para poderem “compreender sua importância e necessidade, porém entendendo o conceito de flexibilidade e maleabilidade”. (NOGUEIRA, 2008, p.79).

O planejamento do qual os alunos também devem participar os possibilitará desenvolver o ato de planejar que estará presente na vida dos mesmos constantemente, aprenderão a estruturar suas ações, de modo a não ficarem perdidos na hora de executar as atividades, ou sempre esperar que alguém os diga o que tem que ser feito.

O planejamento sendo algo de suma importância na formação dos alunos deve ser uma estrutura do que será realizado cada dia, o professor deve sempre questionar as escolhas dos alunos. Nogueira (2008) sugere que sejam feitas as perguntas: O quê? Por quê? Como? Quando? Quem? Quais os recursos? Essas questões os ajudarão a traçarem o melhor caminho para resolução do problema.

#### **2.4.2 Desenvolvimento**

A execução do projeto é a ação daquilo que foi planejado. O aluno se torna ativo no processo desenvolvendo diversas ações para resolver os problemas que lhes serão apresentados, neste momento as competências podem ser desenvolvidas e aprimoradas.

Os alunos são um dos responsáveis pela busca de informações, o que lhes proporciona autonomia e apropriar-se do tema, dependendo do contexto social nem sempre tem acesso a algumas fontes, portanto se faz importante que a escola possa oferecer alternativas para essas buscas, sendo uma delas a biblioteca com diversos recursos que podem auxiliar os alunos. Embora se saiba que nem sempre as escolas dispõem de bibliotecas ou salas de informática, fazendo necessário buscar outras alternativas.

O professor durante a execução do projeto deve estar atento ao acompanhamento das atividades dos alunos para auxiliá-los no que for necessário.

O acompanhamento é fundamental para correção de rotas, depuração, orientação, inclusão de conceitos, ajustes de hipóteses e até para o próprio ato de investigação, pois o professor é um dos membros desse processo e como tal também investiga, descobre e busca soluções para os problemas. (NOGUEIRA, 2008, p.69).

Como enfatizado a procura das fontes torna-se uma parte significativa do trabalho, havendo assim a necessidade da investigação, um dos fatores chave dos projetos, visto que a pesquisa é considerada uma das melhores formas de ensinar os alunos a pensarem (KILPATRICK, 1972; HERNÁNDEZ, 1998; DEMO, 2011). Os projetos favorecem o uso da investigação, sendo que, professor e alunos são constantes pesquisadores, capazes de questionar as representações únicas da realidade a qual a pesquisa abre um leque de possibilidades.

Além disso, partir do ensino que envolve a pesquisa, é uma alternativa desde a educação infantil, pois a criança é de natureza um pesquisador, movido pela curiosidade de sempre descobrir coisas novas, mas que a escola acaba podendo esse “espírito”, obrigando-a a seguir as regras impostas pela sociedade, tornando-a mais um copador, retirando assim, a possibilidade de formação de um sujeito crítico reflexivo, tendo que aceitar um conhecimento que vem pronto e acabado.

Em um ensino mediado pela pesquisa, os papéis de professor e aluno que assumem um distanciamento de grandes proporções, ao invés de inverter, tornando-se algo radical, aproximam-se no sentido de serem “parceiros de trabalho”. Demo (2011, p.20), indica que o objetivo da educação nesse novo modelo é “gestar uma comunidade cidadã”.

Assim, professor e aluno realizam um trabalho em conjunto, o professor deixa de ser o detentor central do saber e passa a ser o orientador. Neste quesito Demo (2011, p.21) ressalta que o professor não perde a autoridade, mas ela passa a ser regida “pela competência, bom exemplo, orientação dedicada”. As experiências dos alunos são valorizadas, pois influem na aprendizagem.

A coleta das fontes, ou materiais para pesquisa, é necessária e fundamental para os alunos se habituarem em tomar iniciativa nas buscas de livros, textos, revistas, jornais e outros, isso possibilitará o rompimento do hábito de sempre receberem materiais previamente prontos pelo professor para realizarem apenas cópias.

A busca por material deve ser uma dinâmica motivadora, estimulando o trabalho conjunto entre alunos e professor “no qual todos são atores colaborando para um objetivo compartilhado”, como também “aproximar a experiência de cada um e de relacionar o que se aprende com a vida” (DEMO, 2011, p.27-28). Pois uma verdadeira educação deve preocupar-se em relacionar teoria-prática, para que haja compreensão do que pretende-se ser aprendido, para que o aluno, sujeito da aprendizagem se perceba e perceba a importância do que está sendo estudado.

Nogueira (2008) destaca a necessidade de além de buscar informações, pesquisar, e produzir, os alunos precisam ser auxiliados a fazerem o tratamento das informações, pois assim, serão transformadas em real conhecimento.

O tratamento das informações pelos alunos, é uma das principais funções do projeto, que deve ser realizado tanto individual como coletivamente. É importante considerar as singularidades dos alunos durante o tratamento das informações, pontos de vista diferentes, conclusões que não são iguais a de outros.

Nos projetos, as informações a serem trabalhadas são responsabilidade tanto do professor como dos alunos, desta forma os alunos estarão sempre envolvidos e poderão utilizar o que estiver dentro de suas “próprias possibilidades e recursos”, e torna os discentes abertos a perceber que “aprender é um ato comunicativo, já que necessitam da informação que os outros trazem”. (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998, p. 75).

Assim, segundo Hernández e Ventura (1998):

[...] descobrem que eles também têm uma responsabilidade na sua própria aprendizagem, que não podem esperar passivamente que o professor tenha todas as respostas e lhes ofereça todas as soluções, especialmente porque, como já foi dito, o educador é um facilitador e, com frequência, um estudante a mais. (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998, p.75).

Faz-se necessário ainda os alunos realizarem interpretações próprias a partir da compreensão que possuem, o ensino ganha maior sentido e o discente assume sua posição de sujeito com maior visibilidade quando consegue avançar realizando novas conexões, produzindo novos textos e novos materiais, outras indagações, evidenciando “o saber pensar e o aprender a aprender”. (DEMO, 2011, p. 29).

Uma parte importante e que pode apontar necessidades que ainda precisam ser aprimoradas é a depuração do avanço do trabalho, precisa-se fazer uma análise na qual os alunos devem refletir sobre o que já fizeram, essa etapa como afirma Nogueira (2008) pode ocorrer em qualquer momento na execução do projeto, sendo que ela vai tornar possível o replanejamento de algumas ações ou o encerramento do projeto.

Assim como o professor, os alunos também devem realizar registros do que acontece durante a realização do projeto, descrevendo o planejamento inicial, materiais pesquisados, as interpretações que estão sendo realizadas e outros.

Nogueira (2008) com base em Gardner (1994) indica para esse registro o uso do processofólio, que pode ser uma pasta onde são guardados os registros de tudo que acontece durante o projeto e que é feito pelo aluno. Nele os alunos podem registrar ideias, o que gostam ou não, suas descobertas e outras que podem ser preenchidas em forma de fichas simples. Quando os alunos já são alfabetizados podem preencher sozinhos, quando ainda não são o professor ou professora pode registrar suas respostas. Sendo que o processofólio é uma ferramenta, que assim como o portfólio permite perceber o desenvolvimento dos alunos no decorrer do projeto.

### **2.4.3 Finalização**

A apresentação ou exposição do que foi produzido pelos alunos é uma importante etapa. Importante para os alunos em si que após todo processo poderão mostrar o que descobriram e produziram, que pode ser em um evento aberto a comunidade ou somente para as turmas da escola.

Referente a essa etapa Nogueira (2008, p. 88) alega “A fase de apresentação serve para coroar o “término” do projeto, a qual dará oportunidade à equipe de expor suas descobertas, hipóteses, criações e conclusões”.

Nesse momento o professor pode notar também o que os alunos aprenderam por meio da apresentação que pode se dá de diversas formas, desde oralmente, a apresentações artísticas.

A avaliação é um dos momentos mais importantes, não podendo ser negligenciada, tão pouco vista como forma de classificar alunos para série seguinte. Ela deve ocorrer de modo que consiga recolher uma determinada quantidade de informações, que de acordo com alguns critérios possam evidenciar que os alunos recordam e compreendem o que estudaram.

Para iniciar um estudo nos projetos se valoriza a avaliação inicial, onde recolhe-se informações sobre os saberes prévios que pode se dá por meio de uma série de perguntas acerca do tema. A análise das respostas servirão como o ponto inicial para o planejamento e pesquisa.

Outra forma de avaliação que ocorre durante a realização do projeto é a formativa, que segundo Hernández (1998, p.95) serve não para julgar se o aluno vai bem ou mal, todavia considerar “a exigência cognitiva das tarefas propostas, a detenção dos erros conceituais observando as relações previstas”. Essa avaliação vai mostrar quais estratégias precisam ser tomadas para alcançar determinadas aprendizagens.

A última avaliação, a recapitulativa, a qual permite reconhecer o que os alunos alcançaram em relação ao que era esperado, se adquiriram ou desenvolveram novas habilidades “em função das situações de ensino e aprendizagem”. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 95). Pode ser realizada assim uma comparação, ou análise do que “sabiam” no início e o que sabem ao final do projeto, como forma de provar os conhecimentos dos alunos.

Nos projetos avaliar vai além de uma prova formal, embora não precise ser totalmente excluídas, será de maior valor se for utilizada de forma a detectar se o aluno consegue estabelecer relações, além de ser importante para avaliar o trabalho do próprio professor.

Uma das principais formas de avaliação nos projetos é o portfólio, surgido no campo da arte, é de grande auxílio na educação, e permite reconstruir o processo de aprendizagem que não se dá só através de uma prova escrita.

A utilização do portfólio como recurso de avaliação é baseada na ideia da natureza evolutiva do processo de aprendizagem. O portfólio oferece aos alunos e professores uma oportunidade de refletir sobre o progresso dos estudantes em sua compreensão da realidade, ao mesmo tempo que possibilita a introdução de mudanças durante o desenvolvimento do programa de ensino. Além disso permite aos professores aproximar-se do trabalho dos alunos não de uma maneira pontual e isolada, como acontece com as provas e exames, mas, sim, no contexto do e ensino como uma atividade complexa baseada em elementos e momentos de aprendizagem que se encontram relacionados. (HERNÁNDEZ, 1998, p.99).

Sendo assim, o portfólio é uma ferramenta rica que permite acompanhar o desenvolvimento do aluno e levar tanto o professor, quanto o discente a refletir sobre seu papel

na sua própria aprendizagem, representando sua trajetória desde as suposições iniciais até o final do processo.

O portfólio pode ser uma pasta com diversos documentos, notas, fichas, e pode conter tanto elementos escritos como visuais, os quais vão sendo traçados os acontecimentos ao longo do projeto, como as opiniões dos alunos. Sendo realizado de forma individual permite ao aluno construir a própria aprendizagem, evidenciando também ao longo do processo o que lhe foi mais significativo, como também ao professor se os objetivos foram alcançados e também o que precisa continuar sendo trabalhado.

Nogueira (2008) sugere realizar uma avaliação junto aos alunos e esta pode ser a partir de uma roda de conversa e solicitar aos discentes que avaliem o projeto, a sua participação, se suas participações poderiam ter sido melhor, o que gostaram etc.

Exercitar o senso crítico dos indivíduos é algo fundamental quando se visa a formação de cidadãos críticos, destacando-se como algo positivo ao invés de negativo para seu desenvolvimento. E a auto avaliação contribui para a avaliação do próprio professor.

Esses passos são geralmente seguidos no desenvolvimento de um projeto, independente da etapa da educação escolar que estejam inseridos os indivíduos, tendo em vista que o professor tem intenções que exige ações para serem concretizadas. Mediante isso deve ser salientado que os professores e alunos podem criar suas estratégias de desenvolvimento, todavia o seguimento em etapas auxilia a não ficarem perdidos na hora do trabalho, permitindo saberem de onde estão partindo e onde querem chegar, a exemplo os professores da mencionada Escola Pompeu Fabra desenvolveram um índice como estratégia de organizar a aprendizagem. Além de ajudar na sistematização das ideias tornando-o mais científico

### **3 PEDAGOGIA DE PROJETOS: UMA ALTERNATIVA PARA O ROMPIMENTO DO ENSINO FRAGMENTADO E O ALCANCE DE UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR**

#### **3.1 O ENSINO TRADICIONALISTA E A NECESSIDADE DE UMA MUDANÇA NA EDUCAÇÃO**

Como já destacado no capítulo anterior a Pedagogia de Projetos geralmente pressupõe um trabalho voltado para a interdisciplinaridade, tendo como função romper com o modelo tradicionalista de conceber e organizar o ensino escolar, como já ressaltado fragmentado e descontextualizado da realidade social dos alunos. Neste sentido esse capítulo abordará a persistência do modelo tradicionalista do ensino e como a prática interdisciplinar se insere em um trabalho mediado pelos projetos.

O ensino tradicional, ou abordagem tradicionalista do ensino, nascida na época dos grandes filósofos, podendo-se destacar Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.) teve grande influência no pensamento de que a mente era superior aos órgãos dos sentidos. De modo que, na época o pensamento ainda não se baseava na experimentação, mas sim na lógica do senso comum, assim questionamentos e dúvidas não encontravam lugar, como destaca Kilpatrick (1978), as dúvidas eram resolvidas por meio da argumentação, ou dialética como era conhecida, também podendo ser resolvidos pela decisão dos considerados sábios e autoridades que não podiam ter suas ideias contestadas.

Em 1564, Galileu (1564-1642) teve uma de suas afirmações contestadas por Galileu (1564-1642) que comprovou por meio da experimentação prática que duas bolas de pesos diferentes jogadas do alto da Torre Pisa, na Itália chegariam ao solo ao mesmo tempo.

A partir de então os resultados obtidos por meio da experimentação física passaram a sobrepor-se àquelas as quais não podiam ser comprovadas de tal modo, passando a ser consideradas como verdades. Destacando-se as leis físicas e químicas por serem seus resultados são exatos, portanto imutáveis.

O mundo tendo suas ideias baseadas na experimentação científica e considerada inquestionável passou a ter em Descartes (1596-1650), como destaca Hernández (1998, p. 30) “uma concepção do conhecimento que devia basear-se nas evidências empíricas e em sua simbolização matemática para considerar-se como verdadeiro”.

Dessa forma, a aprendizagem passa a ser considerada operacional, o conhecimento dividido em partes. O que originou o modelo de ensino dividido em disciplinas, no qual o saber

primeiro é isolado, de modo a simplificá-lo. “O pressuposto adotado foi o de que, entendendo-se as partes, entender-se-ia o todo” (ARAÚJO, 2014, p. 27).

No Brasil esse modelo de ensino chegou em 1549, quando os padres da Companhia de Jesus conhecidos como Jesuítas chegaram ao país para propagar a doutrina cristã. O ensino jesuítico era pautado no ensino da leitura e escrita que seriam o meio de catequisar as crianças indígenas.

As crianças indígenas eram por eles consideradas um papel em branco, no qual poderiam imprimir o que desejassem. Para o aprendizado das doutrinas, comenta Chambouleyron (2004, p. 63) “apostava-se principalmente na sua memorização, e os padres orgulhavam-se dos meninos que sabiam tudo de cor”. Aqueles que não obedeciam suas ordens, ou não acertavam as respostas das perguntas que deviam ser memorizadas recebiam como punição castigos físicos.

Mizukami (1986)<sup>3</sup> discorre sobre aspectos que caracterizam diversas abordagens do ensino, entre elas a tradicional. Nessa concepção, o adulto é apresentado como o modelo que o aluno tem para se atualizar. Para isso ele precisa de forma passiva receber um série de informações e repeti-las.

A criança é considerada tábula rasa, na qual o adulto pode de forma progressiva imprimir nela todas as informações que julgar necessárias. A compreensão acerca do mundo é externa e de forma gradual. O ensino visa perpetuar a cultura dominante da sociedade, o que se encontra no currículo escolar.

A educação nessa concepção tem como lugar de excelência a escola, lugar onde ocorre a transmissão dos conhecimentos, e considera a educação como um produto, desconsiderando o processo que levou a ela.

O professor é a autoridade, portanto a relação entre ele e aluno ocorre de forma vertical. Assim o professor é o responsável pela tomada de todas as decisões, geralmente utilizando o método expositivo nas aulas. “Subordina-se a educação à instrução, considerando a aprendizagem do aluno como um fim em si mesmo: os conteúdos e as informações têm de ser adquiridos, os modelos imitados” (MIZUKAMI, 1986, p. 13).

A avaliação da aprendizagem é realizada para verificar se o aluno é capaz de reproduzir com exatidão o que lhe foi transmitido durante as aulas, sendo utilizadas provas, exercícios e outros meios de verificação.

---

<sup>3</sup> Refere-se a Obra “Ensino: As Abordagens do Processo”.

As críticas existentes a esse modelo de ensino que se perpetuou ao longo dos tempos são diversas, não a considerando um modelo de ensino que de fato se preocupa com a aprendizagem, o aprendiz em si, mas apenas em repetir informações. Sendo que os chamados progressistas e escolanovistas<sup>4</sup> ganharam destaque ao opor-se a esta concepção do ensino, todavia não são os únicos a ir de encontro com ele.

Dewey no final do século XIX foi um dos grandes críticos que foi contra esse tipo de ensino, pois ele se isolava de forma tão grande da vida, que acreditava que era até mesmo prejudicial (DEWEY, 1952, p.28). Além do mais, outro problema desse ensino para Dewey é que ele apenas via a criança pelo olhar do adulto, o modelo perfeito que deveria ser seguido, desconsiderando as experiências infantis e suas reais necessidades.

Kilpatrick seguindo a mesma linha de pensamento acreditava que a educação tradicional estava falida, pois:

Em vez de preparar para a vida de hoje, frequentemente tem ensinado, ao contrário, coisas antiquadas e matérias meramente convencionais. Em parte, devido à pouca plasticidade de sua teoria educacional rotineira, difícil de ajustar-se às exigências reais presentes; em parte, porque estando presa a interesses sociais egoísticos, tem dado preferência aos sinais convencionais do aprendizado, em lugar de dá-la ao serviço social eficiente; em parte porque sua perniciosa teimosia preferiu manter o atraso moral-social, em relação à nova situação social. Em lugar de preparar, como melhor podia para um futuro desconhecido, em mudança, a educação tradicional, com efeito, pretendeu que o futuro fosse igual ao presente (KILPATRICK, 1978, p.45-46).

No Brasil, o movimento da Escola nova mencionado no contexto histórico deste trabalho mostra que Anísio Texeira, Lourenço Filho e outros foram os pioneiros das ideias progressistas, iniciadas na década de 1920, seguia a mesma linha, a oposição ao ensino desvinculado da vida, que tinha como central preocupação transmitir os saberes escolares de modo por vezes puramente verbalista.

Autores que apesar de não seguirem o movimento escolanovista na atualidade também não defendem a educação tradicional, pois percebem que este ensino pode até ter funcionado nos séculos anteriores, todavia ele não se ajusta mais ao tempo em que vivemos.

Hernández (1998, p. 30) afirma dando um exemplo do ensino de química neste modelo operacional e fragmentado de ensino, que aprendê-la simplesmente por meio de símbolos, elementos de uma tabela e experiências “torna-se desordenado e impróprio pensar em termos de onde se utiliza química em nossas vidas”.

O autor ainda acrescenta o motivo da perpetuação desse modelo de ensino permanecer:

---

<sup>4</sup> Segundo Menezes e Santos (2001) os Progressistas ou Escolanovistas é a designação dada aos defensores da chamada Escola Nova, movimento iniciado no final do século XIX por educadores norte-americanos e europeus que se opunha ao Ensino Tradicionalista e que teve sua maior repercussão na década 1920 no Brasil.

É mais fácil escrever um livro baseado em formas fragmentárias de conhecimento, mas sob o rótulo de “rigor científico”, ou avaliar o aprendizado mediante uma prova de respostas múltiplas, a aplicação de um algoritmo, ou a contestação a uma resposta (única e verdadeira) já tem o docente ou o livro, do que desenvolver materiais que ajudem a conectar a experiência individual dos estudantes com os conceitos e problemas de pesquisa nas disciplinas, e desses com suas vidas (HERNÁNDEZ, 1998, p.30).

Araújo (2014) destaca outro problema nesse ensino, os alunos aprendem apenas a generalizar, pois sendo o conhecimento superficial não possibilita analisar a complexidade da realidade. O “mundo” é conhecido de forma abstrata, conhecido muitas vezes apenas pelo livro didático usado nas aulas pelo professor. De modo que, este ensino exige um grande controle do corpo para que a mente esteja completamente concentrada. Ainda, se referindo ao tema Araújo afirma:

Outra consequência provocada pela formalização do conhecimento, que tanto simplifica a realidade, é que ela separa o sujeito do objeto de conhecimento. Sentados em carteiras individuais, dentro de espaços artificiais criados para promover a aprendizagem formal, e de preferência, sem poder dialogar com os demais colegas, criam-se situações que deslocam os alunos do mundo concreto em que vivem em última instância, da realidade complexa do universo (ARAÚJO, 2014, p.32).

Demo (2011, p. 9) comenta “a aula copiada não constrói nada de distintivo, e por isso não educa mais que a fofoca, a conversa fiada dos vizinhos, o bate papo numa festa animada”. Torna-se evidente que um ensino que não preze a reflexão e o questionamento, além de não considerar as experiências da vida concreta não possibilita uma verdadeira aprendizagem.

Um fator importante a considerar a respeito da dificuldade de romper com esse modelo, mesmo que isso seja desejável é que a maioria dos educadores foram formados nesse modelo de ensino, dificultando seu rompimento.

Kleiman e Silvia (1999) discutem que os professores sentem a necessidade de se trabalhar de uma forma diferenciada e vincular ao ensino também valores, porém não sabem como o fazer, pois grande parte destes foram formados numa concepção fragmentada e positivista do conhecimento, o que dificulta desenvolver projetos temáticos ou de trabalho, porque nestes pensam-se no coletivo e rompe com um currículo tradicional.

Além do mais, os autores citados entre outros afirmam também que o próprio governo dificulta a mudança no modelo de ensino, a verba repassada às escolas é pouca, e em grande parte das escolas do país são feitos cortes quando estas não alcançam os resultados esperados nas “notas” dos alunos, que ao invés de aumentarem o investimento para que se utilize de outros recursos no ensino, fazem o contrário. Os professores são sobrecarregados de tarefas, com baixos salários, e juntando-se todos esses fatores a dificuldade de rompimento torna-se maior,

porém não impossível, sendo que essa luta pode ser o que mudará a atual situação ao qual se encontra o país, que além de uma crise econômica, enfrenta uma crise educacional.

Todavia, uma possível alternativa para o ensino fragmentado que insiste em manter sua perpetuação é um ensino que rompe com a perspectiva aqui abordada e globaliza, no sentido de um ensino que integra as disciplinas de modo que o que é ensinado na escola possa ser compreendido pelos sujeitos a qual o ensino é destinado, os alunos. Neste sentido, torna-se então pertinente a discussão acerca de uma prática interdisciplinar, a qual será abordada a seguir.

### 3.2 PENSANDO A INTERDISCIPLINARIDADE

As discussões acerca da interdisciplinaridade surgem na metade da década de 1960, na Europa, e insere-se no contexto brasileiro somente na década de 1970, todavia como frisa Fazenda (2014) somente na década de 1990, foi que a ideia ganhou maior repercussão no que se refere à formação de educadores. A autora explica:

[...] o pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma exaustiva. Tenta, pois, o diálogo com outras fontes do saber, deixando-se irrigar por elas. Assim, por exemplo, confere a validade ao conhecimento do senso comum, pois é através do cotidiano que damos sentido a nossas vidas. Ampliado pelo diálogo com o conhecimento científico, o senso comum tende a uma dimensão maior, a uma dimensão, ainda que utópica, capaz de enriquecer nosso relação com o outro e com o mundo. (FAZENDA, 2014, p. 21).

Assim, o pensamento interdisciplinar possibilita uma visão global do ensino, ou o que pode ser chamado de ensino globalizado por estabelecer um diálogo entre as diferentes fontes de conhecimento, e estabelecendo relações entre o saber científico e o do senso comum, possibilitando aos alunos um ponto de partida e conexão com o que já conhecem de forma a construir um ensino defendido por Ausubel, segundo Moreira e Masini (1982): a construção de um conhecimento significativo.

Uma prática interdisciplinar como afirma Japiassu (1994, p. 1) “provoca atitudes de medo e recusa” por ser algo relativamente novo e que mexe com a estrutura já bem fixada e conhecida do ensino há séculos, como discutido anteriormente, sendo também que “o interdisciplinar aparece como um princípio novo de reorganização das disciplinas científicas e de reformulação das estruturas pedagógicas de seu ensino”.

A interdisciplinaridade não objetiva eliminar os conteúdos disciplinares, todavia, como afirma Garrutti e Santos (2004, p. 189) “os conteúdos das disciplinas devem ser trabalhados de tal forma que sirvam de aporte às outras, formando uma teia de conhecimentos”. Nogueira (2001, p. 145) acrescenta ainda, que “na interdisciplinaridade existe uma coordenação. As

demais disciplinas interagem entre si em diferentes conexões”. Araújo (2014, p. 35) acrescenta que nela “não existe mera superposição de interesses, mas uma verdadeira interação e um compartilhamento de ideias, opiniões e explicações”.

Esta prática, propicia aos alunos a construção de um conhecimento globalizado, ou totalizado, já que aprendem de forma contextualizada e conexa, compreendendo os conteúdos com um saber global, pois parte de algo da realidade.

Garrutti e Santos (2004, p. 194) explica “A prática interdisciplinar não se constitui de métodos a serem ensinados aos professores, mas de um processo associado a atitudes”. Para que o professor possua uma atitude interdisciplinar necessita romper com os antigos modelos, percebendo que não é concluindo todos os conteúdos que parecem ser exigidos que levará os alunos a de fato construir seus conhecimentos, pois para isso são necessários “os estímulos, as ações, as vivências, a interação social e todos os demais fatores” que são necessários para que isso ocorra (NOGUEIRA, 2001, p. 148).

Tal postura como destaca Nogueira (2001, p. 148) levará o professor a ser o facilitador do processo, possibilitará “o acesso aos materiais de pesquisa, indagará mais do que responderá, promoverá discussões, etc., sempre preocupado mais com o processo do que com o produto, garantindo dessa forma o sucesso do processo de aprendizagem”.

Observa-se então, que a mudança na postura, ou atitudes do professor depende de uma vontade interna de romper com o modelo que centraliza o papel do professor e inferioriza o do aluno no processo de aprendizagem, mas não deixa de exigir dele uma série de conhecimentos apresentados de forma descontextualizada. Como já frisado, na construção do conhecimento, embora o produto seja importante, o foco deve estar no processo que resultará em tal, podendo-se dizer que a preocupação aqui consiste mais na qualidade do que com a quantidade.

A escola assumindo a função de educar para a sociedade, ou seja, formar cidadãos deve desse modo atentar-se para questões que promovam a compreensão e participação da comunidade. Para cumprir essa função a escola necessita abordar diversas questões sociais, que no contexto educacional chamam-se temas transversais, isso porque perpassam as diferentes disciplinas, referindo-se como destaca Araújo (2014, p. 46) “as temáticas contextualizadas nos interesses e nas necessidades da maioria das pessoas, e não a conteúdos de natureza científica ou de interesse de pequenas parcelas da população”.

A escola assume assim além do papel de instruir, também o de uma formação ética que por diversas vezes permanece como destaca Araújo (2014, p.47) “em segundo plano”. O que ganha grande destaque nas instituições escolares são os conteúdos clássicos, mas destacando a

necessidade de uma aproximação dos conhecimentos científicos da realidade vivida pelos alunos, “a fim de enriquecer a própria experiência” (ARAÚJO, 2014, p. 50).

Os temas transversais adotados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) trabalhados nas escolas abordam: Ética, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual. Sendo estes como já destacado atravessados pelas disciplinas curriculares, abre assim, a possibilidade de comunicação, integração das disciplinas de modo a proporcionar a formação de um sujeito integral, sendo que tratando-se de uma prática interdisciplinar favorecem que estejam presentes, já que, questões de cunho social serão abordados juntamente as disciplinas curriculares de forma conexa, realçando seu valor e sua conexão com os conteúdos, sendo percebida pelos alunos e professores como algo integrado e não separado como se um não fizesse relação alguma com a outra.

Assim, a relação entre a interdisciplinaridade e a Pedagogia de Projetos que abrange e integra o que já foi discutido até o momento, é o alvo do tópico seguinte.

### 3.3 PEDAGOGIA DE PROJETOS COMO PRÁTICA FAVORECEDORA DA INTERDISCIPLINARIDADE

Na busca por uma totalidade no ensino Araújo (2014), Gerrutti e Santos (2004), e Nogueira (2001) corroboram que a Pedagogia de Projetos é uma alternativa viável para alcançar tais objetivos. Pois pode ser considerada a práxis que melhor provê “com seus conceitos e didática, as necessidades de maneira mais dinâmica e ativa para praticar a interdisciplinaridade” (NOGUEIRA, 2001, p. 135).

Como notado pelos diferentes autores aqui abordados nas mais diversas escolas, o trabalho com os projetos que tem tudo para ser um trabalho articulado entre as diferentes disciplinas curriculares, retendo-se apenas em uma específica perdendo a oportunidade de criar-se um elo interdisciplinar, no qual para os alunos o ensino permanece fragmentado.

A Pedagogia de Projetos a qual coloca em ação os atores do ensino-aprendizagem em busca da resolução de uma problemática, aprofundando-se em um tema que seja de interesse da coletividade, e que relacionam conteúdos científicos com as necessidades sociais, pode ser assim uma ponte em busca da integração na proposta interdisciplinar. Que levam professores a buscar elos entre a temática de estudo e as disciplinas curriculares enriquecendo assim a atividade de ensino-aprendizagem e possibilitando aos alunos uma visão global. Além do mais ela propicia o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para o exercício da cidadania.

Como realça Garruti e Santos (2004, p. 195) a prática interdisciplinar não deve ser encarada “como um conjunto de regras”, mas que se desenvolve aos poucos e depende dos esforços dos participantes do processo educacional.

Assim a Pedagogia de Projetos de acordo com as autoras possibilita:

[...] um caminho na busca do ensino integrado, que vise o aluno como sujeito ativo e capaz de contribuir para a sua própria formação. Assim a medida que se baseia em propostas globalizadoras, articula os conhecimentos escolares de forma interdisciplinar, constitui o protagonismo dos alunos na decisão e gestão de construção do saber. Trata-se, antes de tudo de criar uma situação que estimule a tomada de decisões, analisar, refletir, debater, arriscar hipóteses, constatar, buscar informações, ou seja, pensar autonomamente, mediados pelo professor (GARRUTTI; SANTOS 2004, pp.195,196).

Araújo (2014) explana no que tange o trabalho com projetos como articuladora dos temas transversais e da interdisciplinaridade, destacando a necessidade de se discutir questões sociais articuladas com os conhecimentos disciplinares, que serão utilizados como meio para se alcançar o objetivo maior que é a cidadania.

Nos projetos para que de fato ocorra na prática uma postura, é necessário, como afirma Nogueira (2001, p. 136) a participação da comunidade escolar, que deve acontecer desde o início do processo, no caso de haver “diferentes professores para as diversas disciplinas, somente assim, será possível alcançar os objetivos da interdisciplinaridade”.

Apesar da prática interdisciplinar ser uma grande solução para a fragmentação do ensino ela encontra alguns entraves, sendo o principal: o pouco alcance que os trabalhos interdisciplinares tem para chagarem a massa de professores que estão nas escolas e como serem postos em prática, diversas vezes se restringindo aos espaços universitários onde realizam alguns estudos e pesquisas que assumem uma atitude interdisciplinar.

Os conhecimentos práticos deveriam chegar, não como manuais, mas como orientações para os professores que estão nas salas de aula e estão sobrecarregados de tarefas e pouco tempo para estudar teorias. A respeito dessa questão, Nogueira (2001) explana:

[...] o “educador da ponta” é carente de recursos materiais e de tempo de reciclagem e atualização, e se não receber informações mais direcionadas, conhecimentos já digeridos e materiais de aplicação, pouco fará para tomar atitudes interdisciplinares. Não acreditamos em sua falta de vontade, mas na sua falta de recursos (NOGUEIRA, 2001, p.138).

Referindo-se aos projetos de carácter interdisciplinar o autor expõe:

[...] um dos objetivos que se pretende atingir é a integração das disciplinas e dos diferentes saberes das várias áreas do conhecimento. Desta forma espera-se que está integração ocorra por parte de todos os participantes do processo ensino-aprendizagem (professores e alunos) e não que as diferentes matérias ministradas de forma compartimentada, embora tratando-se da mesma temática sirvam de subsídios

para que cada aluno realize mentalmente sua própria integração (NOGUEIRA, 2001, p.149).

A integração as disciplinas possibilitará aos alunos perceberem a relação existente entre elas, não devendo ser tratadas, portanto, de modo superficial. Desse modo, o papel do professor torna-se novamente um ponto fortemente necessário tendo relação direta com a possível aprendizagem global do aluno, ou não, mesmo que o responsável final por ela seja do aluno. Se a temática, o projeto em questão não estiver sendo mediatizada de forma conexa pelo professor como esperar que os alunos com pouco ou nenhuma experiência consigam por si só percebê-la?

Outra questão a ser considerada como acrescenta Fazenda (2014, p. 77), é que um projeto interdisciplinar deve “compreender e respeitar o modo de ser peculiar de cada um, respeitar também o caminho que cada indivíduo empreendeu na busca de sua autonomia”.

Neste sentido, Nogueira (2001) destaca o papel que a pesquisa assume em um projeto interdisciplinar, no qual os alunos percebendo que uma temática pode ser vista por diferentes perspectivas passam a buscar soluções, ou respostas para as diferentes problemáticas que irão surgindo.

É possível notar então, que os projetos e a prática interdisciplinar abrem possibilidade para uma compreensão não única da realidade, a qual evidencia Hernández (1998), permitindo o rompimento com o pensamento de verdade única e absoluta que não pode ser percebida por outra óptica do ensino tradicionalista. Assim, a possibilidade do agir dos alunos ganha maior espaço possibilitando o desenvolvimento da autonomia destes.

No caso de um ambiente com professores especialistas em cada disciplina, ao planejarem um projeto interdisciplinar devem atentar-se para não cair no mesmo erro que eventualmente ocorre de definirem uma temática e cada um trata-la pela sua óptica. O trabalho deve ser realizado em equipe, e todos juntos, como indica ainda o autor irão planejar, estabelecer objetivos, de onde partirão e onde desejam chegar, trocar informações, avaliar as etapas e corrigir o que for necessário.

Esses profissionais como já destacado, devem possuir uma postura interdisciplinar, contudo outro elemento indispensável é ter uma boa comunicação entre si. Nogueira (2001) realça “[...] a comunicação não é aquilo que se fala, mas aquilo que se entende; portanto, é necessário checar o bom entendimento de todas as ações pelos membros da equipe, garantindo desta forma o caminho rumo aos objetivos estabelecidos” (NOGUEIRA, 2001, p. 151).

O desenvolvimento de um projeto interdisciplinar segue as mesmas etapas destacados no capítulo anterior, atentando-se sempre para a relevância da temática/problemática em

questão para os alunos e com a participação dos mesmos nas tomadas de decisões e a integração entre as disciplinas de modo que, todo conteúdo estudado leve a uma compreensão em comum, ou seja, elas devem se complementar.

Porém, defende Nogueira (2001) que no projeto interdisciplinar há ações que são essências para o sucesso do projeto. O autor cita alguns questionamentos que devem estar em pauta no planejamento pela equipe interdisciplinar, sendo elas:

Quais ações serão executadas para envolver no projeto os demais professores que não estão nessa equipe? Quais ações serão executadas para envolver no projeto o máximo possível de disciplinas? Quais ações serão executadas para envolver, motivar e desafiar o corpo discente na realização do projeto? Será possível o envolvimento da comunidade no projeto? No caso positivo, como, quando e onde envolve-la? (NOGUEIRA, 2001, p.153).

É necessário ainda o devido acompanhamento do projeto para observar e discutir se está havendo de fato uma integração entre as diferentes disciplinas, como também uma avaliação final do projeto para que possam se ajustar em projetos futuros. Uma postura reflexiva também se faz necessária, bem como a flexibilidade para mudança de direções.

Desse modo, se estas ações forem levadas em consideração, será possível haver de fato o desenvolvimento de um trabalho de real caráter interdisciplinar, possibilitando aos alunos e professores a busca constante pelo novo, pela construção de um saber que parte das experiências acumuladas pela humanidade, mas que não restringe-se somente a racionalização do mesmo em disciplinas curriculares estudadas comumente nas salas de aula, mas que o transgride, pensando, questionando, pesquisando, transformando e formando sempre novos conhecimentos úteis e atrelados a formação de um cidadão genuinamente crítico e reflexivo.

## 4 SEÇÃO ANALÍTICA

### 4.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

O trabalho foi realizado com uma abordagem qualitativa, entendida de acordo com Severino (2007), pois o estudo procurou analisar como o professor do 4º ano da E.M.E.F. Fátima Fernandes Gadelha planejou e executou um projeto com os alunos, o que não seria possível conseguir por medidas matemáticas, já que se relaciona com o entendimento do pensamento e prática dos sujeitos, buscando responder como um trabalho realizado a partir da Pedagogia de Projetos contribui para aprendizagem significativa dos alunos.

Foi realizada uma pesquisa de campo para obter os dados na própria fonte que é a escola, o professor e os alunos de modo a observar as dinâmicas que são realizadas em sala de aula para elaboração e execução de projetos, como também o envolvimento dos alunos no processo, o que ocorreu sem intervenções da pesquisadora (KAUARK, MANHÃES E MEDEIROS 2010).

O método utilizado para realização da pesquisa de campo foi o Estudo de Caso, caracterizado de acordo com Goldenberg (1997), como o estudo profundo do objeto que se procura analisar, considerando as múltiplas dimensões da realidade que se encontra, penetrando em sua realidade.

No caso da unidade escolhida, o estudo centrou-se em um caso típico, que foi como normalmente o professor escolhido por trabalhar basicamente com projetos, a cerca de 10 anos, os realiza em sala de aula, tendo como foco a contribuição dos mesmos para aprendizagem dos alunos, destacando que a forma que os projetos são trabalhados influencia o desenvolvimento da aprendizagem dos discentes em determinado tema ou conteúdo trabalhado.

A pesquisa bibliográfica dos autores que tratam da temática Pedagogia de Projetos fez-se necessária para ter um conhecimento aprofundado e embasamento teórico para trabalhar na pesquisa (SEVERINO, 2007). De modo que o levantamento bibliográfico iniciado na elaboração do projeto foi aprofundado, sendo utilizados livros de autores que se dedicam ao tema e outros aspectos importantes na aprendizagem por projetos, artigos e periódicos da internet e revistas como outros, foram selecionados entre estes autores de referência no cenário nacional e internacional, A. Leite. (2007), Almeida (2002), Araújo (2014), Cool (1994), Chambouleyron (2004), Demo (2011), Dewey (1952), Fazenda (2014), Garrutti e Santos (2004), Hernández (1998), Hernández e Ventura (1998), Japiassu (1994), Kilpatrick (1978), Kleiman e Silvia (1999), Leal (2004), L. Leite (1996), Mizukami (1986), Moreira e Masini (1982), Nogueira (2001, 2008), Prado (2005) e Texeira (1930, 1984). Estes trabalhos serviram

de subsídio para formulação das perguntas utilizadas nas entrevistas, e como fonte para observação e análise dos conteúdos do projeto. Sendo que durante a pesquisa bibliográfica foram realizados também fichamentos e resumos para melhor absorção das questões mais importantes dentro da temática servindo, também, de suporte teórico durante todo desenvolvimento deste trabalho.

A técnica da entrevista, sendo esta uma conversa entre dois sujeitos, onde o entrevistador media uma conversa com “o objetivo de construir informações pertinentes para o objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo” (MINAYO, 2013 p.64). É sabido que a entrevista sempre possui finalidades, dentro desse projeto as finalidades foram buscar e compreender de que modo o professor escolhido, entende o que é o trabalho com projetos, como decide quando trabalhar um projeto, como realiza seu planejamento e o executa. Também foi realizada entrevista com alguns alunos denominados de Aluno 1, Aluno 2, Aluno 3, Aluno 4, Aluno 5 e Aluno 6 para explanarem sobre seus pontos de vista sobre o projeto, o que mais gostaram, como avaliam o projeto e o papel deles mesmos em sua execução.

Durante a realização das entrevistas foi exposto aos entrevistados o objetivo da pesquisa e a importância dos depoimentos para sua concretização, pois suas declarações contribuiriam para a “pesquisa como um todo, para a comunidade e para o próprio entrevistado” (MINAYO, 2013 p.66). Também foram assegurados do sigilo e anonimato com as devidas informações apresentadas, sendo solicitado assim a autorização para o uso dos depoimentos, mediante a assinatura de um termo de autorização.

O importante momento da coleta dos depoimentos foi realizado no local mais tranquilo encontrado na escola para que os entrevistados pudessem sentir-se bem, possibilitando que a conversa fluísse com a maior normalidade possível sem interrupções, onde a pesquisadora esteve sempre atenta as respostas e demonstrou o devido interesse em tudo o que era dito.

Como forma de registro das falas, e para garantir o máximo de fidedignidade possível, o gravador de voz foi utilizado como ferramenta, mas de antemão já preparado para evitar inconvenientes no momento da entrevista.

Com a finalidade de anotar atitudes e gestos significativos dos entrevistados foi utilizado o diário de campo que é um “caderninho, caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevistas e suas várias modalidades” (MINAYO, 2013 p. 71). Vale destacar que as expressões e gestos também serviram de auxílio no momento de interpretação das informações, já que, o estudo está estritamente ligado a sujeitos, devendo ser estudados em sua completude.

Para conseguir cumprir com os objetivos da pesquisa foi utilizada como instrumento a entrevista semiestruturada, na qual o roteiro combinou tanto perguntas fechadas como abertas, mas de modo que permitiu aos entrevistados falarem mais abertamente sobre o tema em questão, possibilitando captar informações mais precisas e detalhadas, ao invés de respostas fechadas, como destaca Minayo (2013).

A observação foi um dos componentes mais importantes para a realização dessa pesquisa, sendo que foram nestes momentos que se deu o contato direto com a realidade dos sujeitos da pesquisa, e somente por meio da qual foi possível ver o desenvolvimento do projeto em prática em sala de aula, assim foi observado o papel que os alunos desempenharam na realização do projeto, como também o papel que o professor assumiu neste momento: se foi agindo mais como transmissor ou mediador do conhecimento entre os alunos, e não menos importante como foi realizada a avaliação do projeto.

Para que tais compreensões fossem possíveis, a técnica utilizada foi a observação participante que se baseia na:

Participação real do observador na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo (GIL, 1991 p.107-108).

As observações foram registradas no diário de campo, que já constava o roteiro de categorias a serem observadas, categorias que foram formuladas com o apoio do embasamento teórico e serviram de suporte para a análise dos dados.

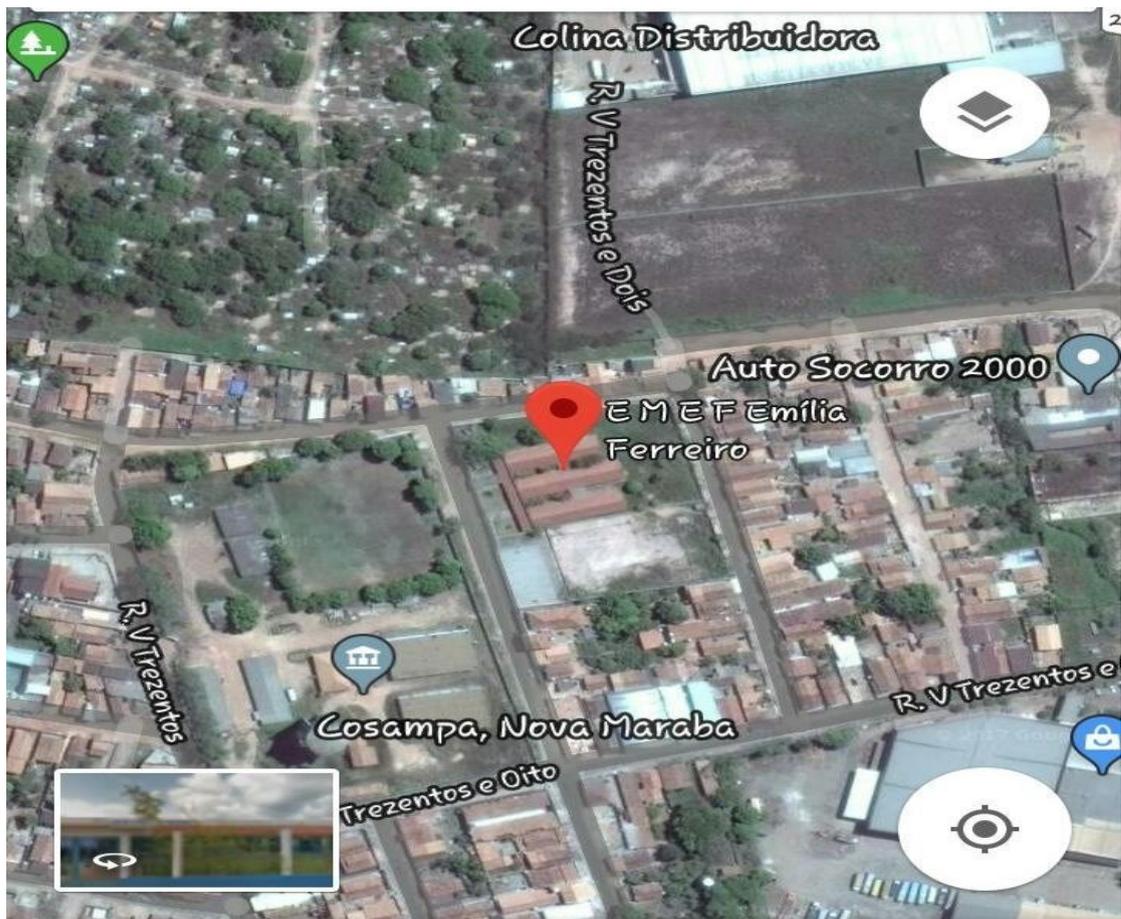
Após as etapas anteriores, foi realizada a análise dos dados colhidos durante a pesquisa de campo, por meio das entrevistas e observações. Nesta etapa foram criadas as categorias temáticas envoltas nos conceitos definidos no referencial teórico. No entanto, para que as categorizações fossem de fato possíveis foram realizadas leituras de todos os materiais de forma profunda e reflexiva, até ser totalmente absorvido.

Por fim, a conclusão da pesquisa, segundo Ludke e André (1986), foi realizada somente após todos os materiais terem sido analisados à luz da teoria, é importante ainda destacar que nesta fase de análise dos dados foi incluída a subjetividade da pesquisadora em busca de novas explicações, de modo a não haver mais novas informações que fossem significativas para o estudo. E de modo a responder a pergunta geradora da pesquisa, que se refere às contribuições do trabalho mediante projetos para aprendizagem dos alunos.

#### 4.1.1 Caracterização Da Unidade De Pesquisa

A escola escolhida para realização da pesquisa foi a E. M. E. F. Fátima Maria Fernandes Gadelha fundada em 25 de maio de 1995, após reivindicações de moradores da Folha 29 com o apoio da coordenação da Associação de Moradores ao então prefeito Haroldo Bezerra, e até o ano de 2014, denominada E. M. E. F. Emília Ferreiro. Está localizada no bairro Nova Marabá, na folha 29, quadra 17, lote especial do município de Marabá, no Estado do Pará.

Mapa 1- Localização da Escola via satélite com anterior denominação.



Fonte: <<https://www.google.com.br/maps/place/E+M+E+F+Em%C3%ADlia+Ferreiro/@-5.3485605,-49.0844574,17z/data=!4m5!3m4!1s0x92c3a72617f5f5a1:0xb08f5625e94ae899!8m2!3d-5.3488062!4d-49.0825906?hl=pt-BR>>. Acesso em: 15/01/2018.

Atende em média 520 alunos, nos turnos matutino, vespertino e noturno nas modalidades de Ensino Fundamental, atendendo os primeiros ciclos de 1º ao 5º ano, e a Educação de Jovens e Adultos – EJA, 1ª e 2ª etapas, e tem como unidade mantenedora a Secretária Municipal de Marabá- SEMED.

O corpo administrativo é composto por uma diretora, uma vice-diretora, uma coordenadora, e uma orientadora educacional todas com formação em pedagogia e especialização em gestão escolar.

O corpo docente conta com catorze professores, sendo que destes, dez são professores atuantes nas salas de ensino regular, uma professora de Educação Física, uma professora de informática e duas professoras da sala de Atendimento Educacional Especializado – AEE.

O pessoal do apoio conta com quatro agentes de portaria, cinco agentes de serviços gerais, cinco merendeiras, uma secretária e três auxiliares de secretaria, que se dividem nos três turnos de atendimento da escola.

O espaço físico do prédio escolar se divide em três pavimentos, que contam com oito salas de aula, uma sala de recursos multifuncional, um laboratório de informática, uma secretaria, uma sala de direção, uma sala de arquivos, uma cozinha, um banheiro feminino (box), um banheiro masculino (box), um banheiro para funcionários, um refeitório coberto e uma quadra de esportes sem cobertura.

#### **4.1.2 Caracterização Dos Sujeitos**

A pesquisa realizada na referida escola centrou-se na realização de um projeto intitulado Letra e Música, realizado em um período que compreendeu de março a dezembro de 2017, pelo professor de uma das turmas de 4º ano.

O professor com o qual foi realizado o estudo tem 39 anos e atua na educação há 20 anos, formado em 2000, em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará é o único docente do sexo masculino a lecionar nos ciclos iniciais do Ensino Fundamental na escola.

O interesse do docente pelo trabalho com projetos surgiu após ele ter entrado em contato com uma colega de trabalho que havia participado de algumas formações oferecidas pela VALE, a qual trabalhou um projeto intitulado “Escola que Vale”. Até então com o intuito de ajudar um amigo que se interessou e queria saber mais sobre como trabalhar com projetos, e com essas informações e formações oferecidas pela rede municipal de ensino, e ao perceber que o trabalho surtiu efeito com os alunos se tornou sua principal ferramenta de trabalho com os discentes. De modo que se tornou um caso especial a ser estudado, além de diversos alunos na escola apreciarem seu trabalho.

O projeto foi desenvolvido na turma do 4º ano do período vespertino, com aproximadamente 27 alunos, estes tendo em média 9 anos, moradores da própria folha em que se localiza o prédio escolar e mediações. Destes 27 alunos, apenas 6 foram selecionados para

fazerem parte da entrevista, que objetivava compreender se houve uma real aprendizagem significativa nos alunos em relação ao que estava sendo trabalhado no projeto. Esses alunos se voluntariaram, de modo que nas análises foi realizada uma avaliação imparcial. Não foi possível realizar entrevistas com toda a turma devido ao pouco tempo que o professor provinha para concluir conteúdos e as avaliações que estavam sendo realizadas no mês de outubro, além do mais os alunos, ainda mais em grande quantidade não poderiam permanecer fora da sala de aula, devido as regras da escola.

A princípio o término do projeto estava previsto para o final do primeiro semestre, todavia por causa de greves escolares o projeto se estendeu por todo o ano letivo. No entanto, o acompanhamento do mesmo ocorreu do dia 20 de março à 04 de outubro, período que abrangeu a greve escolar e o período de estudos da pesquisadora, a qual não foi possível acompanhar as atividades do mês de agosto, e ainda devido alguns entraves, como a mudança para outro município impossibilitou o acompanhamento até seu término no mês de dezembro, de modo que o trabalho traz os resultados obtidos até o possível acompanhamento e o que posteriormente foi adquirido em conversa informal com o professor.

## 4.2 CATEGORIAS ANALISADAS

### 4.2.1 Categoria 01: Planejamento

O planejamento de um projeto é o ponto inicial de uma série de ações que serão seguidas em sua realização, por isso é parte fundamental do trabalho: traçar as rotas, quais estratégias que possibilitarão chegar aos resultados que se esperam, assim será de suma importância que o trabalho seja compreendido por aquele que o realiza, desse modo, este primeiro tópico consiste na exposição e discussões a respeito dos resultados coletados na pesquisa e que abrangem os aspectos já citados para a realização de um projeto.

Segundo o Professor, o projeto já vem sendo trabalhado há alguns anos com suas turmas, mesmo ele trabalhando outras temáticas. Mas referente à sua escolha de trabalhar com músicas nas suas turmas do ano de 2017, ele explicou como se faz a escolha de qual projeto trabalhar com os alunos:

Tem a ver com o... Nível de aprendizagem deles, e com o que eu quero para turma, por exemplo, quando eu decidi 'ah vou trabalhar, vou fazer um projeto para trabalhar com as crianças' eu tinha dois problemas que era a questão da leitura e a questão da interpretação de texto. Eu tinha alunos que sabiam ler, mas liam e não entendiam o que estavam lendo, então ideia a início foi essa [...] no caso desse projeto, ou de outros, respondendo à pergunta, tem a ver com quando eu sinto o momento que tem alguma coisa que eu queira trabalhar com a turma, e que eu queira trabalhar com a turma, e que eu tenho X projeto que vai dá para trabalhar isso, entendeu? (ENTREVISTA COM PROFESSOR, 2017).

Ele mencionou que por meio do diagnóstico realizado no início do ano letivo, e com o que observa no primeiro mês de aula é que escolhe qual projeto desenvolver, ou seja, primeiro ele observa as necessidades da turma, e só depois “foca em alguns projetos” (ENTREVISTA COM PROFESSOR, 2017).

A escolha do tema a ser trabalhado em um projeto, é de acordo com Hernández e Ventura (1998), e Nogueira (2008), o ponto de partida, um ponto forte na inicialização de um projeto, já que será ele que orientará os demais caminhos, portanto não deve ser visto como algo de menor importância. Logo, se a temática ou problemática de estudo não interessar os alunos, o projeto não obterá o sucesso que se espera. Mas a escolha do tema não deve-se centrar apenas no estudo de algo simplesmente porque os alunos gostam daquilo, deve-se ter relação também com as necessidades de aprendizagem dos mesmos.

No que se refere à escolha por trabalhar com música o professor informou que escolhe o tema de acordo com o que ele deseja trabalhar com os alunos, em suas palavras, “O tema pra mim não chega ser uma coisa fundamental, vai mais do que eu quero trabalhar com os alunos, aí eu escolho um projeto A, B, ou C” (ENTREVISTA COM PROFESSOR, 2017). Acrescentou ainda que a escolha deve-se também ao que acredita que irá chamar mais a atenção da turma, de modo a ajudar a sanar a problemática encontrada, como explicitada por ele, a dificuldade na leitura e interpretação de textos, todavia quando a problemática a ser sanada não é tão complexa ele desenvolve apenas uma sequência didática, a qual não envolve a apresentação de um produto final por parte da turma.

Em relação ao planejamento o professor alegou:

Aquela sequência como eu tinha falado agora a pouco é mais para eu ter um norte do que eu vou trabalhar e que tempo eu tenho para trabalhar. Eu acho que é importante isso, para eu não ficar perdido [...] Então eu acabo definindo o tempo que eu acho que seria o tempo ideal para trabalhar aquilo, claro que isso é variável, por exemplo, às vezes a questão da apresentação do projeto pros alunos, eu trago música para eles conhecerem, pedir para que tragam músicas que conheçam. Quando eu sinto que é uma coisa que eles gostaram de trazer as músicas, aí em geral eu deixo isso para uma aula, mas quando eu vejo que eles gostaram de trazer e eles querem apresentar mais músicas pra sala, pra mim, eu estendo pra uma aula, duas aulas, já fiz isso. Então acaba sendo assim, só mesmo um esqueleto do trabalho, mas não é algo fechado, mas é um norte, né? (ENTREVISTA COM PROFESSOR, 2017).

Como o professor deixou evidente em sua fala, ele prepara uma sequência didática a qual serve para orientá-lo do que deve ser feito e quanto tempo utilizar em cada momento, para que não acabem ficando tempo demais em uma atividade e falte tempo no trabalho de outras, contudo, não se torna algo fixo, fechado que não possa ser alterado. Um dos fatores, como ele destacou foi a reação dos alunos no desenrolar da atividade que havia sido fixada para tal dia. Sendo assim, de acordo com o mesmo, “faço o esqueleto da minha aula e aí eu antevijo o que

pode acontecer e dependendo do que acontece aí eu encaminho a atividade”, sendo assim, é o desenvolvimento da atividade junto aos alunos que será a “carne”, ela que dará por assim dizer vida, ao que foi planejado de antemão.

Neste sentido, podemos notar que a parte frisada pelo professor corrobora com Hernández e Ventura (1998, p. 63) de que se faz necessária elaborar uma previsão do que poderá ser trabalhado, sendo ela “uma estrutura lógica e sequencial dos conteúdos, numa ordem que facilite sua compreensão. Mas sempre levando em conta que essa previsão constitui um ponto de partida, não uma finalidade, já que pode ficar modificada na interação da classe”.

Desse modo, faz-se então necessário um planejamento flexível, que se modifique de acordo com as necessidades que irão surgindo no decorrer das atividades do projeto, com isso a ideia de um modelo fechado, rígido de trabalho que deve ser cumprido a todo custo dá lugar a outro modelo, sendo este um dos pontos positivos ao trabalho com projetos, que ajuda tanto os alunos, como o professor.

Em destaque no trabalho com projetos, o desenvolvimento de capacidades e habilidades úteis não apenas a vida escolar, mas a própria vida e atuação da cidadania é um dos focos que buscarão ser desenvolvidos em sua realização.

No que se refere ao projeto da análise em questão, Letra e Música, o professor expôs que o que visa desenvolver é a capacidade de ler e interpretar as letras das músicas, que consequentemente os ajudarão a melhorar sua leitura e interpretação de outros tipos textuais, além de letras de músicas, como também “de extrair dali informações pertinentes, de saber argumentar em cima daqueles textos, ou de outros textos quaisquer” (PROFESSOR, 2017). E por experiências anteriores com o projeto de música, já confirmou que ajudam os alunos nesses aspectos. Além do mais, afirmou que os discentes passam a se interessar pela história da música e não apenas pela melodia, questionando se o que diz nas letras musicais aconteceu de verdade, assim os alunos passam a compreender o que está escrito ali, e até chegam a citar situações semelhantes ocorridas com eles ou com conhecidos.

Reafirmando o que espera de resultados do projeto explanou:

[...] as capacidades e habilidades que eu quero desenvolver acaba indo, a princípio o que eu quero trabalhar com eles no início do ano, a partir daquilo que eu defino essas habilidades, ler, ler fluentemente, interpretar textos, é extrair desses textos informações pertinentes, é entender, por exemplo, paródia é... Apreciar boas músicas. Então acaba indo muito para esse lado, no caso desse projeto em específico (PROFESSOR, 2017).

No projeto Letra e Música foi trabalhada uma série de músicas para que os objetivos citados pelo professor pudessem ser alcançados, foram escolhidas canções que não faziam parte

do repertório dos alunos, canções mais populares, também como forma de ampliar o gosto ou repertório musical destes.

O projeto como pode ser observado foi de iniciativa do professor, decidiu desenvolver esse trabalho por notar que esse projeto havia sido trabalhado em outras turmas em anos anteriores e ajudou a sanar os problemas de leitura e interpretação dos alunos, que saindo da fase de alfabetização ainda encontram dificuldades para fazer uma leitura fluente, rápida e sem gaguejos, e o mais importante, levar os alunos a compreenderem o que estão lendo, algo que é fundamental na vida do ser humano, e que é uma função da escola. Mediante a função social da escola Araújo (2014) afirma que a formação para cidadania é a verdadeira finalidade da educação, assim sendo, a escola deve utilizar dos conteúdos escolares como um meio para alcançá-la.

Dito isto, os conhecimentos construídos pelos alunos devem estar relacionados com a aprendizagem úteis a vida imediata também, não apenas a algo que poderão talvez utilizar no futuro, ideias já defendidas por Dewey, Kilpatrick e outros.

Desse modo para que o projeto se tornasse de real interesse dos alunos, o professor o apresentou para turma, como ele afirmou é necessário “vender teu peixe, tu vai falar, ver o que as crianças sabem sobre aquilo e tu vai tentar cativar eles praquele projeto”. O que corrobora com o que Nogueira (2008, p. 64) explica, pois os projetos podem estar em consonância com os objetivos do Projeto Político Pedagógico (PPP), ou de uma necessidade percebida pelo professor que precisa ser melhor trabalhada, todavia, por não ser de iniciativa dos alunos é uma decisão a ser tomada junto com eles. Na escolha da temática, o professor necessita então “vender” a ideia do projeto, ou seja, criar “estratégias para tentar gerar a motivação da turma sobre o tema”.

Este momento de convencimento se torna então o ponto de partida para o desenvolvimento do projeto como já foi bem frisado. O professor adicionou a essa ideia que nos projetos acredita que “um dos pontos principais pro professor é ele saber que tem um objetivo de trabalho, e também pra criança. A criança saber, por exemplo, que ela não está aprendendo algo por aprender, mas que tem algum objetivo” (PROFESSOR, 2017).

Optar por um projeto que trabalha essencialmente com música por si só como revela o professor já é algo que desperta o interesse dos alunos, visto que a música é algo que os atrai, mas se os principais responsáveis pela aprendizagem não se interessarem, os objetivos que visam ser alcançados por sua vez não serão obtidos, assim como ele diz que aconteceu em um dos anos que decidiu trabalhar com esse projeto, mas os alunos não se interessaram.

Por conseguinte, L. Leite (1996) explica:

O que caracteriza o trabalho com projetos não é a origem do tema, mas o tratamento dado a esse tema, no sentido de torná-lo uma questão do grupo como um todo e não apenas de alguns ou do professor. Portanto, os problemas ou temários podem surgir de um aluno em particular, de um grupo de alunos, da turma, do professor ou da própria conjuntura. O que se faz necessário garantir é que esse problema passe a ser de todos, com um envolvimento efetivo na definição dos objetivos e das etapas para alcançá-los, na participação nas atividades vivenciadas e no processo de avaliação (LEITE, L; 1996, p.29).

A escolha do tema como destacado é sim, um ponto importante, todavia, o tratamento dado as informações do tema é o mais importante neste trabalho, desse modo, como salientado pelo professor tendo conseguido assim despertar o interesse dos alunos, por gostarem de música, sendo este não apenas um interesse essencialmente seu, conseguirá que alunos estejam envolvidos no desenrolar das atividades.

Referindo-se a um registro escrito das atividades do projeto, em entrevista o professor declarou:

[...] Muita coisa do meu projeto eu precisava, ainda preciso sentar para escrever, até falei contigo que eu tinha a intenção de reescrever esse projeto. Alguma coisa eu já reescrevi, não sei se eu te passei [...] Eu já fiz uma reescrita do projeto, mas eu vejo que não tá completo porque não contempla muito do que eu tenho trabalhado (PROFESSOR, 2017).

Durante a observação em lócus ele fora novamente questionado no que diz respeito se já havia algum registro das atividades que estavam até o momento sendo desenvolvidas, e a resposta foi similar, que pretendia ter um registro do projeto, mas devido ao seu pouco tempo por trabalhar o dia todo, e não terem um dia para planejamento na escola permanece sendo adiado, todavia há atividades a ser acrescentada ao registro do projeto: o planejamento realizado no início do ano, o qual pode ser observado no ANEXO A, como o trabalho com paródias, que não foram trabalhados em anos anteriores.

Nogueira (2008, p. 72) destaca o registro das atividades como algo que geralmente não é muito agradável aos professores, mas é “necessário e importante, pois definem as intenções, os sonhos, as necessidades, localiza o problema, define os objetivos, apresenta o processo e o resultado”.

Tendo isto em vista, o registro do projeto se apresenta como algo constante, o que permeia desde o início do projeto, aos caminhos que serão tomados, todo o processo, e por fim os resultados. Permite, pois, um acompanhamento que possibilita conhecer as rotas e aquilo que precisa ser mudado, ou melhor trabalhado para que ao final os objetivos possam ser alcançados. Os alunos como atores centrais do processo de ensino-aprendizagem, obviamente devem participar do processo de planejamento do projeto, mesmo não possuindo experiência em tomada de decisões, isso os ajudará, segundo Hernández (1998) a terem consciência de seu

papel no processo como aprendizes, e Nogueira (2001, p. 108) adiciona que esta tarefa os auxiliará numa formação integral e no favorecimento do desenvolvimento de “suas múltiplas competências”.

A falta de tempo bem aludida pelo professor deixou o registro da execução do projeto como um ponto a ser observado com maior atenção, mesmo que ao final, por experiência conheça os avanços obtidos na aprendizagem dos alunos. Esse registro permitiria um acompanhamento mais detalhado dos acontecimentos, e também permitiria ao professor refletir sobre sua prática, mudança de direções e o que pode mudar ou melhorar em projetos futuros, mesmo que não sejam com a mesma temática. Contudo, é notável que mesmo não tendo o registro escrito da execução, como ele mesmo mencionou, o docente sabe mentalmente as atividades que serão executadas nas aulas de Língua Portuguesa.

Porém, um registro realizado pelos alunos também os auxiliaria a sistematizar, ou organizar as informações, os conhecimentos ao longo do projeto, e refletirem sobre a participação pessoal de cada um, e de auxílio ao professor no acompanhamento da aprendizagem individual dos mesmos, mesmo que tais registros sejam simples, como anotações, fichas, como reitera Nogueira (2008).

Dessa forma, o projeto pode ser encarado como “um fio condutor”, um processo que não é fixo, embora sirva para direcionar o professor e os alunos à aquilo que tem real relevância para ser trabalhado, e possuir uma estrutura, é somente o início deste trabalho (HERNÁNDEZ, 1998, p. 81). Outro ponto a destacar é que o professor mesmo não tendo um rico conhecimento teórico referente ao trabalho com projetos, explica que teve uma formação há uns oito ou dez anos na rede, e que buscava orientação em como organizar melhor os seus trabalhos por modalidades de ensino, entre eles os projetos, e que esta forma de trabalho busca dá maior sentido ao aprendizado dos alunos e professores.

E percebendo o projeto como “um esqueleto” (PROFESSOR, 2017) do trabalho que será desenvolvido, sendo esse apenas o primeiro passo, pois as atividades na qual os alunos estarão fortemente envolvidos será o passo a seguir, que é a execução do projeto em sala de aula, ou seja, é o que dará sentido ao planejamento, que possui maior importância neste trabalho. Reforçando tal ideia, Hernández (1998) informa que ensinar por projetos, não é o mesmo que fazer um projeto.

A respeito de como seria a finalização do projeto, a exposição ou produto final, o Professor informou que discutiram duas possibilidades, e como produto final seria gravado um CD com as músicas trabalhadas no decorrer do projeto e um livreto. O encarte do CD com as letras das músicas e ilustrações serão feitas pelos alunos aproveitando as aulas de artes para

fazer os desenhos. Nogueira (2008, p. 88) destaca este momento como muito importante, pois “representa (para os alunos) o resultado de seu trabalho”. Geralmente como destaca o referido autor ocorrem apresentações na escola como resultado de suas produções, descobertas do que aprenderam durante a realização do projeto, todavia como pode-se notar o produto final ficaria mais reservado aos próprios alunos em si, para guardarem de recordação do projeto. Mas o professor também mencionou uma apresentação no Sarau da escola que ocorre aos fins de ano, onde possivelmente interpretariam uma das músicas trabalhadas.

Após a etapa inicial de planejamento, na qual se define um tema, quais os objetivos que esperam ser alcançados, pensar estratégias e compreender a importância destes, é necessário então o próximo passo que são as ações, o desenvolvimento deste em sala de aula é o que possibilita tornar-se algo concreto, é o que será analisado no tópico seguinte.

#### **4.2.2 Categoria 02: Projeto Letra E Música Em Ação Na Sala de Aula**

A execução do projeto Letra e Música realizado durante as aulas de Língua Portuguesa no 4º ano da E. M. E. F. Fátima Fernandes Gadelha teve início no mês de março de 2017 e encerrou em dezembro do mesmo ano. A apresentação do projeto realizada pelo professor não pôde ser observada. Embora o Professor em entrevista tenha explicado que apresentou a proposta, sondando o interesse dos alunos por música, para saber quais os conhecimentos prévios acerca da temática “qual gênero musical conhecem, qual mais gostam, pedir que exemplifiquem com uma música que gostem e o por quê”, como previsto nas ações planejadas no projeto que consta no ANEXO A.

Iniciar o trabalho a partir dos conhecimentos prévios dos alunos é o ponto de partida para aprendizagem significativa, pois de acordo com a teoria de Ausubel “o ponto mais importante do ensino deve ser o aluno e aquilo que ele já sabe. O ensino deve ser baseado nesse conhecimento que servirá de ancoradouro para novas informações” (MOREIRA; MASINI, 1982, p. 61).

Essa etapa é considerada pelos autores a parte mais importante do projeto, o momento em que os alunos estarão em ação, e que desenvolverão suas potencialidades, colocando em prática o que foi planejado anteriormente. Esta fase segundo Nogueira (2001, p. 101) “é a mais trabalhosa, embora de maior proveito”. Ela conta fundamentalmente também com a participação do professor como facilitador e quem disporá “dos recursos, materiais e humanos, necessários a montagem, bem como neste momento deve exercer seu papel de membro ativo e participante do grupo” (NOGUEIRA, 2001, p.101).

No primeiro dia em campo, 20 de março a aula iniciou-se com a leitura da letra da música “Criança, Crionça” do livro didático de Língua Portuguesa, observada no ANEXO B. Feita a leitura o professor questionou os alunos sobre o que eram versos e estrofes, como forma de revisar o que viram na aula anterior, a qual não pode ser observada, visto que a pesquisa de campo ainda não havia sido iniciada. Em seguida a música foi tocada na caixa de som disposta na sala pelo professor, a qual os alunos ouviram com atenção, alguns acompanharam a letra no livro.

Depois o professor copiou uma atividade na lousa, a qual os alunos deveriam indicar o número de estrofes e versos, logo depois foi realizada uma correção coletiva e o professor respondeu a todos os questionamentos. Em seguida explicou aos alunos o que era rima como sendo “combinação de sons que ocorre nos versos”. E para que os alunos compreendessem solicitou que dessem exemplos de palavras que rimavam. “Quando o exemplo não condiz, o professor retoma a explicação solicitando palavras que rimem com melancia para compreenderem melhor o que significa rimar” (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 2017). Eles realizaram mais uma atividade para fixar a ideia, e ao final da aula os alunos já conseguiram entender o que era rimas.

No segundo dia observado, 22 de março, o professor introduziu a estrutura de uma letra de música, mas sem uma letra como suporte, e qual o seu objetivo, copiando-a na lousa. Ele realizou a correção da tarefa que havia ficado para casa, a qual os alunos deveriam trazer copiadas nos cadernos a letra de uma música que gostassem e em seguida explicou o que estava escrito na lousa. Com isso as crianças poderiam perceber as diferenças no modo como copiaram a letra no seus cadernos e a estrutura da explicação da qual “boa parte dos alunos recordam o que é verso, estrofe, rimas, até mesmo dando exemplos” (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 2017), apesar da estrutura não estar condizente como escreveram as músicas em seus cadernos.

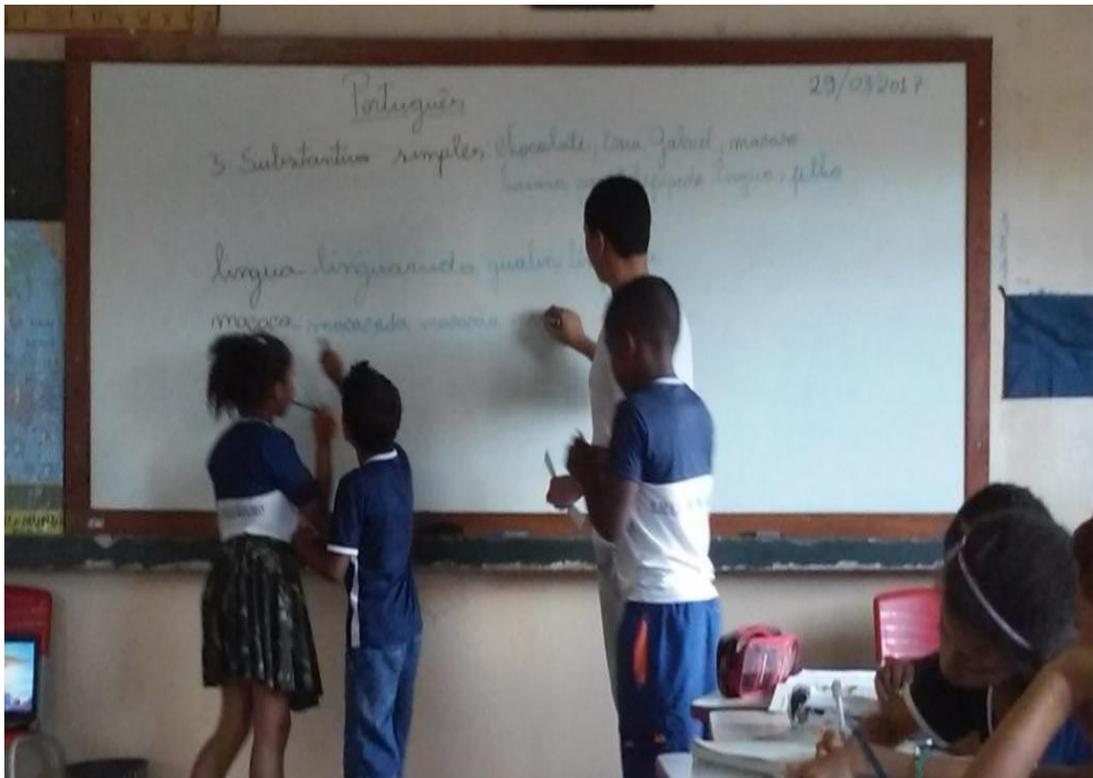
Outra atividade do dia referiu-se aos substantivos, o professor explicou que “Substantivos são palavras que dão nome as pessoas, animais, objetos, lugares do mundo real” e após explicação utilizou a letra da música “Criança, Crionça” de Cid Campos para que os alunos os identificassem. Com isso pode-se perceber que o professor ao invés de apenas explicar oralmente o que são os substantivos, ele utilizou a letra da música para contextualizar de modo que os alunos pudessem entender o conceito.

No dia 29 de março o professor trouxe a letra completa da música “Gualín”, de Gabriel, O Pensador para os alunos, a qual se encontra no ANEXO C, já que haviam lido um trecho no livro didático na aula anterior.

A seguir o professor pede para pegarem uma caneta, pois farão uma atividade com a letra da música, na qual devem procurar 3 substantivos simples [...] logo após essa atividade é pedido aos alunos para encontrarem na letra da música substantivos primitivos. O professor escreve na lousa algumas palavras (substantivos primitivos) que constam na letra da música e em seguida algumas que derivam dela. E pergunta a eles que tipo de substantivo é cada palavra (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 2017).

Outro ponto necessário neste processo de execução do projeto, segundo Nogueira (2001) é a necessidade de o professor atentar-se para que os alunos estejam devidamente motivados, o que só acontece se eles estiverem participando ativamente de todo processo. O que foi visto durante a realização de todo o projeto, pois o professor buscou sempre fazê-los participarem seja por exporem suas ideias, ou participarem das correções de forma coletiva, que pode ser observada na figura 1.

Figura 1 - Professor escreve substantivos na lousa com auxílio dos alunos



Fonte: Foto acervo da autora (2017)

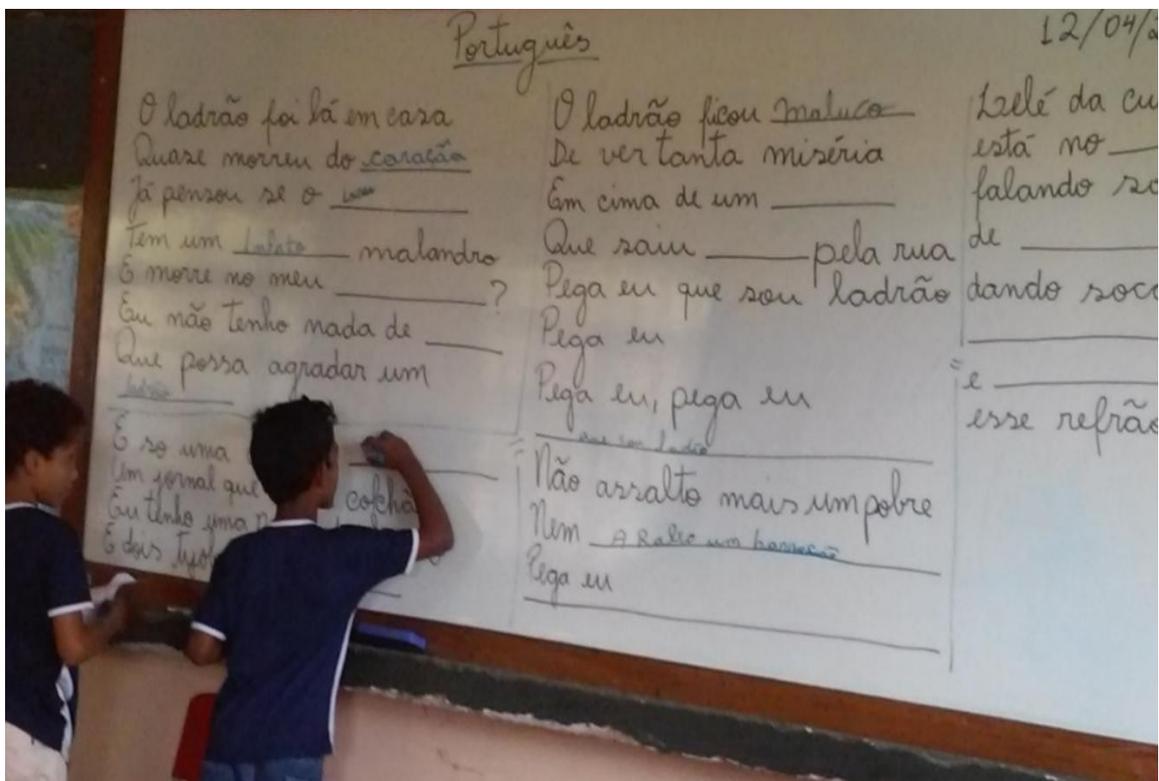
No quinto dia, 12 de abril, realizaram mais uma atividade com a música Gualín, na qual os alunos tinham que escrever seus nomes e as sílabas deveria ficar de trás para frente, enquanto respondia a atividade, a música tocava ao fundo. Após os alunos terminarem o professor escreveu o nome de todos os alunos na lousa, perguntando a cada um como ficaria seu nome. Foi uma atividade que divertiu toda a turma.

A atividade seguinte foi realizada com a uma nova música Pega Eu, de Bezerra da Silva, a qual pode ser observada no ANEXO D. O professor explicou do que se tratava a música, e pediu para os alunos formarem trios para realizarem a atividade.

A música é tocada na caixa de som primeiramente para apreciação, em seguida o professor questiona os alunos sobre o conteúdo da música, e os explica algumas palavras desconhecidas pelos mesmos, como pinel e gatuno. Alguns alunos expõem suas opiniões no que se refere à música, e até evidenciam conhecimento a respeito do significado de algumas palavras diferentes. (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 2017).

A atividade em questão era para preencherem as lacunas com as palavras da letra da música que faltavam. Os alunos foram orientados da seguinte forma: um ficar responsável por escrever as palavras, enquanto os demais o ajudavam com as palavras que deveriam ser escritas. Mas por terem pouco conhecimento da letra da música tiveram dificuldades em responder, o que necessitou ajuda, como também em alguns trios apenas um aluno respondeu a atividade sem ajuda dos demais, pois havia um problema de comunicação entre eles, embora houvesse alguns que discutiam que palavra seria colocada naquela lacuna. Ao final o professor corrigiu a atividade na lousa com a participação dos alunos, como pode ser observado abaixo na figura 2.

Figura 2 - Alunos completando a letra da música “Pega Eu” na lousa



Fonte: Foto acervo da autora (2017)

Tal atividade apesar de como o professor informou ter sido desenvolvida em trios por ter poucas cópias, e a dificuldade do trabalho em grupo, serviu para aprenderem a cooperar, trocar ideias, e desenvolver habilidades interpessoais necessárias a vida social e ao futuro mercado de trabalho. Aspectos que mesmo não explicitados como objetivos do projeto, não deixam de ter um importante valor quando trata-se da formação integral dos sujeitos, sendo que Nogueira (2001) alega ser necessária a devida atenção aos diferentes campos do desenvolvimento, que incluem o afetivo, motor e social, para além de apenas o cognitivo.

No sexto dia de observação 26 de abril, o professor utilizou a caixa de som para tocar a música “Pega Eu”, nessa atividade os alunos deveriam continuar a música a partir do trecho em que a música era pausada. Todavia os alunos encontraram dificuldades em acompanhar a leitura da letra. De modo que se seguiu com o professor relembando o objetivo do projeto: “que é desenvolver a leitura, e aprenderem a ler mais rápido. Ele lembra aos alunos de que eles irão fazer um CD com as músicas estudadas, e que a capa será desenhada por eles” (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 2017). Depois foram distribuídas pelo professor folhas em branco para que desenhassem algo que se referia à letra da música estudada e que este desenho seria também a capa das provas e a avaliação da disciplina de Artes.

Durante a confecção dos desenhos os alunos conversaram sobre os elementos que estavam presentes na letra da música e o professor esteve sempre interagindo com eles, a respeito do que diziam estar presente na música. Ao final da atividade o professor recolheu os desenhos e os analisou em frente à turma mostrando-os e questionando se os elementos presentes no desenho se assemelhavam com o da música, e finalizou a avaliação já comunicando a nota pelo desenho.

Algo que pôde ser notado no decorrer das atividades foi que o professor buscou interagir com os alunos durante a realização das tarefas, e as corrigiu questionando junto à turma, mesmo que o professor tenha feito uma avaliação para obter uma nota e aproveitado a avaliação da disciplina de Artes para realizar uma atividade referente ao projeto, no caso a ilustração da letra da música que estava sendo estudada no momento, ainda que não possa ser considerada de fato uma atividade interdisciplinar, pode ser caracterizada como uma forma de trabalhar outras potencialidade dos alunos e reforçar por meio artístico os elementos presentes na música em questão, além do que as ilustrações seriam posteriormente por meio de uma seleção utilizadas para capa do produto final, que era a produção de um CD, no qual estes poderiam fazer parte dos encartes, objetivo que foi explicado pelo professor no início da atividade e que corrobora com Nogueira (2001, p. 70) que afirma ser “necessário deixar claro a todos (docentes e

discentes) quais são os objetivos de uma determinada atividade que aparentemente foge das ações pedagógicas formais”.

Figura 3 - Aluna ilustrando música



Fonte: Foto acervo da autora (2017)

Figura 4 - Ilustração realiza por uma aluna Figura 5 - Exposição de ilustração pelo professor



Fonte: Foto acervo da autora (2017)



Fonte: Foto Acervo da autora (2017)

No sétimo dia observado, 03 de maio, o professor trouxe paródias que constam nos ANEXOS E, F e G para apresentar aos alunos e escreveu na lousa as características de uma paródia. As paródias foram recebidas com empolgação pelos alunos, que já as cantavam por estarem familiarizados com as letras originais das músicas que trouxe em forma de paródias. O professor explicou a partir do que os alunos comentaram de antemão que acreditavam ser paródias e informou que posteriormente a turma iria realizar uma atividade para produzi-las também. Ele pôs sempre inicialmente a música original, e em seguida a paródia. As produções ficaram como atividade para casa com tema livre, e pediu apenas que não utilizassem nenhuma das músicas até então estudadas, contudo uma aluna de tão animada produziu no mesmo dia sua paródia que se chamava “Cachorro-quente” feita a partir da música Malandramente.

Na aula seguinte de língua portuguesa, dia 15 de maio, os alunos trouxeram as paródias, as características explicadas na aula anterior haviam sido entendidas, porém não foram escritas seguindo a estrutura de uma letra de música, sendo que somente um aluno o fez assim, como pode ser vista no ANEXO H.

As paródias apresentaram assuntos relacionados ao cotidiano dos alunos, e foram feitas a partir de músicas que estavam em destaque na mídia.

No nono dia de observação, 22 de maio, o professor informou que a atividade que estava planejada para aquele dia em sequência do projeto, no qual iria utilizar as paródias dos alunos para trabalhar as questões de coerência e coesão textual não seria realizada, pois percebeu pela sua turma da manhã e que não daria certo também com os alunos da tarde, pois na hora os alunos comparavam de acordo com a música original e se confundiam e então “resolveu replanejar, e apresentou um texto sobre coerência e coesão para os alunos se familiarizarem com o assunto” (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 2017).

A partir dessa atitude do professor pode-se notar então uma questão apontada por Almeida (2002) e Nogueira (2001, 2008) que durante a execução do projeto o planejamento pode e até mesmo deverá sofrer alterações necessárias, pois deve sempre ser flexível e adepto a mudanças para seu bom andamento. De modo que não deve ser engessado, mas ser orientado pelas necessidades dos alunos. Além do mais como pode ser percebido o professor necessitou mudar sua aula utilizando outro tipo textual para que os alunos compreendessem, assim, os conceitos que lhes seriam apresentados e ajudassem na compreensão do assunto sobre coerência e coesão. Prado (2005, p. 16) informa que no projeto “existem momentos em que outras estratégias pedagógicas precisam ser colocadas em ação para que os alunos possam aprender determinados conceitos”.

Na décima aula observada, no dia 12 de junho, o professor retomou a atividade do projeto com a música “O Candidato”, de Bezerra Da Silva que consta no ANEXO I. E, após acompanharem a música tocada, com a letra em mãos o professor instigou os alunos a comentarem sobre o que tratava a música. Os alunos se expressaram posicionando-se contra as atitudes do candidato da música, comparando-o com o que os candidatos políticos geralmente fazem nas épocas de eleições: como a compra de votos, promessas que não cumprem quando eleitos, e foram informados pelo professor que essas práticas comuns aos candidatos chamavam-se corrupção.

O professor chama atenção para o fato que a corrupção não acontece somente nas eleições, ela acontece no cotidiano. Ele dá o exemplo de algo que acontece na própria escola, da sala de aula: furar a fila a hora do lanche, usar do “poder” de ser ajudante do dia se vingando de um colega colando seu nome numa lista ou pagar para tirar seu nome sendo que estava bagunçando (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 2017).

A atividade copiada na lousa sobre a letra da música relacionou-se com a mesma questão da discussão, a qual os alunos mostraram-se muito ativos e interessados pelo assunto visto que já possuíam conhecimentos prévios da própria vivência, este foi um dos momentos que a questão ética foi discutida e que os alunos se posicionaram contra as atitudes dos candidatos, mas ainda não possuíam maturidade ou conhecimentos suficientes para perceberem que algumas atitudes cotidianas não relacionadas à política poderiam também ser caracterizadas como corrupção. Como destacado pelo professor na aula, o assunto abordado na letra da música tornou-se muito pertinente, no que Hernández (1998, p. 79) denomina como ensino para compreensão, cabe à escola assumir uma postura que favoreça “a compreensão dos alunos de si mesmos e do mundo que lhes rodeia”, e para isso os alunos precisam “ter acesso, analisar e interpretar a informação”. Mas é também evidente que este tipo de trabalho quando se tem como objetivo ajudar os alunos a mudarem um determinado comportamento, ou mudar de atitudes precisa de maior tempo de trabalho e ser colocados diante de situações que os façam refletirem sobre elas.

A atividade realizada no décimo segundo dia observado, 27 de setembro, foi na aula de artes e o assunto foi o texto teatral, pois o professor acredita que esta é uma forma de também melhorar a leitura podendo assim ajudar os alunos nas aulas de português. A peça trabalhada foi baseada na música “Domingo no Parque”, de Gilberto Gil que pode ser observada no ANEXO J. O professor trouxe a música em forma de texto teatral, no ANEXO K, e pediu que inicialmente os alunos lessem o texto e identificassem os personagens.

Uma aluno que geralmente se destacava nas aulas do projeto, comentou que pesquisou sobre a música e descobriu que ela competiu em um festival, e viu também uma foto do Gilberto Gil em preto e branco.

O professor informou “[...] que não seria como nas outras peças de teatro, essa seria rápida, iriam ensaiar e apresentar naquele dia mesmo, na sala. E pergunta como iriam querer apresentar, se um de cada vez ou por grupo. Os alunos decidem apresentar em grupo” (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 2017). Nos grupos os alunos discutiram quem representaria cada personagem, e para decidirem um grupo opta por fazer um sorteio, escrevendo os nomes para cada um pegar e saber qual personagem iria ser. Como a maioria dos grupos estavam indecisos o professor passou por cada grupo explicando como seria e questionando se já haviam decidido os personagens, e os orientava sobre os personagens principais que deviam ser priorizados nas escolhas.

Neste momento pode-se notar que o professor mais uma vez utilizou as aulas de Artes e/ou para articular questões do projeto, agora com Teatro que está incluído nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino da Arte, e que de acordo com Almeida (2002, p. 37) “Um projeto pode partir de uma questão relacionada com uma única área de conhecimento e, em seu desenvolvimento, ir se abrindo e articulando conceitos de outras áreas”. Outro aspecto é que os alunos tiveram liberdade na tomada de decisões sobre como apresentar, e na escolha dos personagens, o que gerou um debate entre os discentes, um momento propício para o desenvolvimento da autonomia, um dos pontos chave nos projetos, e momentos como estes dão maior sentido ao trabalho por parte dos alunos, mesmo que em alguns momentos fiquem desordenados, como aponta Hernández e Ventura (1998).

Os alunos encenaram a peça em seus respectivos grupos, onde o professor foi o narrador e eles encenaram utilizando as expressões que o professor havia explicado de antemão e falando as falas dos personagens escolhidos, e se dispôs pela falta de experiências dos alunos a auxiliá-los com as expressões na hora de apresentar. Como forma de avaliar o momento ele optou por no final das apresentações dizer como cada grupo havia se saído, indicando necessidade de melhoras em alguns grupos, como também elogiou os aspectos positivos do que alcançaram, considerando que foi uma atividade breve, porém produtiva. Este tornou-se um momento de diversão, e onde alguns grupos mostraram-se mais inibidos, enquanto outros se expressaram com mais facilidade, esse momento pode ser observado nas figuras seguintes.

Figura 6 - Alunos interpretando música em forma teatral



Fonte: Foto acervo da autora (2017)

Figura 7- Encenação da música em teatro



Fonte: Foto acervo da autora (2017)

Figura 8 - Professor orientando grupo



Fonte: Foto acervo da autora (2017)

O professor apresentou outra letra de música no décimo terceiro dia de observação, 02 de outubro, sendo a música “Cabelo no Pão Careca”, de Zeca Pagodinho que os alunos copiaram da lousa no caderno, a qual consta no ANEXO L.

Na aula de Português, a última do projeto observada, 04 de outubro, o professor colocou a música para tocar na caixa de som e quando ele parava os alunos deveriam continuar lendo de onde parava. A turma encontrou dificuldades em acompanhar a música por meio da leitura, então o docente continuou com outra atividade, a qual os alunos deviam completar a letra da música, primeiro com as palavras da letra original, e em seguida na outra coluna com as palavras em sentido literal. E para isso antes de responderem ele escreve na lousa a palavra “Sentido Figurado” e explicou “Nessa música vocês vão ver muita linguagem figurada, que são palavras que querem dizer outra coisa” (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 2017). E seguiu explicando o significado das palavras que aparecem na letra da música.

Este momento de explicação por meio de aula teórica, chamada por Ausubel de assimilação de conceitos que ocorre por meio da apresentação dos conteúdos, sua definição e significados é uma parte necessária para compreensão da música, sua interpretação, para além de servir unicamente de diversão para os alunos, pois essas informações servirão de suporte para novas aprendizagens, o que possibilita por sua vez a aprendizagem significativa (MOREIRA; MASINI, 1982).

Durante o momento de execução do projeto planejado, os dias os quais foram possíveis acompanhar, a importância do papel que aluno e professor desempenharam pôde ser observado, e nesse sentido, o papel do professor na realização de um projeto é de facilitador ou mediador, de modo a estabelecer um trabalho em parceria com os alunos, mas o docente por ser dotado de maior experiência deve questionar, dá sugestões e dialogar com os alunos quanto ao que está sendo trabalhado, de modo que os materiais utilizados possam ser transformados em aprendizagens pelos alunos (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998; NOGUEIRA 2001, 2008).

Questionado sobre como entendia seu papel no desenvolvimento do projeto, o Professor (2017) declarou “Eu acho que acaba sendo meio que um mediador, né? É, eu encaminho muito das ações, das atividades, mas assim, o que eu acho bacana é que eles se envolvem muito no projeto [...] então eu acho que o meu papel é mais de orientar, né, eles nas atividades”.

Referindo-se ao papel dos alunos nesse processo o Professor (2017) alegou:

Bom eu acho que é fundamental [...]Então assim, se a criança, se as crianças não abraçam o projeto eu acho, não tem como o projeto andar. É importantíssimo, eu diria assim, eu acho que se bobear é muito mais que cinquenta por cento, eu não diria que é cinquenta por cento o professor, cinquenta por cento os alunos, eu diria que é trinta por cento o professor e setenta por cento o aluno. Eu acho que a questão principal do professor aqui é fazer a criança se enamorar pelo projeto, mas o principal é elas

comprarem a ideia do projeto, que quando elas compram a ideia, quando elas gostam do projeto, é a maior parte do projeto, e aí caminha (PROFESSOR, 2017).

Assim pode-se constatar que o Professor percebia-se como orientador, e não o detentor do saber, no entanto, apesar de sempre haver diálogos entre ele e os alunos, as decisões quanto ao que, quando e como serão feitos é em grande parte realizada pelo professor, ele dispôs do material, evidentemente porque nem todos os alunos poderiam dispor destes. Todavia a participação dos alunos poderia ser maior enriquecida com a realização de pesquisas, como no momento das paródias, antes de escreverem as suas próprias deveriam ter outras oportunidades, já que o favorecimento da pesquisa é um dos pontos cruciais no ensino com projetos, uma marca já presente no método dos projetos criado por Kilpatrick e marca da Pedagogia de Projetos nos tempos atuais, embora não se restrinja somente a tal, mas possibilita um maior rigor científico ao trabalho, e pressupõe que nele professor e alunos também se tornem aprendizes (HERNÁNDEZ, 1998).

O professor percebia sim a participação dos alunos como fator mais importante para o sucesso do projeto, contudo acreditava mais que isso dependia do fato dos alunos gostarem da temática e assim estariam motivados na realização das atividades. O que pode ser notado no decorrer dos dias observados foi que os alunos gostaram e acharam divertidas a maior parte das atividades, tirando algumas que eles não conseguiam acompanhar as leituras.

Nesse sentido, percebe-se que as atividades poderiam ter sido mais enriquecidas como já mencionado com pesquisas, como também com mais exercícios práticos e aprofundado mais em algumas questões, mas observamos que isso ocorreu também por razões de pouco conhecimento, por parte do docente, acerca das teorias da Pedagogia de Projetos, e a falta de tempo, e cumprimento das atividades exigidas pela escola. Assim foi possível observar o que é salientado por Hernández e Ventura (1998) os projetos podem ser utilizados para favorecer a construção da aprendizagem de uma forma significativa e a autonomia na aprendizagem, mas que dependendo da postura adotada pelo professor pode ser reduzida a apenas uma forma de organizar os conhecimentos, mas que não foge da rotina profissional de como se dá o ensino-aprendizagem em sala de aula.

Passada esta etapa, chega-se ao momento de realizar a avaliação do projeto, que não foi acompanhada pelo fato da pesquisa não ter abrangido todo o processo, por isso o próximo tópico discorre sobre como seria realizada a avaliação pelo professor.

#### **4.2.3 Categoria 03: Avaliação Da Aprendizagem Pelo Professor**

A avaliação da aprendizagem é um momento de suma importância nos projetos, pois é o momento de saber se os objetivos iniciais, os que constam no planejamento foram alcançados.

Neste quesito Hernández (1998, p. 94) sugere que antes de iniciar um projeto seja realizada uma avaliação inicial da aprendizagem dos alunos, com o propósito de “detectar os conhecimentos que os alunos já possuem” bem como também “seus erros e concepções” para poder planejar as melhores estratégias para favorecer a aprendizagem dos alunos.

Neste sentido o professor informou que no início do ano foi realizado o diagnóstico da aprendizagem dos alunos, no qual foi possível detectar dificuldades em leitura e interpretação, e que a partir do que foi analisado como uma necessidade de aprendizagem para o ano vigente, ele escolhia um projeto que se encaixava nessas condições, que poderia auxiliar os discentes na aprendizagem. E neste ano 2017, como mencionado anteriormente ele optou por trabalhar com músicas, pois esta turma gostava e se mostrava interessada pela temática em questão.

Referindo-se à como seria realizada a avaliação do projeto o professor informou que acabou sendo por meio das provas, mas deixa claro seu posicionamento contra avaliação ser por meio de uma prova, e que a faz por obrigação por parte da coordenação:

[...] então eu faço prova, mas não faço prova é valendo dez, valendo A. Eu faço a prova às vezes valendo um [...] Ai as outras atividades que a gente faz são as atividades que eu acabo contando para fechar o conceito das crianças, então, por exemplo, às vezes eu faço uma atividade de sondagem de leitura com eles, fiz uma no início do ano que tinha o objetivo que era ver como eles estavam no início do ano. Agora quando eu faço a sondagem de leitura, eu iniciei agora no meio do mês passado, ela já tem outro objetivo que é ver se o projeto, que um dos objetivos do projeto é ajudar eles na questão da leitura, se o projeto tá ajudando né? Se eles estão desenvolvendo a leitura, eu fiz a sondagem de um aluno que eu fiquei muito, muito satisfeito que ele assim, do gaguejar pro quase fluente tá um “pé”. Então eu percebo aí que o projeto, tem o um “dedo” do projeto [...] Então assim acaba algumas atividades ao longo do bimestre que eu vou fazendo com eles, acabam servindo pra somar nota (PROFESSOR, 2017).

Na fala do professor é possível notar três avaliações: a já mencionada avaliação inicial; uma que ele chama de sondagem, feita durante a realização do projeto; e a final por meio de prova, embora seja mínima a nota que lhe é atribuída.

Nogueira (2001, 2008) indica um momento ainda durante a realização do projeto, a qual denomina depuração, para avaliar o encaminhamento do que já foi realizado, analisando se é necessário repensar estratégias, alterar algo que havia sido planejado inicialmente, aprofundar em alguma ação, refletir sobre os objetivos, se as atividades estão sendo relevantes para cumpri-los. Este momento de análise pode e talvez até se torne mais interessante quando os alunos também participam. Uma dessas ações citada pelo teórico pode ser observada na prática do professor, pois em determinado momento do projeto ele sonda os alunos, para comparar o diagnóstico inicial e ver o desenvolvimento do discente no decorrer do semestre, citando seu exemplo “se estava havendo melhora na leitura”, sendo este um dos objetivos do projeto, o professor se mostra muito satisfeito com o resultado, referindo-se a um dos seus alunos, que já

estava quase lendo fluentemente.

Ainda como reflexão sobre os possíveis avanços na aprendizagem dos alunos em relação aos objetivos traçados inicialmente no projeto em andamento a mais ou menos 3 meses, em entrevista o professor relatou:

[...] a questão de ampliar a ideia deles de música. É uma coisa que em geral quando eu vou pra trabalhar esse projeto, que eu boto a primeira música eles dizem assim “ah isso ai é música de velho”. Aí, por exemplo, passar para eles que música é atemporal, que música boa não tem tempo. Aí quando eu, eu não passo isso falando pra eles, mas à medida que a gente vai trabalhando pra eles trabalhando eles passam a gostar desse tipo de música eu vejo que um dos objetivos foi cumprido [...] Outro objetivo quando eu passo a letra da música para eles, e eu passo algo, às vezes peço para eles acompanharem, mas quando passo algo e não peço pra eles acompanharem, mas que eu vejo eles tentando acompanhar, então pra mim um outro objetivo tá sendo cumprido, que é a questão de ajudar eles a tentar ter uma leitura mais fluente, entendeu? [...] às vezes de canto de olho assim prestando atenção eu consigo perceber, né alguns dos objetivos sendo cumpridos do projeto (PROFESSOR, 2017).

Em relação, a avaliação final, que visa medir os conhecimentos dos alunos, o professor destacou ser feita não só através de prova, mas uma avaliação de tudo o que foi realizado ao longo dos bimestres, e da própria observação dele em relação aos alunos, já que afirmou não manter um registro escrito das ações realizadas do projeto, apenas o inicial. Não havendo assim um portfólio ou processofólio que sirva de suporte ao acompanhamento do avanço dos alunos, e reflexão por parte do professor dos caminhos que foram tomados ao longo do projeto como sugerido por Henández (1998) e Nogueira (2008), mas que pela experiência o professor assegura perceber os avanços de cada aluno.

Quando questionado a respeito dos alunos também avaliarem o projeto, o Professor (2017) informou “Bom eles avaliam o projeto, mas não pra somatória de conceito”. Eles avaliam o projeto no final do ano de modo que ele possa ter uma “temperatura”, ou seja, perceber alguma coisa que posso ter deixado passar, e que possa melhorar nos anos seguintes que venha a trabalhar com esse projeto. Assim, ele explicou:

[...] Serve pra eu avaliar o projeto. Pra ter uma visão das crianças do projeto, e é isso porque eu tenho a minha visão, mas como eu te falei às vezes a gente não percebe que as crianças, por exemplo, eu já tive anos que as crianças não gostaram muito de certo tipo de música que eu tava colocando, e eu percebi que eu tava colocando só certo ritmo de música. Então eu resolvi mudar um pouquinho por conta disso. Então acaba servindo pra gente ter uma temperatura, uma ideia, a visão das crianças sobre o projeto, mas não é somatória não (ENTREVISTA COM PROFESSOR, 2017).

Como bem informado pelo professor, a avaliação dos alunos sobre o que acharam do projeto serve como forma dele próprio avaliar o projeto e mudanças que podem ser realizadas, contudo referente a uma autoavaliação dos alunos, ele alegou não realizar, pois já tentou umas duas vezes e não deu certo, pois muitos deram nota máxima a si mesmos, mas não de forma

justa, por terem de fato se esforçado durante as atividades, eles não estavam sendo honestos em relação a nota que estavam dando a si mesmos, todavia ele acrescenta que a culpa pode não ser apenas dos alunos, pois, “eu acho que eu teria que ter trabalhado toda essa questão da corrupção, o que é ser honesto, o que é certo e o que não é certo, o que é ética pra depois pedir pra eles fazerem uma autoavaliação” (PROFESSOR, 2017).

Segundo Nogueira (2008, p. 90) tanto a autoavaliação como o ato dos alunos avaliarem uns aos outros no projeto “é uma boa forma de desenvolver a criticidade”, pois somente por ministrar as aulas não será desenvolvido. Isso também dará “uma excelente oportunidade de estimular os alunos a trabalhar competências pessoais” e a avaliação terá “o devido valor construtivo”.

Desse modo, Nogueira (2008) e Araújo (2014) destacam que a avaliação dos alunos sobre eles mesmos no projeto pode os auxiliar a desenvolverem criticidade, algo necessário e visado pelas instituições de ensino, quanto à formação do cidadão. Algo que como percebido pelo professor, pela falta de maturidade os alunos encontram dificuldades, podendo entender que podem se dá uma boa nota, mesmo que suas ações não indiquem que de fato mereça o que poderia levar o professor a realizar uma análise e reflexão junto aos alunos, para que percebessem o que não estava bom e o que poderia ter melhorado, e não de modo a colocar os erros em grande destaque, mas como oportunidades aceitar os erros cometidos e de realizar melhorias. Pois um dos objetivos do trabalho com projetos é o desenvolvimento de habilidades de aprendizagens referentes à vida, sendo esta uma oportunidade de possíveis melhorias, e de acrescentar ao projeto uma maior profundidade em tais questões como mencionadas pelo professor, a questão da corrupção, da compreensão da ética e outras necessárias a vida não apenas a escolar.

Sendo a participação e opinião dos alunos parte fundamental do trabalho mediado por projetos, o próximo tópico explana sobre os pontos de vista dos alunos sobre o trabalho realizado no projeto em si, bem como suas participações e algumas aprendizagens.

#### **4.2.4 Categoria 04: Avaliação Do Projeto Com Alunos**

Para conhecer até o momento as possíveis aprendizagens dos alunos e seus pontos de vista a respeito do projeto, bem como das suas próprias participações, já que, são os principais sujeitos do ensino-aprendizagem foram escolhidos seis alunos para comentarem um pouco sobre o Projeto Letra e Música.

Todos os seis disseram gostar muito do projeto, em maioria porque o acham divertido, e alegaram não terem sugestões de algo que poderia mudar, por já estar bom do jeito que estava, e apenas os alunos 4 e 6 (2017), indicam que a participação de todos poderia melhorar.

Algo mencionado pelo professor como sendo um dos objetivos do projeto, interpretar as letras das músicas, foi algo destacado com muita frequência pelos alunos, como foi mencionado pelo aluno 3 e o aluno 6 (2017), como sendo algo que não sabia e aprenderam com o projeto. Vale ressaltar que o interpretar indicado pelas crianças refere-se tanto a letra da música em si, como o ato de interpretar teatralmente, já que foi essa uma das atividades do projeto e que todas gostaram, pois antes tinham vergonha de falar na frente da turma, neste sentido o aluno 4 (2017) se expressa “aprendi a apresentar assim no meio de todo mundo da sala”.

A música “O Candidato” e “Domingo no Parque” foram as mais referidas pelos alunos, embora se lembrassem de todas as músicas.

Em relação se conseguiam fazer um paralelo entre algumas músicas com aspectos da realidade, eles destacaram as músicas “Domingo no Parque” e o “Candidato”. O aluno 4 indica “a do Domingo no Parque, às vezes acontece essas coisas, o cara fica com ciúmes que a mulher tá com outro e acaba matando”. Os alunos 1 e 5 (2017), destacaram a música do candidato por falar sobre a época das eleições momento em que os candidatos políticos vão a casa das pessoas pedirem, e até mesmo comprar votos, mas geralmente quando eleitos não cumprem com o que prometeram.

O que pode ser notado é que essas músicas assumiram um sentido para estes alunos não por serem divertidas, mas também por conter aspectos da realidade deles, algo real e vivido na sociedade, e traz um aprofundamento em questões geralmente consideradas como polêmicas, mas que pode ser de grande valor no desenvolvimento da criticidade e trabalho com questões de valores, presentes nos temas transversais e podem ser exploradas em um trabalho interdisciplinar. O que releva mais uma vez o valor de atividades que trazem às questões sociais de estímulo a aprendizagem, já que proporciona aos alunos também conhecerem a partir daquilo que eles já conhecem, e os ajudam a verem mais adiante das disciplinas escolares, como realça Nogueira (2008).

O aluno 5 (2017) mencionou uma palavra que não conhecia “pinéu é onde fica os doidos, o hospício[...]”; e referindo-se a música “Cabelo no Pão Careca”, comenta sobre palavras que significam outras coisas, sentido figurado, “Era o pastel era o tabefe, pastel também era burro”.

A atividade das paródias também foi bem lembrada pelos alunos, por conter humor, o principal motivo que se divertiram com as letras, e o aluno 4 (2017) relembra algo ocorrido em

uma das atividades, destacando a estrutura de uma letra de música “Aprender a fazer a música com a letra porque tem gente que faz a música que nem a aluna 1<sup>5</sup> que fez a música da Bruna Carla toda emendada, igual o texto, não fez com as estrofes”.

As atividades mais destacadas pelos alunos se apresentam como as mais divertidas, por terem envolvido os alunos, a que gerou discussão na turma por abordar um assunto que mesmo com a pouca idade eles já conhecem bem, que é a problemática dos políticos corruptos, o enriquecimento vocabular, mesmo que de uma linguagem popular com letras de músicas com palavras até então desconhecidas, e a atividade de ordem prática, em que foi encenada a música “Domingo no Parque” em forma de teatro. Acentuando uma aprendizagem que não constava nos objetivos do Projeto Letra e Música, mas que auxiliou os alunos a vencerem a timidez e expressarem-se melhor, o que destaca o valor dos projetos quanto ao desenvolvimento das múltiplas inteligências, sendo que segundo Nogueira (2001) ele ultrapassa o aspecto cognitivo que realça apenas a inteligência lógico-matemática e a linguística, favorecendo assim, formação de um sujeito integral.

Como autoavaliação foram instigados a comentarem sobre o que achavam até o momento de suas participações no projeto e quais notas achavam que mereciam.

O Aluno 1 (2017) destacou que não sente-se mais com medo de falar na frente dos colegas, algo que tinha muita vergonha, e considerou sua participação muito boa, e que se daria nota 10. O Aluno 2 (2017) acreditava que aprendeu muitas coisas com esse projeto, e que sua participação também foi boa, por isso também se daria nota 10. O Aluno 3 (2017) também considerou sua participação boa e como ele achava que todos irão se dá nota 10, também foi sua escolha. Já o Aluno 4 (2017) considerou sua participação boa, pois não faltou nenhuma vez e presta atenção, todavia diferente dos demais ele se daria nota 9, porque não se achava melhor que ninguém para dizer que merece um 10. O Aluno 5 (2017) achou que estava participando bem das atividades e se daria 8,5 concordando com o Aluno 4. E o Aluno 6 (2017) achou que sua participação estava boa, mas acreditava que precisava melhorar um pouco, por isso se atribuiu nota 9.

Em toda a conversa os alunos de fato não demonstraram uma capacidade crítica muito relevante, provavelmente por de fato não praticarem, e não conhecerem outra forma de se trabalhar o projeto que não fosse a apresentada pelo professor, o que torna proeminente a necessidade de estimular mais a autonomia-crítica dos alunos e instigar momentos de pesquisa pelos alunos, para que a responsabilidade pelo material de estudo não seja somente do professor

---

<sup>5</sup>O nome foi mudado para manter anonimato.

e se forme um espaço de estudo coletivo, e de maior interação dos saberes entre professor-alunos, podendo-se utilizar de materiais viáveis e dos espaços escolares como a sala de informática, como indica Demo (2011). Nesse sentido, Almeida (2002, p. 37) explica que tal processo contribui para o “desenvolvimento de competências para desenvolver a autonomia e a tomada de decisões, as quais são essenciais para a atuação na sociedade atual, caracterizada por incertezas, verdades provisórias e mudanças abruptas”.

Quanto ao julgamento de uma nota todos escolheram notas boas, apesar da maioria ter conseguido dá uma explicação coerente para sua escolha de nota, e um afirmar que se todos iriam dar-se nota dez, então ele também iria escolher. Evidenciando assim, algo que o Professor já havia alegado, mas que acentua-se como uma necessidade de ser melhor trabalhada.

Com tudo isso, pode-se perceber que a escolha do projeto deu-se em consonância com as necessidades de aprendizagens dos alunos referentes à melhoria na leitura e interpretação de textos, e a escolha por trabalhar com músicas por ser algo de interesse geral da turma. De modo que, o projeto foi planejado pensando-se estratégias para que tais objetivos fossem alcançados, onde o professor elaborou uma sequência de modo que o orientasse na realização das atividades e de modo que os alunos compreendessem, todavia, foi um planejamento flexível que pôde se modificar de acordo com necessidades que surgiram.

O desenvolvimento de competências e habilidades previstas referiram-se a melhoria da leitura, ler fluentemente e interpretar textos, embora tenha sido observado que alguns alunos melhoraram outras habilidades que não estavam previstas formalmente no projeto, como expressar-se melhor diante da turma e superação da timidez.

O professor percebeu-se como mediador do processo durante a execução do projeto em sala de aula, foi questionador, estimulou a participação dos alunos e procurou músicas para expandir o repertório musical dos alunos, contudo, ficaram aspectos que poderiam ter sido realizados de forma mais dinâmica, e os alunos como sujeitos de suas aprendizagens poderiam ter tido maiores participações quanto à realização de pesquisas, sistematização de ideias, reflexões e outros aspectos de aprofundamento. Todavia não foram possíveis dada a falta de tempo, recursos e conhecimentos da própria teoria do trabalho com projetos, deixou aspectos que possivelmente poderão ser melhor explorados em projetos futuros.

A avaliação foi realizada pelo professor em três etapas, avaliação inicial com sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos, que serviu de base na escolha do projeto pelo professor, uma avaliação depurativa durante a realização deste para saber se os objetivos esperados estavam sendo alcançados, e a avaliação final com base na realização das atividades durante o percurso do projeto e a prova final. A avaliação dos alunos realizada pelo professor como forma

de perceber o que gostaram e o que não gostaram no projeto para que ele pudesse ater-se a trabalhos futuros, mas a avaliação dos alunos não contava para somatória de conceito.

Quanto a avaliação dos alunos entrevistados, todos mostraram-se satisfeitos com o projeto, embora fosse notável uma ausência de criticidade dadas as suas respostas, porém expressaram-se em maioria indicando que recordavam aspectos importantes dos conteúdos estudados, e frisaram a aprendizagem de interpretação tanto das letras das músicas, como teatralmente, e a superação da timidez ao se exporem em frente a turma.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou o alcance do objetivo geral do trabalho: que foi o de analisar como o trabalho a partir da Pedagogia de Projetos tem contribuído para a construção da aprendizagem significativa, e este foi alcançado por meio do acompanhamento do Projeto Letra e Música, buscando compreender do seu planejamento à sua avaliação.

Por meio desta pesquisa foi possível perceber que para a Pedagogia de Projetos contribuir para aprendizagem significativa é necessária uma postura do professor, de perceber-se e fazer-se mediador ou facilitador do processo de aprendizagem, e para isso se precisava atentar-se para os cuidados desde a elaboração do planejamento do projeto, fase na qual se faz as previsões de possíveis atividades a serem realizadas durante sua execução, parte em que os alunos estiveram envolvidos, e a qual dependia deles os objetivos deste serem alcançados ou não. Por isso em entrevista o professor revelou que a escolha da temática a ser trabalhada foi em busca de sanar dificuldades de leitura e interpretação textual, todavia ele buscou algo que fosse de interesse coletivo da turma, no caso músicas, e o reconhecimento de que tal projeto era flexível, aberto a mudanças durante o percurso de realização, esse foi outro fator que auxiliou o redirecionamento em uma atividade que precisou ser repensada para compreensão dos alunos.

Além do mais o professor manteve uma postura questionadora, o que foi bem observado na execução do projeto em sala de aula, ele tentou manter os alunos envolvidos nas atividades, buscou apresentar músicas que apesar de não serem a princípio do repertório dos alunos, por conter humor e questões as quais já tinham conhecimentos prévios conseguiu com que a maior parte dos alunos ficasse interessados e ativos.

A realização do projeto Letra e Música obteve bons resultados em razão do interesse dos alunos que constituiu algo de grande importância, embora dentro de uma perspectiva da Pedagogia de Projetos em si alguns aspectos poderiam ter sido melhor explorados, como a participação dos alunos com maiores contribuições, em pesquisas, sistematização destas, aprofundamento em questões sociais e ética como apareceu no trabalho com a música O Candidato, ao geral um debate referente a corrupção. Contudo não deve existir um modelo pronto e acabado em relação aos projetos, e sim o olhar do professor ao atentar-se as reais necessidades de seus alunos, de modo que nesse projeto o professor mostrou real interesse e esforço para que os alunos de fato mantivessem-se envolvidos nas atividades deste, e atentou-se a trabalhar os conceitos dos conteúdos de Língua Portuguesa de uma forma contextualizada com as letras das músicas estudadas em cada momento, para que este fizesse real sentido no estudo. Ele buscou também integrar em alguns momentos as aulas de Artes com as atividades

do projeto, para elaboração do encarte dos CDs que serviriam como produto final do projeto, e em forma de teatro, com a leitura e em seguida interpretação do texto, atividade que mostrou-se posteriormente uma das que os alunos mais gostaram e ajudou na melhoria de algumas habilidades.

As avaliações realizadas pelo professor em três etapas o auxiliou no momento inicial a definir um projeto que melhor se encaixava nas necessidades dos alunos, e começar o planejamento a partir do que os alunos conheciam sobre música. Realizou uma avaliação durante a execução do projeto para saber se os objetivos estavam sendo alcançados mesmo que parcialmente, o que percebeu que a leitura dos alunos estava de fato melhorando, e a avaliação final que ficou para quando o projeto encerrasse seria realizada com base na participação destes durante as atividades gerais do projeto, como estavam se saíram e também por meio de prova. A avaliação pelos alunos não tendo valor somatório para nota, apenas afim de saber o que acharam do projeto, se havia algo que não gostaram, e serviria de subsídio para o professor melhorar ou modificar alguns aspectos em projetos futuros.

Quanto aos alunos entrevistados estes mostraram-se satisfeitos com o projeto e comentaram aprendizagens que alcançaram com o projeto, como interpretar textos, interpretação teatral e superação de timidez, destacando algumas habilidades além das apontadas no projeto. Os alunos também recordavam-se de aspectos conceituais das aulas de Língua Portuguesa atreladas ao projeto, até recordando-se equívocos acontecidos durante as atividades, todavia ficou acentuado a necessidade de se trabalhar melhor a questão da criticidade dos alunos, enquanto explicar as razões de suas respostas e das notas atribuídas a si mesmos.

A Pedagogia de Projetos ainda enquanto prática é pouco conhecida, no sentido de se reduzir a certas atividades realizadas na escola em torno de um assunto, ou quando exigidas pela coordenação, o que faz como já frisado ser algo simplesmente imposto aos alunos, e até mesmo o professor por não saber que postura adotar ao realizá-lo em sala de aula, reduzindo um trabalho que poderia ser rico para a construção da aprendizagem dos alunos, para que realmente apreendessem e desenvolvessem o que quer que tenha sido posto como objetivo, como apenas mais uma série de conteúdos e atividades que não modificam em nada a rotina da sala de aula, nem torna-se algo desafiador aos alunos. Não obstante, a necessidade de maior divulgação destes trabalhos para os professores que estão nas salas de aulas das diversas escolas e que se deparam diariamente com as dificuldades de ensinar os alunos, e mais ainda de alcançar uma prática que de fato traga resultados, com a qual os alunos aprendam é uma necessidade notável em geral. Todavia, além da falta de conhecimentos sobre a prática tem-se também a

imposição de uma série de conteúdos aos quais os professores precisam cumprir no decorrer do ano escolar, a falta de tempo pela sobrecarga de atividades aos professores, o que dificulta um trabalho mais elaborado e que leva maior tempo pelo professor, também a de recursos viáveis a educação e espaços para realização de pesquisas e outros.

Apesar dos entraves que podem ser encontrados na realização de um trabalho diferenciado, como por meio dos projetos, o que fica também é o interesse do educador no que se refere a dar maior sentido ao seu trabalho e ao dos alunos, como o do professor da referente pesquisa que desenvolveu um interesse particular pela prática, e que ao ver os reais resultados busca sempre que possível trabalhar a partir deles. Além do que para os que estão saindo dos cursos universitários como docentes que estarão atuando nas salas de aula das diversas escolas este conhecimento possa fazer diferença em suas práticas pedagógicas.

Deste modo, a realização deste trabalho serve como acréscimo ao que foi considerado como vantagens em se trabalhar a partir de projetos, desde que estes não sejam algo engessado e realizado unicamente pela óptica de um professor ou gestor, desconsiderando que os principais interessados no que há de ser estudado são os alunos, ao qual o projeto será direcionado, e o qual só será concretizado se os principais sujeitos da aprendizagem, de fato estiverem motivados e compreenderem a necessidade desta aprendizagem, o ensino deve dar-se de modo contextualizado e partir dos conhecimentos prévios dos alunos. Assim, o trabalho mediado pelos projetos não deve-se apresentar aquém das necessidades educacionais, pois estas não devem ser desconsideradas, como também das necessidades ligadas as questões sociais de ordem imediata, de modo que o projeto também cumpra sua função de educar para vida, de formar os cidadãos que atuem com autonomia e criticidade em uma sociedade que sofre constantes transformações.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. Elizabeth de Almeida. Como se trabalha com projetos. **Revista TV ESCOLA**. Secretária de Educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, nº 22, p.35-38, março/abril, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/revistas/Revista22/PDF/entrevista.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2017.
- ARAÚJO, Ulisses Ferreira. **Temas transversais, pedagogia de projetos e mudanças na educação**. São Paulo: Summus, 2014.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Dispõe sobre a educação escolar estar vinculada ao mundo do trabalho e a prática social**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 12 jan. 2016.
- COOL. César. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das crianças no Brasil**. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 55-79.
- DEMO. Pedro. **Educar pela pesquisa**. 9ª Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- DEWEY, John. **Vida e educação**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1952.
- ESCOLA NOVA. IN: MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/escola-nova/>>. Acesso em: 18 de out. 2017.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. 7ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- GARRUTI, Érica Aparecida; SANTOS, Simone Regina dos. A interdisciplinaridade como forma de superar a fragmentação do conhecimento. **Revista de iniciação científica da FFC**, São Paulo, v.4, n 2, p. 187-197,2004. Disponível em: <<http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/ric/article/viewFile/92/93>>. Acesso em: 29 dez.2017.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3ª ed., São Paulo: Atlas, 1991.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativas em Ciências Sociais**. 8ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2004.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**, 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

JAPIASSU, Hilton. **A questão da interdisciplinaridade**. Palestra proferida Seminário Internacional sobre Reestruturação Curricular, Porto Alegre, em julho de 1994. Disponível em:

<<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/interdisciplinaridade-japiassu.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

KAUARK, Fabiana da S; MANHÃES, Fernanda C; MEDEIROS, Carlos H. **Metodologia da Pesquisa**. Um guia prático. Bahia: Litterarum, 2010.

KILPATRICK. William Heard. **Educação para uma civilização em mudança**. 16ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1978.

KLEIMAN, Angela B. e MORAIS, Sílvia E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. 7ª ed. São Paulo: Mercado de letras, 1999.

LEAL, Francisco Juceildo. **Anísio Teixeira e a revolução educacional do Escolanovismo**. Rio de Janeiro: UCM, 2004. Disponível em: <

<http://www.avm.edu.br/monopdf/8/FRANCISCO%20JUCEILDO%20LEAL.pdf>>. Acesso 11 Jan 2017.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. **Pedagogia de Projetos: Intervenção no presente. Presença pedagógica**, Belo Horizonte: Dimensão, v. 2, n 8, p.25-33, mar/abr 1996. Disponível em: <<https://edufisescolar.files.wordpress.com/2011/03/pedagogia-de-projetos-de-lic3bacia-alvarez.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2017.

LEITE, Ana Cláudia. **A noção de projeto na educação: o ‘método de projeto’ de William Heard Kilpatrick**. São Paulo: PUC, 2007. Disponível em:

<<https://tede2.pucsp.br/.../1/Ana%20Claudia%20Caldas%20de%20Arruda%20Leite.pdf>>. Acesso: 12 jan. 2017.

LOCALIZAÇÃO DA E.M.E.F FÁTIMA F. GADELHA. In: GOOGLE MAPS. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/E+M+E+F+Em%C3%ADlia+Ferreiro/@-5.3485605,-49.0844574,17z/data=!4m5!3m4!1s0x92c3a72617f5f5a1:0xb08f5625e94ae899!8m2!3d-5.3488062!4d-49.0825906?hl=pt-BR>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MOREIRA, Marco A; MASINI, Elcie F. Salzano. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

MINAYO, M.C.S. Trabalho de campo: Contexto de observação, interação e descoberta. In DEISLANDES, S.F; GOMES, Romeu; MINAYO, M.C.S. (org). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 33ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MIZUKAMI, Maria da Graça N. Abordagem tradicional. In: \_\_\_\_\_. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986, p. 7-17.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos Projetos: Uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências.** 3ª Ed. São Paulo: Érica, 2001.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos Projetos: Etapas, papéis e atores.** 4ª Ed. São Paulo: Érica, 2008.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel (Org.). **Integração das tecnologias na educação.** Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005. cap. 1, artigo 1.1, p. 12-17. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/ciencias/viali/tic\\_literatura/livros/Salto\\_tecnologias.pdf](http://www.pucrs.br/ciencias/viali/tic_literatura/livros/Salto_tecnologias.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2017.

PROJETO. In: DICIONÁRIO INFORMAL. São Paulo: 06 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/projeto/>>. Acesso em: 12 set. 2017.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TEIXEIRA, Anísio. Porque "Escola Nova?". **Boletim da Associação Bahiana de Educação.** Salvador, n.1, 1930. p.2-30. Disponível em: <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/nova.htm>> Acesso em: 12 de set. 2017.

TEIXEIRA, Anísio. O manifesto dos pioneiros da educação nova. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** Brasília, v.65, n.150, maio/ago. 1984. p.407-425. Disponível em: <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/mapion.htm>>. Acesso em: 12 set. 2017.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** 4ª ed. São Paulo: Fontes, 1991.

## APÊNDICE A- DIÁRIO DE CAMPO

1º dia em campo- Segunda-feira 20 de março de 2017

Aula de português: 1º horário.

No primeiro dia in lócus o professor me apresenta a turma. O professor explica que estarei acompanhando o projeto que de música durante as aulas de Língua Portuguesa, referentes ao projeto Letra e Música.

Sento-me na lateral junto a alguns alunos, já que a sala é disposta em semicírculo.

O professor realiza a chamada distribuindo fichas com os respectivos nomes dos alunos.

Percebo a inquietude dos alunos e a curiosidade por parte de alguns quanto a quem sou.

A aula enfim inicia-se com o professor pedindo que os alunos peguem os livros de Português, e abram na página 19 para lerem a música.

O professor resolve antes de lerem a música, realizar uma revisão da aula anterior. Pergunta “o que são versos?” Um aluno responde que são as linhas.

O professor pergunta o que são estrofes, respondendo ser um conjunto de versos (ainda explicará a turma).

Voltam à atividade do livro, onde o professor realiza a leitura da letra da música “Criança, Criança” de Augusto Campos e Cid Campos.

O professor questiona “que parte mais se repete?”. Os alunos respondem: “Criança, criança...”

O professor utiliza a caixa de som para os alunos ouvirem a música. Ele informa que foi difícil de encontrar a música. Solicita aos alunos acompanharem no livro.

O professor conversa em tom de voz normal e com calma, sempre pedindo por favor que as crianças prestem atenção na música.

Os alunos ficam quietos durante a música é tocada (apenas algumas crianças acompanham a leitura no livro, no entanto a maior parte da turma está atenta prestando atenção a música).

Um aluno no fundo da sala questiona o professor no que se refere as atividades passadas para casa do livro. O professor responde que não foi pedida a questão nº4.

O referido aluno vai ao professor que encontra-se escrevendo no quadro, mostra-lhe no livro quais seriam as questões, e educadamente o professor mostra-lhe que a questão número quatro não foi solicitada.

Nota-se que os alunos gostaram da música.

O professor chama-os à sua cadeira para corrigir a atividade.

Uma boa parcela dos alunos não havia copiado no caderno e respondido.

Atividade do quadro:

2) -*No caderno numere as estrofes na letra da canção e responda:*

a) *Quantas estrofes há nessa letra da canção?*

b) *Todas as estrofes têm o mesmo número de versos?*

c) *Qual é o número de versos de cada estrofe?*

3) – *Observe que uma das estrofes se repete na letra da música. Copie no caderno essa estrofe que se repete.*

Após alguns minutos o professor realiza a correção coletiva

O professor indica no livro e explica que estrofe não é verso, porque muitos se confundiram na hora de responder.

Todos participam da correção no quadro.

O professor passa em todas as mesas para observar o caderno dos alunos.

Percebo que os alunos têm certa medida de liberdade na sala de aula, para movimentar-se e interagir com o professor e os colegas.

Após alguns minutos o professor pede para que os alunos abram os livros na página 23 e copiem no caderno.

Neste momento o professor assume uma postura mais séria e centrada, todavia responde todos os questionamento dos alunos.

O professor segue explicando o que é rima “combinação de sons que ocorre nos versos”.

O professor pede para que falem palavras que rimem. Citam: mão, mamão, limão, pão etc.

Quando um aluno dá um exemplo que não condiz, o professor retoma a explicação solicitando palavras que rimem com melancia para compreenderem melhor o que significa rimar.

Logo em seguida solicita que respondam a tarefa nº4 da página 23, que é para procurar palavras na letra da música que rimem com: a) nascença; b) teiú; c) sagui.

Algumas crianças reclamam por estranharem o estilo musical.

Quase todos os alunos concentram-se ao procurar as palavras na letra da música.

Um aluno vem até mim e mostra as palavras que havia encontrado. Digo que ainda há mais palavras que rimam com as quais ele procura. Ele retorna ao seu lugar para procurar outras palavras.

O professor vai às carteiras dos alunos observando-os e auxiliando alguns deles.

Em seguida os alunos são chamados individualmente para correção das atividades.

Um aluno responde a atividade por outros colegas.

O professor repreende alunos por conversarem demasiadamente, pois a maioria nem ao menos havia terminado de copiar da lousa. Irritado apaga a questão do quadro e inicia a correção coletiva.

Segue-se com mais atividades de procura no livro, para procurar na letra da música sons que rimam.

Após o intervalo, a tarefa da lousa é corrigida, sendo que falta apenas 10 minutos para o encerramento da aula de português. A correção ocorre com participação dos alunos.

Neste momento os alunos já conseguem entender que rima é quando as palavras terminam com sons parecidos.

Ao final da aula de Português é passada a tarefa para casa a qual o professor pede para que copiem a letra de uma música que gostem.

O professor pede um exemplo e copia o trecho de uma música cantada pelos alunos, os quais se animam bastante. O professor faz isso para que de fato os alunos compreendam o que deve ser feito.

2º Dia em Campo: Quarta-feira 22 de março de 2017.

Hoje a aula inicia com atividade da página 24 do livro didático de Língua Portuguesa.

Na lousa o professor copia a explicação do que é letra de canção (como se estrutura e qual seu objetivo).

Correção do dever de casa da aula anterior, onde trouxeram a letra de uma música que gostam. Os alunos as levam a mesa do professor para ser realizada a correção, os quais são solicitados a cantarem a música a fim de confirmar que ele sabem.

O professor expõe os alunos que não realizaram a atividade de casa, e pede que tragam prontas na segunda-feira. Se os alunos não souberem de cabeça pedirem ajuda das mães ou outro adulto.

Em seguida o professor explica fazendo um resumo escrito na lousa e revisão de como é composta a letra de uma canção.

Boa parte dos alunos recordam o que é verso, estrofe, refrão e rimas, até mesmo dando exemplos.

Retornando ao livro, pede-se para que os alunos abram na página 28. É realizada pelo professor a leitura e respostas das perguntas é realizada oralmente. O que é, o que é? Informando que as respostas estão na letra da música Criança, Criança.

As crianças se animam e começam a falar sobre os animais (preguiça).

Após este momento parte-se para atividade da página 29 do livro, que deve ser copiada no caderno, devendo observar a gravura e fazer uma lista com 10 coisas que aparecem na mesma.

Alguns alunos terminam a atividade rapidamente.

O professor vai as mesas dos alunos observar as atividades e em seguida chama a atenção para correção na lousa. São solicitados a dizerem algo que encontraram na figura e que escreveram. Alguns desses alunos ainda não haviam concluído a atividade.

Em seguida pede-se para que escrevam ao lado ou abaixo da lista o que escreve na lousa:

*Substantivos são palavras que dão nome a pessoas, animais, objetos lugares do mundo real.*

O professor explica que adjetivos como sendo apenas coisas existentes no mundo real, como algo que se vê e se toca. Como exemplo, copia na lousa: A menina é corajosa. Sendo que nesta frase o substantivo é menina. Segue ainda outros exemplos como: O cachorro é medroso e O Matheus é alto. Sendo então respectivamente os substantivos: cachorro e Matheus.

Observo que o professor sempre utiliza o livro como suporte.

Segue-se a atividade na lousa, onde desenha um quadro onde deve-se escrever nomes/substantivo com objetos, animais, lugares, brinquedos, comidas e pessoas. Nesta atividade é realizada a brincadeira conhecida como adedonha.

O professor está sempre pronto para sanar dúvidas dos alunos.

Ele delimita o tempo específico para cada atividade, sendo 3 minutos para cada rodada. A primeira letra é M, os alunos ficam agitados e se divertem durante a atividade, enquanto pensam e escrevem as palavras o professor anda pela sala os observando. A cada três minutos o professor passa corrigindo as palavras nos cadernos.

O professor após essa atividade corrige a atividade de casa da aula anterior, e os 7 meninos que não responderam ficam sem recreio.

### 3º Dia em campo: Segunda-feira 27 de março de 2017

A aula inicia com o professor pedindo para os alunos abrirem os livros na página 29, e realiza a uma revisão da aula anterior. “Substantivos são palavras. Mas qualquer palavra? Não!”. Ele escreve na lousa “Substantivos se referem a coisas do mundo real”. Exemplo: O menino foi à escola alegre.

“Agora iremos ver que os substantivos se dividem em diferentes tipos”. E pede para que os alunos copiem da lousa. Enquanto realizam a cópia a sala fica em silêncio.

O professor apresenta conceitos de substantivo simples e substantivo composto. Depois pede para que abram o livro na página 31, questão 1 que contém vários nomes de animais. E segue utilizando os nomes como exemplos de substantivos simples e compostos. Explica que quando há apenas uma palavra configura-se como substantivo simples e com duas ou mais palavras, como substantivo composto.

Palavras escritas na página 31: leão, onça-pintada, macaco prego, tucano, jabuti, bicho-preguiça, lobo-guará, porco-do-mato.

Os alunos são solicitados a fazerem um quadro dividindo os substantivos simples dos compostos.

Um aluno (Davi) questiona ao professor o que são substantivos e o professor reexplica que os substantivos simples são os substantivos com uma palavra e os compostos com mais de uma.

Ao terminarem de responder os alunos levam as atividades ao professor para serem corrigidas.

Observo que um aluno que não entendeu a atividade é ajudado por um colega ao seu lado, mostrando no quadro no caderno dele que as palavras que estão só ficam de um lado do quadro, enquanto as que tem duas ou mais no outro lado.

O professor informa que fará a correção na lousa, e pigarreia para chamar atenção dos alunos. Pede para dizerem quais palavras são substantivos simples, e depois os compostos.

Percebo que a maioria da turma compreendeu.

O professor passa atividade na lousa, onde devem escrever no caderno 3 substantivos simples e 3 substantivos compostos.

Um aluno questiona “no substantivo composto pode colocar nome e sobrenome?”

Com isso o professor chama atenção da turma para explicar o que caracteriza o substantivo composto, sendo o “tracinho” (hífen) que separa as palavras. Exemplo: Guarda-chuva, pé-de-moleque. Já nome e sobrenome não são separados por um tracinho.

Os alunos chamam atenção para os cartazes com informações sobre vários animais (seus nomes) que estão fixados na parte superior da parede, do lado da lousa. Os nomes dos animais, contém substantivos simples e compostos.

Posteriormente, o professor corrige a atividade na lousa pedindo aos alunos para dizerem os substantivos que escreveram. Em seguida escreve na lousa os substantivos primitivos e derivados.

*Primitivo: palavras que dão origem a outras.*

*Derivados: formadas a partir de outras palavras.*

Em sua explicação compara os substantivos a mãe e os derivados aos filhos. Primitivo que dão origem a outras palavras, e derivados os que surgem de outra palavra.

Exemplo de substantivo primitivo, Ferro e substantivos derivados da palavra, ferreiro, ferradura, ferrugem e ferrinho.

Como dever para casa que respondam a atividade número 5, da página 32, e atividade 6 da página 33. A atividade é relacionada aos substantivos primitivos e derivados.

O professor retoma a aula com a leitura de um trecho da música de Gabriel, O Pensador: Gualin. Ele pigarreia chamando a atenção da turma para letra na página 42.

O trecho da música possui palavras escritas ao contrário, o que diverte as crianças. A leitura é realizada de forma coletiva, cada um lendo uma linha (verso), iniciando pelo professor.

O professor põe na lousa a pergunta a qual devem responder: *Qual regra o autor da canção inventou para criar novas palavras? Quero – Roque, Nome – Menô, Tudo – Dotu.*

4º Dia em campo: quarta-feira 29 de março de 2017

A aula inicia-se com a correção da atividade de casa da aula anterior, mas antes é realizada a revisão. Ele questiona o que estudaram na aula anterior, e reexplica. Coloca como exemplo uma aluna “A Raquel está cheirosa. Qual é o substantivo? Raquel porque posso vê-la, e cheirosa só pode ser sentido”.

O professor traz a letra da música Gualín, lida na aula anterior, porém completa. Enquanto a cola seca, o professor dá o visto e corrige a atividade nos cadernos.

Auxílio na correção das atividades, e percebo que a maioria dos alunos não conseguiram entender o que são substantivos derivados.

Alguns alunos são chamados a lousa para escrever as palavras que pedem nas questões. Enquanto isso a música é tocada na caixa de som, e as crianças se divertem.

A seguir o professor pede para pegarem uma caneta, pois farão uma atividade com a letra da música, na qual devem procurar 3 substantivos simples. Noto ao caminhar pelas carteiras que os alunos ainda estão confusos quanto ao que são substantivos, e auxilio alguns que ainda não compreendem.

Logo após essa atividade é pedido aos alunos para encontrarem na letra da música substantivos primitivos. O professor escreva na lousa algumas palavras (substantivos primitivos) que estão na letra da música e em seguida, algumas que derivam delas. E pergunta a eles que tipo de substantivo é cada palavra.

Após os alunos são solicitados a resolverem a questão da página 43, números 2 e 4.

Ele chama atenção dos alunos que não estão prestando atenção. E depois corrige a atividade, sendo que em uma os alunos deviam separar as sílabas das palavras e percebe que os alunos têm dificuldades em relação as sílabas.

5º dia em campo: quarta-feira 12 de abril de 2017

A aula iniciou com a leitura do texto “A roupa nova do rei” realizada pelo professor. Em seguida um aluno vai à frente da sala ler um pequeno texto, intitulado “Família muito unida”.

Segue-se a atividade no livro de Língua Portuguesa, na página 42. Após o professor explica que realizarão mais uma atividade com a música de Gualín, de Gabriel, O Pensador e que depois apresentará uma nova música.

A música é tocada na caixa e som, e os alunos acompanham na letra cantando.

A atividade realizada em seguida da lousa onde devem escrever seus nomes completos e a seguir escrevê-lo de trás para frente. A música continua a tocar enquanto respondem a atividade.

Ao responder a atividade, na qual devem inverter a ordem das sílabas, boa parte dos alunos não compreendem como o fazer, de modo que auxílio alguns alunos.

O professor escreve os nomes dos alunos na lousa para fazer a correção geral, e percebo que todos os alunos se divertem com a escrita dos nomes de trás para frente.

A seguir, o professor pede para formarem trios para realização da próxima atividade. Leva um tempo até os alunos se organizarem, havendo um pouco de confusão.

O professor explica o que irão fazer, apresenta do que se trata a música que é um pagode que fala de um ladrão que vai roubar a casa de um pobre e fica louco porque não encontra nada que possa ser roubado. A música se chama Pega Eu, de Bezerra da Silva.

A música é tocada na caixa de som primeiramente para apreciação, em seguida o professor questiona os alunos sobre o conteúdo da música, e os explica algumas palavras desconhecidas pelos mesmos, como pinel e gatuno.

Alguns aluno expõe suas opiniões no que se refere a música, e até mesmo evidenciam conhecimento a respeito do significado de algumas palavras diferentes.

As atividades são distribuídas, um aluno do trio fica responsável por responder, enquanto os outros o auxiliam. A música permanece tocando.

Os alunos ficam perdidos ao tentarem preencher as lacunas na letra da música, por ainda não conhece-la suficientemente. E com autorização do professor auxilio-os ao passar entre os trios. Alguns alunos respondem sozinhos, enquanto o restante do trio simplesmente não ajuda.

O professor me explica que foi necessário formar trios, pois não havia quantidade suficiente de atividades impressas.

Noto que mesmo que nem todos os alunos ajudem uns aos outros a atividade em trio é importante, pois, os alunos que interagem entre eles, mesmo que errando algumas palavras estão trocando experiências (ideias), e aprendendo a cooperar.

Após o intervalo alguns alunos são chamados para irem à lousa responderem preenchendo as lacunas na letra da música.

O professor segue corrigindo as palavras na lousa. E os alunos participam da correção.

Percebo pequenos erros de ortografia, faltam letras, ou há confusão no som das letras, e dificuldade nas palavras.

6º dia em campo: quarta-feira 26 de abril de 2017

A aula começa como de costume, chamada e leitura de algum aluno de um determinado texto.

Dando continuidade ao projeto, o professor utiliza caixa de som para tocar música (Pega Eu). Ele dá pausas e pede para os alunos cantarem um trecho dando continuação.

Alguns alunos não conseguem acompanhar, por ainda não saberem ler direito.

Em seguida o professor distribui folhas A4 em branco.

O professor relembra o objetivo do projeto que é desenvolver a leitura, e aprenderem a ler mais rápido. Ele fala que irão fazer um CD com as músicas estudadas, e que a capa será desenhada por eles.

Após explica que na folha em branco devem desenhar algo referente música estudada, sendo esta a avaliação da disciplina de Artes e capa das provas.

“Usem a criatividade, mas deve ter haver com a música ouvida” – Professor.

Enquanto desenham o professor caminha entre as carteiras, e as músicas até então estudadas ficam tocando ao fundo.

Ao desenharem os alunos conversam sobre elementos presentes nas músicas e o professor interage com elas.

A seguir o professor comenta os desenhos, mostrando-os para turma a proximidade destes com a letra da música. E pergunta-os se pelo desenho dá ou não para saber que se trata da história de um ladrão que assalta um barracão. E dá a nota em voz alta.

Alguns desenhos se aproximam da música, outros apesar de bonitos não fazem muita referência a música.

Após o recreio votam nos melhores para definir um que fará parte da capa do CD.

7º dia em campo: quarta-feira 3 de maio de 2017

Hoje como de costume a aula se inicia seguindo a rotina de entrega das fichas com os nomes dos alunos, na qual sou pedida para distribuí-las.

Enquanto isto o professor instala a caixa de som e distribui a letra de uma paródia para as crianças. A música original é Camaro Amarelo, de Munhoz e Mariano, e o tema da paródia é “Vendedor de Doces”.

Na lousa o professor escreve as características de uma paródia, como sendo: letras divertidas, humor; uso de uma estrutura de uma música já pronta, melodia, estrofe, rimas.

Recebo uma cópia do professor.

Os alunos já estão lendo a paródia que receberam e cantando, pois como é notável a paródia é de uma música conhecida por eles.

Então o professor pergunta se eles sabem o que é uma paródia. Um aluno responde que é uma música, que outra pessoa inventa em cima de uma música já inventada e que são divertidas. Outro diz que tem imoralidade nas paródias. O professor deixa-os se expressarem.

É observável que conhecem muito bem o que são paródias. Escutamos um aluno cantar uma paródia que ele conhece.

O professor segue reforçando a partir do que o aluno disse, para explicar melhor o significado delas. E informa que irão estudá-las para começarem a produzir paródias.

Durante a explicação quatro alunos levantam as mãos. Percebo que um aluno se destaca, o que já havia cantado uma paródia antes, aluno É, e continua cantando.

Após os alunos falarem, o professor chama a atenção para a letra da música que receberam e a lê para turma. Todos riem durante a leitura.

A turma está bastante animada.

O professor inicia colocando a música original para os alunos ouvirem.

O professor distribuí outra paródia, essa de uma música em inglês. A música original é “Sorry”, de Justin Bieber, e a paródia “Cansei de ser pobre”.

“O importante da paródia é pegar a melodia de uma música e transformar em outra”. – Professor.

A música original é tocada.

Após as duas paródias serem ouvidas o professor comenta que iniciarão a escrita de suas próprias paródias. Ele copia na lousa o dever de casa, que é escrever uma paródia e devem colocar: música, cantor e o tema que é livre.

A tarefa é explicada, retomando a explicação do que são paródias.

Uma aluna de tão animada adianta a tarefa de casa e escreve uma paródia sobre “cachorro-quente”, da música original “Malandramente”.

O professor solicita que não utilizem nenhuma das músicas que já usaram para estudar, pois serão utilizadas posteriormente. Diz para serem criativos, pois podem usar qualquer tema, inclusive dá exemplo de alguns.

Segue entregando outra paródia, agora, da música “Sogrão caprichou”, do Luan Santana, sendo a paródia “Quarto sujo”.

O professor comenta que pesquisou as paródias na internet e selecionou essas.

8º dia: segunda-feira 15 de maio de 2017

Hoje a aula se inicia com a leitura do texto “O guaraná”, realizada pelo professor. Em seguida informa que os alunos realizarão a leitura de alguns textos, só que agora utilizando o microfone.

“É para vocês aprenderem a ler mais alto... lembra que quando vão ler para alguém tem que ser alto porque os outros precisam ouvir.” – Professor.

Enquanto realiza a chamada os alunos ficam dispersos.

O professor relembra a última aula de português, na qual viram o que são paródias e, suas características como o humor, e também são criadas a partir de uma música já existente. Informa-os que quem ainda não fez as paródias que ficou como dever de casa devem terminar até o recreio.

Os alunos são chamados individualmente para correção das paródias nos cadernos.

Durante a correção alguns alunos ficam brincando, brigando e outros estudando a tabuada.

Ando pela turma observando as paródias os alunos e tiro algumas fotos.

Observo que uma parte da turma não realizou a tarefa em casa e ainda estavam fazendo.

Os alunos que escreveram as paródias entenderam as característica, porém não escrevem de forma estruturada. Mas percebo que um aluno (C) seguiu a estrutura da escrita de uma música.

Os alunos são pedidos para destacarem as folhas escritas, porque ele as levará para casa para analisar melhor. Nas folhas devem constar seus nomes completos.

Para os alunos que não fizeram, ou não entenderam, o professor informa que explicará novamente. Ele recolhe algumas paródias para ler e servir de exemplo para os que ainda não as fizeram.

A primeira apresentada pelo professor se destaca como uma sátira, forma de crítica a dois colegas que são “viciados” em pipas. O ritmo da paródia é funk.

A outra é sobre apanhar da mãe, baseada na música de Luan Santana. Em seguida a cachorro-quente, da música Malandramente. E por último a paródia Lanche, baseada na música de Naiara Azevedo, 50 reais.

Percebo que são paródias de músicas que estão em destaque na mídia, e são sobre assuntos do cotidiano.

Sou solicitada para ajudar os alunos que ainda não terminaram suas paródias. Enquanto o professor passa atividade do livro de Língua Portuguesa, nas páginas 50 e 51.

A aluna que auxiliei teve bastante dificuldade par pensar em uma música, assim como na escrita das palavras. Além de demonstrar falta de interesse.

A aula se inicia com a rotina de praxe.

Um aluno é chamado para realizar a leitura de um pequeno texto em frente a turma, desta vez utilizando o microfone para a leitura ser mais audível.

O professor vem até onde estou sentada para me explicar que hoje não dará continuidade a sequência do projeto que seria apresentar as paródias para corrigir com os alunos a falta de coerência e coesão das mesmas. Explica também que com a turma da manhã o que foi planejado não saiu como imaginava. Os alunos não entenderam o que queria dizer coerência e coesão através da explicação usando as paródias. Acrescentou que as crianças na hora de fazer a correção se embasaram, ou fizeram a comparação com a letra da música original, com isso, resolveu replanejar, e agora a tarde irá apresentar um texto para primeiro entenderem o que é coerência e coesão, porque com base no que aconteceu pela manhã percebeu que pela tarde aconteceria a mesma confusão.

O professor copia o trecho de um texto na lousa:

*Aninha.*

*No começo fiquei deprê com minha mudança. Deixar São Paulo não tava nos meus planos, ne? Mas agora tá tudo bem. E ir a praia aqui no Rio, é pura curtidão.*

*E você, como estão as coisas por aí?*

*Tô com saudade. Muitos beijos de sua melhor amiga.*

*Luciana.*

O professor está sempre caminhando pela sala observando os alunos fazerem a atividade.

Na frente da turma relembra que já estudaram sobre substantivos e os alunos vão dizendo quais foram os substantivos: simples, composto, primitivo e derivado.

Em seguida procuram no texto palavras referentes aos tipos de substantivos.

Apresentação de um novo substantivo, que segundo o professor está sendo usado de forma errada. Explica que os nomes de pessoas iniciam-se com letras maiúsculas, mostrando no texto as palavras que são substantivos próprios. Sendo que nomes de lugares, cidades também são substantivos próprios. *Aninha, Luciana, São Paulo e Rio*, destacado do texto.

Exemplo escrito na lousa:

*josé foi com sua mãe Rita, para marabá.*

*José foi com sua mãe Rita para Marabá.*

Em seguida escreve na lousa a atividade de fixação para saber se os alunos compreenderam a explicação.

*Atividade*

- 1) *Escreva seu nome completo.*
- 2) *Escreva o primeiro nome da sua mãe.*
- 3) *Escreva o nome da cidade onde você nasceu.*
- 4) *Escreva os nomes das cidades que você conhece.*
- 5) *Escreva três frases que sejam perguntas.*

Noto que a maior parte da turma não sabe a diferença entre cidades e estados, o que faz necessário a explicação do professor. Ele compara a escola ao estado e as salas de aula há cidades que fazem parte do Estado.

Os alunos vão à mesa do professor para corrigir a atividade, enquanto outra parte da turma fica dispersa da atividade.

Alunos são chamados à lousa para responderem a atividade.

O professor reforça a necessidade das letras maiúsculas e da interrogação para que a frase seja uma pergunta.

10º dia: segunda-feira 12 de junho de 2017

A aula se inicia com a rotina, onde um aluno realiza a leitura com o microfone do texto “A estrela dorminhoca”.

O professor pede a opinião dos alunos para decidirem quando irão fazer o Iogurte (experiência de ciências). Decidem fazer hoje por causa que o leite pode estragar. Farão a experiência (teste) para saber se o Iogurte não estragará em 3 dias, caso estrague, farão novamente na próxima semana.

O professor busca os ingredientes na cozinha e uma panela de pressão para ferver o leite.

Os alunos estão bastante empolgados com a experiência.

O professor explica que retornarão o trabalho com as músicas, pois na aula passada tiveram de parar as paródias por conta da produção textual que não estava muito bom.

A letra da música a ser estudada hoje é “O Candidato” de Bezerra da Silva.

Primeiro o professor realiza a leitura para conhecerem, a qual deve ser acompanhada pelos alunos com a letra da música em mãos. E coloca a música para tocar após na caixa de som.

Durante a audição da música todos permanecem concentrados.

São questionados pelo professor sobre o que trata a música, que é sobre um candidato político para pedir voto.

Noto que a maioria dos alunos entende da questão política. “Os políticos se fazem de simples durante as eleições e depois somem”.

4 alunos recebem a vez para falar sobre o assunto. A maioria comenta sobre os candidatos visitarem as pessoas em suas casas, pedem água e distribuí os “santinhos”, e em alguns casos dão dinheiro para os eleitores votarem neles.

É notável que os alunos se posicionam contra a atitude desses candidatos, pois, “isso é errado”.

O professor explica que o que esses políticos fazem se chama corrupção.

A discussão gira em torno da compra de votos, do pagamento de impostos que não retornam em benefícios para a população. Citam acontecimentos na cidade com familiares.

O professor chama atenção para o fato que a corrupção não acontece somente nas eleições, ela acontece no cotidiano. Ele dá o exemplo de algo que acontece na própria escola, da sala de aula: furar a fila na hora do lanche, usar do “poder” de ser ajudante do dia se vingando de um colega colocando seu nome numa lista ou pagar para tirar seu nome sendo que estava bagunçando.

Posteriormente é copiada na lousa uma atividade relacionada a música, enquanto a música continua sendo tocada na caixa de som.

- 1) *Quem é que subiu o morro?*
- 2) *Quais foram as atitudes que o candidato tomou para parecer com “o povo”?*
- 3) *Por que o candidato não se deu bem?*
- 4) *Qual a atitude do candidato na música antes de ser eleito?*
- 5) *Você acha que na vida real é assim também? Você já viveu ou conhece alguém que passou por algo semelhante?*
- 6) *O que você entende por corrupção?*
- 7) *O que tem acontecido em nossa cidade se parece com a música? Quem seria o candidato, quem seria o povo? Reescreva a 4ª estrofe da música colocando as palavras PROFESSOR e PREFEITO onde couber.*

8) *Cite exemplos de corrupção que acontecem em nossa escola.*

O professor explica que as questões serão corrigidas na próxima aula, sempre voltando nas questões não entendidas pelos alunos.

11º dia: quarta-feira 20 de Setembro de 2017

Hoje retomo a pesquisa de campo. Ao chegar em lócus sou informada que não haverá aula de Português, no entanto resolvo ficar e acompanhar a aula de artes.

O aluno G é chamado à frente da turma para ler um trecho da música “Planeta Água” de Guilherme Arantes.

O professor avisa que a aula será de Artes, onde continuarão o ensaio. E após o intervalo irão preparar a horta, só que não poderão plantar hoje, já que, houve um incidente com as cebolinhas que a servente tinha guardado na cozinha.

Ele conversa com os alunos sobre a preparação do aquário. Eles possuem um cofre de arrecadação para compra de materiais. Conversa também sobre outras atividades desenvolvidas, que eram na quarta e terão de ser outros dias. As aulas de xadrez e tabuada serão nas aulas de matemática quando houver tempo e a biblioteca todos os dias. A quarta após o intervalo sempre irão trabalhar na horta.

A discussão se volta para aula de Artes, onde a turma está dividida em grupos, cada um com um tema. Estão trabalhando teatro.

O primeiro grupo, formado por 5 alunos é chamado à frente e encenará “Rapunzel”.

Toda a turma mostra-se bastante animada.

O professor explica ao grupo como devem apresentar. Enquanto treina com o grupo, os outros ficam dispersos.

Na apresentação alguns alunos ficam inibidos.

Os alunos tem dificuldades com o texto e a interpretação, provavelmente por ser a primeira vez que ensaiam.

O professor pede para que tentem fazer sem a sua ajuda, sendo ele apenas o narrador.

“Teatro é uma brincadeira de faz de conta. Quando você está aqui (encenando) não é você, é o personagem” – Professor.

O segundo grupo ensaia “Cinderela”.

O professor avalia o ensaio do grupo, pedindo atenção dos alunos que não demonstram seriedade.

Ao término da aula converso com o professor sobre o andamento do projeto. Sou informada que o projeto está fluindo bem, ele continua apresentando as músicas, inclusive já trabalharam “Domingo no Parque”. Explica que hoje estão ensaiando, treinando textos teatrais porque sente que alguns alunos ainda estão com dificuldades, leem bem lentamente e até gaguejando. Todavia, afirma que o objetivo de apresentar músicas que provavelmente não ouvem em seu cotidiano está sendo alcançado, além de ouvir os alunos comentarem que já ouviram em algum lugar e até cantarolarem a leitura mais rápida, ele coloca a música para tocar e em determinado momento a pausa, pedindo para alguém continua-la.

O professor ainda acrescenta que ainda não realizou outras avaliações, além da que fez no início do projeto. E que estudarem teatro é uma alternativa para melhorar a leitura, ou seja, o português, trabalhando isso em arte, o que por sua vez ajudará no ensaio da peça baseada na música “Domingo no Parque”.

Ainda um dos objetivos que era para os alunos que ainda não leem, aprenderem por conhecer a letra da música, e ir acompanhando não deu muito certo, mas acredita ser por preguiça dos alunos e desinteresse dos pais.

12º dia: quarta-feira 27 de setembro de 2017

Ao chegar na sala de aula encontro os alunos sentados sozinhos em grupos, enquanto o professor conversa com uma mãe no pátio da escola (refeitório).

O professor retorna, vai ao armário escolher alguns livros e revistas. Enquanto isso, os alunos conversam e andam pela sala, vão tomar água e ao banheiro.

Após alguns minutos, o professor chama atenção da turma inicialmente para responder a turma que todos os dias terão revistas na biblioteca da sala, embora só podem pegar uma vez por semana.

O professor realiza uma leitura para turma, do texto “Um acidente na Fazenda” de Cléide Morsoletto. Ele explica que o texto traz algumas informações sobre o que fazer quando uma pessoa é picada por uma cobra.

A aluna J diz que uma vez uma prima foi picada e quase perdeu o dedo. César comenta que um dia na roça viu uma cobra verde. É comenta que uma vizinha encontrou uma cascavel debaixo do pé de maracujá e pegou um homem para matá-la.

A aluna L é chamada a frente da turma para realizar a leitura do texto “A festa no céu” Salerno. A aluna ler muito rápido, o que é até comentado por um aluno quando o professor pergunta se compreenderam a leitura. Em seguida ele explica a história.

Mais uma vez chama a atenção, explicando que entregará duas cópias para cada grupo, com a letra da música “Domingo no Parque” só que em forma de texto teatral. Solicitando para inicialmente irem realizando a leitura do texto. Explica os personagens, José, João, Juliana. Um colega do João para “caçar conversa” e um vendedor de rosas. E um aluno comenta que precisa porque um dos personagens compara uma rosa para Juliana.

O aluno É comenta que pesquisou e viu essa música competiu em um festival era em preto em branco.

O professor diz que não será como as outras peças de teatro essa será rápida, irão ensaiar e apresentar hoje mesmo na sala. O mesmo pergunta como irão querer apresentar, se um de cada vez ou por grupo. Os alunos decidem por apresentar em grupo.

O professor distribui os textos para os grupos.

Os grupos entre discutem entre si quem será cada personagem do texto.

Ao observar os grupos, noto que um decide escolher quem serão os personagens por meio de sorteio. Escrevem o nome de cada um no papel e vão pegando para ver quem fará quem.

O professor senta-se e explica “você vão notar uma diferença entre a escrita da música e do texto em teatro”. Explica a divisão do texto em dois atos. O 1º se passa na feira e na construção, o 2º no parque. Divide o espaço da sala de modo a frente ser a feira e próximo ao fundo, a construção.

O professor explica como deve ser a representação. Na parte que o professor explica a cena final na qual João mata José e Juliana os alunos ficam desinquietos.

O professor avisa que é a última atividade com essa música e vai prestar bastante atenção em quem vai apresentar melhor.

“O mais importante é vocês aprenderem as falas”. “Os grupos que não tem pessoas para serem suficientes aos personagens, faz de conta.” E avisa que irá passar em cada grupo para orientar.

Converso com um grupo referente a quem fará cada personagem. Noto que o grupo tem problemas de comunicação e não se decidem quanto aos personagens, nem ao menos quando instigados, ao dizer que eles precisam escolher entre os personagens principais ao invés dos secundários.

O professor segue explicando aos grupos como deve ser a apresentação.

Alguns grupos estão lendo o texto, enquanto outros dispersos pela sala.

Quando o professor passa no grupo que estive anteriormente, pergunta quem interpretará quem, e então finalmente se decidem, isso porque o professor indica os personagens.

Noto que após a saída do professor dos grupos, os alunos não continuam ensaiando.

Ao chegar no grupo seguinte, que é o último, pergunta quem será cada personagem. As alunas não tinham escolhido as personagens principais, de modo que, explica que João, José e Juliana são os personagens principais, enquanto os outros podem fazer de conta.

Após a última explicação, o professor informa que começará as apresentações. Ele escolhe a ordem de apresentação devido a indecisão dos alunos, iniciando pela ordem de orientação. Informa ainda que irá dizer o que cada um fará e terão de prestar atenção em suas partes.

O primeiro grupo apresenta estando meio confusos do que fazer, de modo que precisam de interferências. E o professor pede atenção dos outros para o que precisam fazer.

O segundo grupo já consegue se expressar melhor do que o primeiro.

O terceiro grupo aparenta também não saber muito bem suas partes, e dois utilizam o roteiro para falar suas partes (leem). As expressões não condizem com o que deveriam, exemplo, raiva interpretam sorrindo.

O professor diz que no teatro existe uma coisa chamada improviso, se esquecer a fala, deve-se inventar algo e se errar o outro não deve comentar na hora.

O quarto grupo é composto apenas de meninos, estão tímidos e não interpretam de acordo.

Após o quinto grupo, o professor diz que ficou legal, já que, foi algo feito em cima da hora. Indica que no primeiro grupo um aluno fez as expressões condizentes. E indica que o quarto e quinto grupo mataram os personagens na ordem errada, e o grupo três ele não gostou porque leram no roteiro. Acrescenta que se fosse para julgar o grupo que interpretou melhor seria o segundo, mas que no geral todos se saíram bem.

Ele pede os textos de volta por que utilizarão em outro momento. Chama atenção para que sempre que há uma fala, há um travessão ou aspas (-) ou (“”). E escreve um exemplo na lousa:

- *Ei José vai fazer o que nesse domingo?*

Pergunta qual o nome do sinal (?), e a maioria da turma responde como sendo interrogação. Logo em seguida diz que passará uma tarefa para casa sobre o assunto explicado.

Após o intervalo, o professor senta-se para realizar a chamada. Depois chama os alunos para registrar os livros e revistas que pegaram. Em relação ao dever de casa explica que um pequeno texto onde tenha alguma pergunta e o ponto de travessão. Exemplo: *O pai de Beatriz perguntou:*  
- *Você fez o dever?*

13º dia: segunda-feira 02 de outubro de 2017

Ao chegar encontro a sala disposta em grupos. Passado algum tempo o professor os libera por grupos para tomarem água e irem ao banheiro.

Os alunos conversam sobre assuntos aleatórios, como sobre uma tarefa de desenhar o bairro onde moram. O professor mexe no aquário.

A seguir pede atenção da turma para o início da aula. Vai a lousa escreve: *Baleia de 15 metros encalha na praia de Búzios, do jornal Agência Brasil, 2010.* E informa que é notícia de um jornal e realiza a leitura.

A seguir o professor chama à frente o aluno que realizará a leitura hoje, e escreve na lousa o título do texto que será lido “Força Jovem” tirado do site [www.forcajovem.com.br](http://www.forcajovem.com.br).

O aluno Lucas realiza a leitura lentamente, por sílabas soletrando.

O professor pergunta se entenderam a leitura, os alunos respondem que não. Então o professor ler o texto. Depois pergunta o que fala o texto. O aluno É responde que fala de um jovem que ajuda o pai a recolher óleo de cozinha pela vizinhança. O professor concorda e acrescenta que

o óleo de cozinha poluí os rios e pode ser utilizado para produzir sabão. Alguns alunos comentam que a mãe ou avó faz sabão.

O professor informa a troca de aulas, de história para geografia. Os alunos questionam o porquê, ele explica que devido a paralisação na sexta passada não deram continuidade aos mapas do bairro na aula de geografia. Informa também que começarão hoje o estudo de outra música.

Ele se retira da sala para buscar a música.

Um aluno vem até eu para que o veja fazendo uma bússola (com os braços abertos, em pé na sala) para indicar as direções.

Na lousa o professor escreve a letra da música “Cabelo no pão careca” de Zeca Pagodinho.

O professor pede para capricharem na letra porque não dará cópias impressas, e trabalharão com essa música umas duas semanas. “Respeitem a formatação, do jeito que está no quadro é para vocês copiarem”. E informa que não é para ninguém sair enquanto estiver fora da sala preparando um material. Diz que é para saltar uma linha para cada estrofe. E ouvirão a música no final do horário.

*Bolo na padaria,*

*Maria pulava igual perereca*

*Pão doces e broas viraram peteca*

*Pegaram o padeiro e quebraram a munheca porque*

*Refrão*

*Porque encontraram cabelo no pão careca*

*Porque encontraram cabelo no pão careca*

*Sonho virou pesadelo,*

*Brigadeiro perdeu a patente*

*Confeitaram o confeitiro*

*Com a massa de pão para*

*Cachorro-quente*

*Deixaram o gerente,*

*Um tal de clemente,*

*Sem uns cinco dentes*

*E só de cueca*

*E o pastel que passava*

*Quis inteirar do assunto*

*Escorregou na manteiga*

*E tropeçou no presunto*

*Saiu com a cara cheia de torrada,*

*Iogurte e qualhada*

*E ganhou um sapeca*

*O camburão foi chamado*

*Para acabar com a acha*

*O soldado soltou o que faltava*

*Distribuindo bolacha*

*Jogaram farinha de trigo do Teco*

*Que foi pro boteco*

*Pra comer panqueca*

O professor informa para copiarem, e quando terminarem permanecerem na sala, pois irá distribuir pela escola umas dicas para aula de geografia. Fecha todas as janelas e a porta de modo que ninguém veja onde as dicas estão sendo colocadas, então se retira da sala. Após um alguns minutos ele retorna.

Os grupos ficam dispostos próximos os nomes das classes animais: répteis, peixes, mamíferos, insetos e aves.

O professor se retira novamente.

Caminho pela sala observando os alunos copiarem. A maioria termina rapidamente de ficam lendo, escrevendo, conversando ou brincando.

O professor retorna e libera os grupos aos poucos para irem tomar água e ir ao banheiro.

Após o intervalo, o professor explica a atividade de Geografia onde entrega uma figura da escola com a rosa dos ventos com as devidas orientações. Entrega a 1ª dica e explica como será o desenvolvimento da atividade. A atividade vale 5 pontos, cada pista vale um ponto, na última questões referentes às aulas de geografia.

Os alunos se envolveram bastante e se divertiram.

Após essa atividade retomam a aula de português para audição da música.

O professor pede que abram o caderno na atividade de português, a letra da música “A letra da música é um pagode, e mais à frente a gente vai ver a biografia deste e outros cantores. Biografia é história de vida dessas pessoas...”

Um aluno É “professor eu já li biografia da vida do Neymar...”

O professor se levanta “Pão careca é o mesmo pão de sal que conhecemos aqui, só que no Rio de Janeiro é chamado assim. E a música conta a história de um cabelo que acha em um pão e dá a maior confusão. Hoje só vamos ouvir e na quarta iremos comentar e fazer atividade”.

Ele coloca a música para tocar na caixa de som e pede para acompanharem.

No final da aula, após os alunos se retirarem para suas casas, questiono o professor se já possui mais algum registro do projeto. Sou informada de que esse era seu objetivo, todavia não encontra tempo pois trabalha o dia todo e o tempo que resta é para descansar e ficar com a filha. Na escola eles não tem um dia para planejamento o que dificulta, porém ele fez algumas atividades que não foram incluídas no projeto que me entregou, como o das paródias que os

alunos gostaram muito, que embora mencionado no projeto, naquele ano não trabalhou com paródias. Informa que sempre que pode pesquisa para fazer novas atividades, mas encontrar tempo é frisado como sua grande dificuldade.

14º dia: segunda-feira 04 de outubro de 2017

Ao chegar na sala os alunos estavam sentados em semicírculo, o professor copiando na lousa o título do texto que será lido por um aluno hoje “Cinturão da Amazona” de José Ramalho.

O aluno Kauã realiza uma boa leitura na frente da turma.

Alguns alunos comentam algumas coisas sobre a história de Hércules, que faz parte da mitologia como explica o professor.

Após a leitura o professor realiza a chamada, entrega as fichas com o nome dos alunos. Ele vai à frente da lousa e avisa que os livros e revistas da biblioteca poderão ser pegados no final da aula, e comenta também sobre o trabalho na horta. Informa ainda que dará início a aula de Português referente a aula de segunda-feira. Quem não tem copiada no caderno por ter faltado deve pegar o caderno de um colega e copiar.

Vai ao armário pega a caixa de som, retorna à frente da sala próximo a porta para conectá-la na tomada, conecta o cabo USB do seu celular na caixa de som par fazer a audição da música a qual deve ser acompanhada pelos mesmos nos cadernos.

Boa parte da turma acompanha a letra da música, enquanto alguns só ouvem, sendo que também a cantam.

O professor explica novamente que por causa de um cabelo em um pão ocorre toda uma confusão na padaria. Ele avisa que farão como na música anterior a passada. Iniciará e dará pausa em uma parte onde o aluno indicado deve continuar.

O 3º aluno diz que não copiou a letra, o professor o repreende, pois estava presente na aula passada.

A 5ª aluna também encontra dificuldade em se localizar na letra da música.

O professor pula o 7º e 8º. O 9º também não consegue acompanhar, tendo de saltar alguns alunos por não saberem em que parte da música está.

A orientadora da escola chama o professor para conversar fora da sala. Enquanto isso, os alunos permanecem dispersos conversando sobre assuntos aleatórios.

Passados alguns minutos ele retorna à sala retomando a música do começo para darem continuidade. Na continuidade os alunos se confundem.

“Já pedi para acompanharem a letra da música tem gente que tá é desenhando” – Professor.

O professor para a música porque a maior parte da turma não prestava atenção, e avisa que na próxima aula fará essa mesma atividade, mas eles não serão escolhidos em sequência. Diz que ainda há duas atividades dessa música para serem feitas.

Ele vai ao armário no fundo da sala pega papel A4 para imprimir as atividades na secretaria. Antes de sair deixa as músicas já estudadas tocando.

Ao retornar o professor pede para um aluno entregar as atividades. O professor informa que não é para fazerem nada ainda, pois ainda explicará.

A atividade é de completar a letra da música, sendo ela duas, devendo ser completada só a primeira coluna de início e sem olhar no caderno, enquanto isso ouvem a música novamente para ajudar a completar a música.

O professor anda de um lado para o outro na frente da sala, observando os alunos. Enquanto tentam acompanhar preenchendo os espaços em branco.

O professor lê a letra da música para que os alunos possam preencher.

*“Essa música tem quantas estrofes?”* – Professor.

- *“Cinco”*.

- *“Seis”*.

- *“Oito”*.

Outro aluno confirma serem cinco estrofes e o professor confirma.

Segue explicando linguagem figurada na música, que sapeca quer dizer um tapa. Alguns alunos pedem para o professor repetir algumas estrofes.

Na lousa o professor escreve “Sentido Figurado” explicando o que é relembrando frases da música passada, quando diz que José ficou com o coração gelado, quer dizer com raiva.

“Bolo na padaria”, quer dizer confusão na padaria. Na última estrofe da música quando diz “o soldado soltou o que faltava distribuindo bolacha”, bolacha é tapa. Sapeca é um tapa no rosto.

“Nessa música vocês vão ver muita linguagem figurada, que são palavras que querem dizer outra coisa” – Professor.

Explica que nas lacunas ao lado devem (na atividade) devem escrever o sentido literal das palavras.

Explica ainda que perereca quer dizer doida ou maluca. Então a escrita deverá ser “Maria pulava igual maluca”. Ele vai dizendo nas estrofes a palavra que devem escrever. “Pão doce e broas viraram pedras” ao invés de peteca. “Sonho virou pesadelo” por alegria virou tristeza. No verso abaixo “Brigadeiro perdeu a patente” fica soldado perdeu o emprego. Na próxima estrofe “pastel” é o modo de chamar alguém que é boba, tropeça nas pernas, gente diz que é pastel. “Acha” é confusão ou briga.

O professor informa que irá chamar os alunos “um por um” para fazer correção da atividade. Enquanto deixa a música tocando.

Ajudo dois alunos com dificuldades em responder a atividade.

Durante as correções as músicas trabalhadas estão tocando e os alunos cantam a letra, e relembram a aula onde interpretaram a letra da música “Domingo no Parque” com empolgação.

Ao encerrar a aula combino com o professor de na próxima quarta-feira realizar uma conversa com os alunos sobre o projeto, uma entrevista.

ANEXO A- PROJETO LETRA E MÚSICA

**ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL**

***Emilia Ferreira***

TEL.: 3322 –4988



Diretora:

Supervisora Pedagógica:

Professor(a):

Turmas: 4º e 5º Anos

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL EMILIA FERREIRO

Diretora:

Supervisora Pedagógica:

Professor(a):

Turmas: 4º e 5º Anos

Projeto Didático de Língua Portuguesa

# Letra e Música

- **Outras áreas:** História, Artes, Geografia
- **Temas Transversais:** Pluralidade Cultural
- **Fontes de informação:** Internet, CDs, Letras de músicas, Enciclopédias.
- **Tempo de duração:** 1 Semestre

## 1. **JUSTIFICATIVA**

A origem da música remonta o início da civilização humana. A música existe entre nós desde que começamos a batucar sons para expressarmos algo, seja euforia, tristeza, alegria etc.

E é esta a característica básica da música, uma forma de expressão. Claro que a música existe também na natureza, vários são os animais que elaboram cantos com as mais diversas finalidades, desde os pássaros, passando pelos golfinhos e até mesmo as baleias, que possuem um universo musical bem elaborado, com cantos não tipicamente com o objetivo de acasalar.

Mas é na raça humana que a música atingiu seu mais elevado grau de sofisticação, elaboração e intencionalidade. Fazemos música desde a pré-história como parte de rituais religiosos, em festas, comemorações etc. A música nos acompanha junto com a nossa história, sendo uma das primeiras formas de transmissão da cultura de um povo.

Desde a mais tenra infância aprendemos a gostar de música por que música é gostoso. Ouvir, sentir, dançar. Nada mais oportuno então do que propor esse projeto, um trabalho que alie o gosto inato pela música, típico de qualquer ser humano, com os textos, as letras dessas. Para que possamos aprender a ler cantando.

O projeto não visa englobar um gênero específico, mas colher um pouco do que há de melhor na nossa música popular, (o que nos permite crer que ajudaremos a refinar o gosto musical das crianças), para a partir daí ajudar os alunos a aprimorarem sua leitura, escrita, ortografia e pontuação.

## 2. **OBJETIVOS DE ENSINO** (do professor(a))

- Criar situações favoráveis à audição e leitura das letras das músicas.
- Favorecer o raciocínio lógico e interpretativo de textos.
- Ajudar a produzir paródias das músicas ouvidas.
- Favorecer a compreensão das regras ortográficas e gramaticais de nossa língua.
- 

## 3. **APRENDIZAGEM DOS ALUNOS**

- Conhecer boas músicas.
- Aprender a interpretar as letras das músicas.
- Conhecer diversas músicas.
- Planejar, produzir e escrever paródias de músicas.
- Ler com atenção e sem preconceitos as letras das músicas recebidas.

- Compreender através das atividades correlatas as regras gramaticais e ortográficas de nossa língua.

### 3. **PRODUTO FINAL**

Gravação de um cd com as músicas trabalhadas durante o projeto.

### 4. **AVALIAÇÃO**

- Fichas de Diagnóstico.
- Relatório dos avanços e dificuldades na leitura e escrita pela professor(a).
- Registro em material próprio (relatórios num Caderno de Registros) do envolvimento, realização e avanços dos alunos.

### 5. **ETAPAS PREVISTAS**

AÇÕES	PERÍODO
1. Compartilhar o projeto e o produto final (Gravação do cd com as músicas trabalhadas com os alunos).	
2. Levantamento de <u>conhecimentos prévios</u> dos alunos: Perguntar qual gênero musical conhecem, qual mais gostam, pedir que exemplifiquem uma música que gostem e o por que.	
3. Audição de uma música com os alunos (sugestão inicial: “Defunto cagete” de Bezerra da Silva (ver anexos))	
4. Passar a letra da música para as crianças acompanharem	
5. Cantar a música com o auxílio do som	
6. Cantar só com os alunos	

7. Ler a biografia do artista (pegar na internet)	
<p>8. Atividades específicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quem é o cantor da música? E qual o nome da música cantada?</li> <li>- Qual é o gênero musical? Você gosta desse gênero? Qual gênero musical você prefere?</li> <li>- Qual a história da música?</li> <li>- O que acontece com o defunto ao morrer? Pra onde ele vai? O que acontece?</li> <li>- Quem são os personagens que você consegue identificar na história?</li> <li>- Você conhece todas as palavras do texto? Pesquise as palavras que você não conhece no dicionário.</li> <li>- Dê outro título para a música.</li> <li>- Você conhece outras músicas desse cantor? E desse gênero? Você lembra do título das músicas?</li> <li>- Transcreva qual a parte da letra da música você mais gostou.</li> <li>- Reescreva a primeira estrofe da música trocando as palavras VELÓRIO por ENTERRO e as palavras MALANDRO, ESPERTO e BICHO pelo nome de uma pessoa.</li> </ul>	
9. Ao longo do projeto o professor deve pedir que os alunos que procurem ir definindo seu gosto para escolherem quais músicas comporão o cd das músicas trabalhadas em sala	
10. Explicar sobre a estruturação desse tipo de texto: em geral com a ausência de margens, parágrafos.	
11. Trabalhar pontuações no texto (ponto de exclamação, de interrogação, vírgula, ponto de continuação)	
12. Explicar sobre maiúsculas e minúsculas. (o trabalho com letras de músicas em que haja muitos nomes próprios, de cidades estados ou países, e as pontuações pertinentes pode ser útil)	

13. Trabalhar a escrita cursiva com os alunos (pedir que eles convertam trechos de letras de músicas para letras cursiva)	
14. Passa a atividade de interpretação da música Defunto Caguete	
15. Audição da música “Pega eu” com os alunos de Bezerra da Silva (ver anexos).	
16. Passar a letra da música para as crianças acompanharem	
17. Cantar a música com o auxílio do som	
18. Cantar só com os alunos	
19. Atividades específicas: Ver anexos	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gravação do cd (este deve ser preferencialmente feito de forma que cada aluno receba um cd das músicas trabalhadas).</li> <li>• Se possível fazer um encarte que pode ser produzido pelos próprios alunos, com as letras das músicas.</li> </ul>	
20. Entrega dos cd's para os alunos num evento da turma, para valorizar mais o trabalho dos alunos.	

Este projeto é de autoria do professor..... , desenvolvido para o trabalho com 4º e 5º anos, se for utilizar esse dê os créditos a quem de direito, se fizer alterações me mande um e-mail com elas (quem sabe eu não possa utilizar em meus trabalhos, [\\*\\*\\*\\*\\*@hotmail.com](mailto:*****@hotmail.com)).

## ANEXO B- LETRA DA MÚSICA CRIANÇA CRIONÇA


**Leitura: letra de canção**
**Criança, crionça**

Augusto de Campos e Cid Campos

A onça era sonsa  
 Sonesa de nascença  
 Chegava de manso  
 Para encher a pança  
 Sem pedir licença

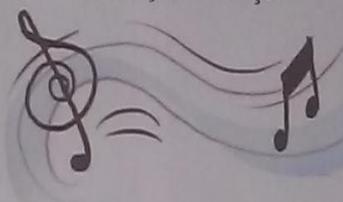
Jabuti, teiú  
 Tucano, tatu  
 Macaco, sagui  
 Preguiça, preá  
 Cutia, quati  
 Não tinham descanso

Mas uma criança  
 Chamou a resposta  
 Criou uma dança  
 A dança da onça

Criança, crionça  
 Crionça, criança

Dançando essa dança  
 A onça desonça  
 Despança  
 Dispensa  
 Sua comilança  
 E hoje só pensa  
 Em dançar a dança

Criança, crionça  
 Crionça, criança

CAMPOS, Cid. *Crianças crionças*. São Paulo: Selo Sesc, 2009. CD. Faixa 12.

Isabel D'Elia/Aterro da fotografia

**Sobre os autores**

**Cid Campos** (1958) é músico, compositor e produtor musical. É filho do poeta **Augusto de Campos**, com quem escreveu a letra dessa música.

José Patrício/Agência Estado



## ANEXO C- LETRA DA MÚSICA GUALÍN, DE GABRIEL O PENSADOR

Oi, tudo legal? Oi, dotú gal-lê?

Meu nome é Gabriel, meu menô é Elbrigá

Meu filho é Davi, meu lhoí é Vidá

Os nomes nessa língua, os mesnô sané  
gualín

são assim, são sim-a

Se cevô besá larfá sané gualín, lafá bemtâm

É de trás pra tefrén, se quiser falar também

Se você sabe falar nessa língua, fala  
também

è de tr's pra frente, se serquí larfá bemtâm

Oi tudo legal? Oi, dotú gal-lê?

tá tudo tranquilão, tá dotú lãoquitrân

tá tudo tranquilão, tá dotú lãoquitrân

Oi, tudo legal? Oi, dotú gal-lê?

Meu nome é Gabriel, meu menô é Elbrigá

Meu nome é Gabriel, meu menô é Elbrigá

Quero chocolate, roqué telacochô

Quero chocolate, roqué telacochô

Macaco quer banana, cocamá quer nanabá

Macaco quer banana, cocamá quer nanabá

O macaco quer banana, mas não sabe  
descacar!

Vou falar um palavrão, vou larfá vrãolaprá

Vou falar um palavrão, vou larfá vrãolaprá

Paralelepípedo, dopepilelerapá

Paralelepípedo, dopepilelerapá

**ANEXO D- LETRA DA MÚSICA PEGA EU, DE BEZERRA DA SILVA**

O LADRÃO FOI LÁ EM CASA QUASE MORREU DO CORAÇÃO	(REFRÃO)
O LADRÃO FOI LÁ EM CASA QUASE MORREU DO CORAÇÃO	PEGA EU, PEGA EU QUE EU SOU LADRÃO PEGA EU, PEGA EU QUE EU SOU LADRÃO
JÁ PENSOU SE O GATUNO TEM UM INFARTO MALANDRO E MORRE NO MEU BARRACÃO	NÃO ASSALTO MAIS UM POBRE NEM ARROMBO UM BARRACÃO PEGA EU, PEGA EU QUE EU SOU LADRÃO
EU NÃO TENHO NADA DE LUXO QUE POSSA AGRADAR O LADRÃO	PEGA EU, PEGA EU QUE EU SOU LADRÃO
É SÓ UMA CADEIRA QUEBRADA UM JORNAL QUE É MEU COLCHÃO EU TENHO UMA PANELA DE BARRO E DOIS TIJOLOS COMO FOGÃO	LELÉ DA CUCA ELE ESTÁ NO PINÉU FALANDO SOZINHO DE BOBEAÇÃO DANDO SOCO NAS PAREDES E GRITANDO ESSE REFRÃO
O LADRÃO FICOU MALUCO DE VER TANTA MISÉRIA EM CIMA DE UM CRISTÃO	(REFRÃO)
QUE SAIU GRITANDO PELA RUA PEGA EU QUE EU SOU LADRÃO	(REPETE)

## ANEXO E- PARÓDIA VENDEDOR DE DOCE

Agora eu vendo doce doce doce doce doce

Agora eu vendo do-do-do-do-doce doce

Agora eu vendo doce doce doce doce

Agora eu vendo do-do-do-do-doce doce

Agora eu vendo doce de caramelo

Eu tô tirando onda no meu jumento amarelo

Agora você diz vem cá que eu te quero

Quando eu passo no meu jumento amarelo

Quando eu ia pro Canindé, eu andava a pé

Você nem me olhava

Eu fazia de tudo pra me ver

Pra me perceber e você só mangava

Aí veio a ideia do meu veio de vender doce na  
feira e sair do sofrimento

Do dia pra noite eu fiquei rico

Eu to chique, to bonito, to andando de jumento

Agora eu vendo doce, doce de caramelo

Eu to tirando onda no jumento amarelo

Agora você diz vem cá que eu te quero

Quando eu passo no meu jumento amarelo

Agora você vem ne

Agora você quer

Ta doidinha pra andar no meu jumento mulher

Agora você vem ne

Agora você quer

Só porque eu comprei um bicho de quatro pé

## ANEXO F- PARÓDIA CANSEI DE SER POBRE

Ano passado  
 Eu ganhei de natal  
 Tudo que eu não quis  
 E esse ano eu sei  
 Que tudo vai se repetir  
 Eu sei que vão colocar  
 Uvas passas aqui e ali  
 Minha mãe já assou  
 O pernil

Hoje é o dia de ver  
 Aquela prima invejosa  
 Que todo mundo se baba  
 Porque acha ela gostosa  
 Mas só eu sei que no fundo  
 Ela é bem perigosa  
 Porque ela  
 Já roubou minha rasteirinha

Eu já me cansei de ser pobre  
 Você não?  
 Ano passado eu ganhei uma Barbie  
 Eu já me cansei de ser pobre  
 Vai dar par de meias  
 Pro escambal  
 Eu quero é dinheiro  
 De natal

Pobre!  
 Sou pobre!  
 Pobre!  
 Vai dar par de meias  
 Pro escambal  
 Eu quero é dinheiro  
 De natal

Eu ganhei um chaveirinho  
 De curso no amigo oculto  
 Me deram um livro do padre  
 Porque acham que eu sou culto  
 Mas na verdade o que eu queria  
 Era só dinheiro  
 Mas que chato

Eu ganhei um porta-retratos  
 Eu já me cansei de ser pobre  
 Você não?  
 Ano passado eu ganhei uma Barbie  
 Eu já me cansei de ser pobre  
 Vai dar par de meias  
 Pro escambal  
 Eu quero é dinheiro  
 De natal

Eu quero ganhar um iphone  
 Você não?  
 Ano passado eu ganhei uma Barbie  
 Eu já me cansei de ser pobre  
 Vai dar par de meias  
 Pro escambal  
 Eu quero é dinheiro  
 De natal

Pobre!  
 Sou pobre!  
 Pobre!  
 Vai dar par de meias  
 Pro escambal  
 Eu quero é dinheiro  
 De natal

Pobre!  
 Sou pobre!  
 Pobre!  
 Vai dar par de meias  
 Pro escambal  
 Eu quero é dinheiro  
 De natal

**ANEXO G- PARÓDIA QUARTO SUJO**

O meu quarto é um sujeira  
Que eu passo até mal  
Cuecas freadas pra mim é normal  
Pois olha só gente, tapo as rachadura  
Com o pó, do telhado, faço uma escultura  
Tem latinha de Fanta, do teto o pó cai  
Ai que medo! Me acuda! Aqui tem borrachudo

Eu nem imagino. O que a faxina é capaz  
Dizem que é bom mas pra mim tanto faz  
Que isso rapaz dê uma limpadinha  
Precisa de uma pá, e de uma foicinha  
Que isso rapaz, dê uma limpadinha  
Se você precisar te dou uma mãozinha

Não precisa limpar não  
Coma uma banana  
A casca pode jogar debaixo da cama  
Vou falar bem baixinho que é pra você saber  
Esta casca vai ficar aí até apodrecer ein!

## ANEXO H- PARÓDIA DE ALUNO COM ESTRUTURA CORRETA



嵐林火山

Música: ai se eu te peço  
Cantor: MICHEL TELÓ

Nossa, nossa  
arruma a namorada  
ai se eu te peço  
ai, ai se eu te peço  
mais nada, mais nada  
Ficando encalhadas ai se eu te peço  
ai, ai se eu te peço, hein?

sábado no melhor do brasil  
o rodrigo começou a dançar  
e passou o xalico mais lindo  
Faltou coragem e começou a falar

Nossa, nossa  
arruma a namorada  
ai se eu te peço  
ai, ai se eu te peço  
mais nada, mais nada  
Ficando encalhadas  
ai se eu te peço  
ai, ai se eu te peço, hein?

sábado no melhor do brasil  
o rodrigo começou a dançar  
e passou o xalico mais lindo  
Faltou coragem e começou a falar

©CAPCOM



**ANEXO I- LETRA DA MÚSICA O CANDIDATO, DE BEZERRA DA SILVA**

Ele subiu o morro sem gravata  
Dizendo que gostava da raça  
Foi lá na vendinha bebeu cachaça  
Até bagulho fumou  
Jantou no meu barracão  
E lá usou  
Lata de goiabada como prato  
Eu logo percebi é mais um candidato  
Para a próxima eleição

E lá usou  
Lata de goiabada como prato  
Eu logo percebi é mais um candidato  
Para a próxima eleição

Ele fez questão  
De beber água da chuva  
Foi lá no terreiro pedir ajuda  
E bateu cabeça no congari  
Mas ele não se deu bem  
Por que o que é que estava incorporado  
Disse esse político é safado  
Cuidado na hora de votar

Meu irmão se liga no que eu vou lhe dizer  
Hoje ele pede seu voto  
Amanhã manda a polícia lhe bater  
Meu irmão se liga no que eu vou lhe dizer  
Hoje ele pede seu voto  
Amanhã manda os homem lhe prender

**ANEXO J- LETRA DA MÚSICA DOMINGO NO PARQUE, DE GILBERTO GIL**

O rei da brincadeira

ei José

o rei da confusão

ei João

Um trabalhava na feira

ei José

outro na construção

ei João

A semana passada no fim da semana

João resolveu não brigar

no domingo de tarde saiu apressado

e não foi pra ribeira jogar

capoeira,

não foi pra lá

pra ribeira

foi namorar

O José como sempre no fim da semana

guardou a barraca e sumiu

foi fazer no domingo um passeio no parque

lá perto da boca do rio

foi no parque que ele avistou

Juliana

foi que ele viu

foi que ele viu

Juliana na roda com João

uma rosa e um sorvete na mão

Juliana seu sonho uma ilusão

Juliana e o amigo João

o espinho da rosa feriu Zé

feriu Zé

feriu Zé

e o sorvete gelou seu coração

o sorvete e a rosa

oi José

a rosa e o sorvete

oi José

oi dançando no peito

oi José

do José brincalhão

oi José

o sorvete e a rosa

oi José

a rosa e o sorvete

oi José

oi girando na mente

oi José

do José brincalhão

oi José

Juliana girando

oi girando

oi na roda gigante

oi girando

oi na roda gigante

oi girando

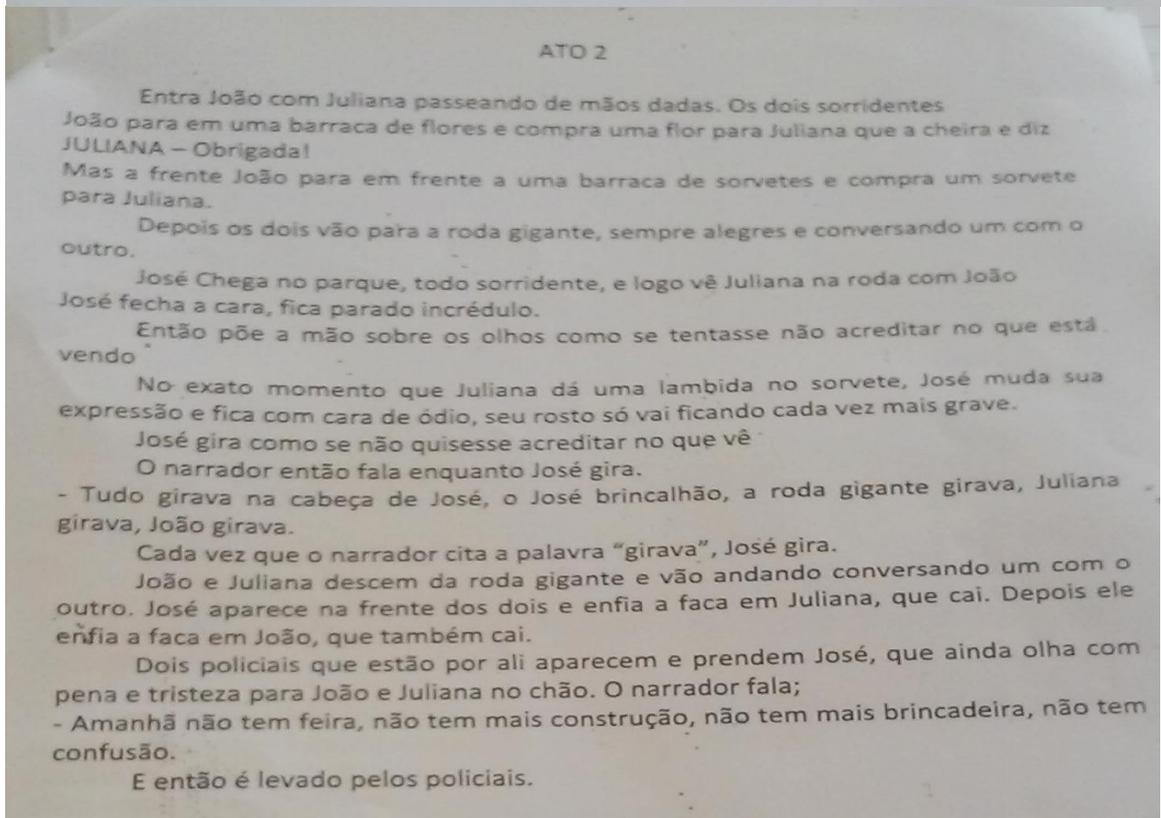
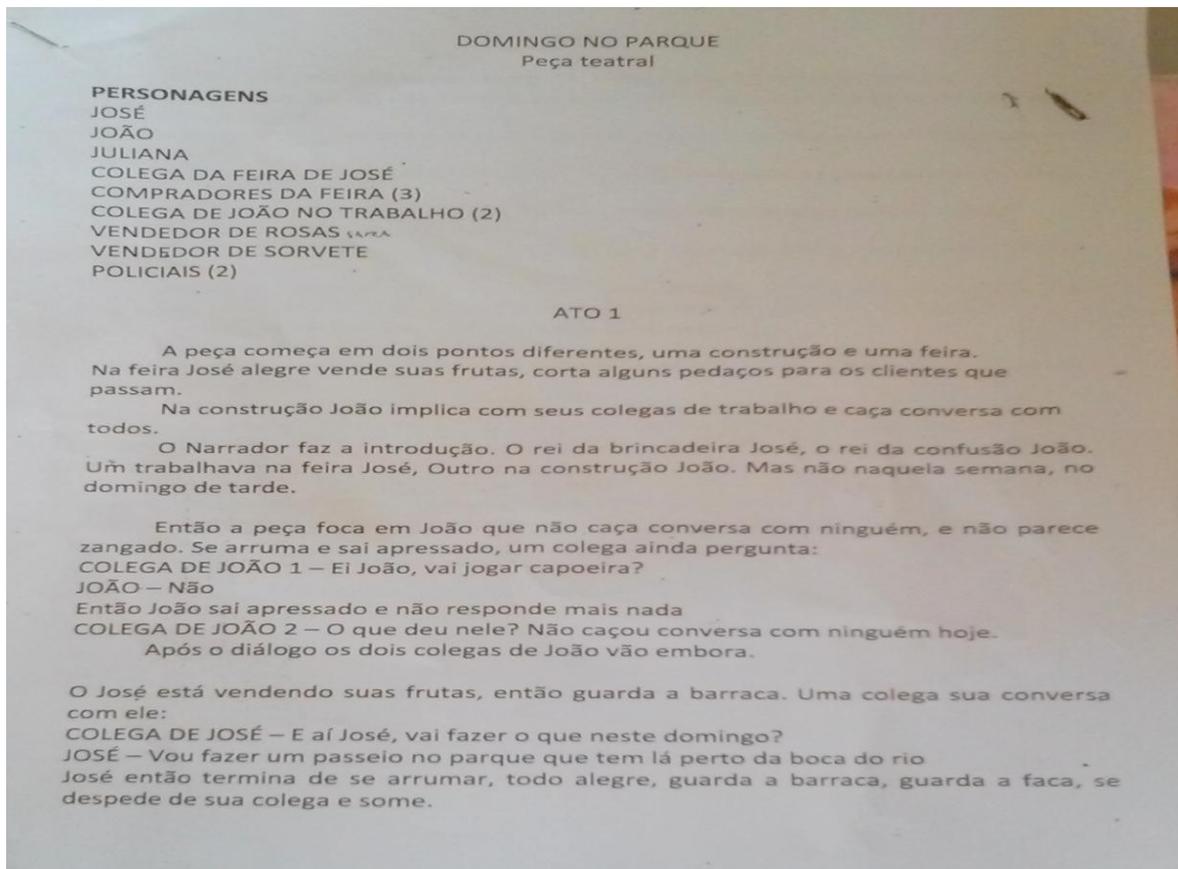
o amigo João

oi João

o sorvete é morango  
é vermelho  
oi girando e a rosa  
é vermelha  
oi girando girando  
é vermelha  
oi girando girando  
olha a faca  
olha a faca  
olha o sangue na mão  
e José  
Juliana no chão  
e José

outro corpo caiu  
e José  
seu amigo João  
e José  
amanhã não tem feira  
e José  
não tem mais construção  
e João  
não tem mais brincadeira  
e Jose  
não tem mais confusão  
e João

## ANEXO K- TEXTO TEATRAL: ADAPTAÇÃO DA MÚSICA DOMINGO NO PARQUE



**ANEXO L- LETRA DA MÚSICA CABELO NO PÃO CARECA, DE ZECA  
PAGODINHO**

Bolo na padaria Maria pulava igual  
perereca

Pão doce e broas viraram peteca  
Pegaram o padeiro e quebraram a munheca  
Porque

Porque encontraram  
Cabelo no pão careca  
Porque encontraram  
Cabelo no pão careca

Bis

Sonho virou pesadelo  
Brigadeiro perdeu a patente  
Confeitaram o confeitiro  
Com a massa de pão para cachorro quente  
Deixaram o gerente  
Um tal de Clemente  
Sem os cinco dentes  
E só de cueca

Refrão

E o pastel que passava  
Quis se interar do assunto  
Escorregou na manteiga  
E tropeçou no presunto  
Saiu com a cara cheia de torrada, iogurte e  
qualhada  
E ganhou um sapeca

Refrão

O camburão foi chamado  
Para acabar com a acha  
O Soldado soltou o que faltava  
Distribuindo bolacha  
Jogaram farinha de trigo no Teco  
Que foi pro buteco pra comer panqueca

Refrão

## ANEXO M- ENTREVISTA REALIZADA COM O PROFESSOR

1- Na sua visão o que é o trabalho com projetos?

[...] Quando eu comecei a trabalhar com os meus alunos, e acho também que tem muito a ver com algumas formações que a gente teve na rede muito boas [...] foi uns oito, dez anos atrás, teve um pessoal, um grupo da VALE que vieram dá umas formações muito boas pra gente. Até então eu organizava minha rotina de uma maneira assim muito vaga, aí uma coisa que a gente começou estudar, e antever é a organização do nosso trabalho por modalidades de ensino, tipo projetos, sequência didática, é... atividades chamadas de permanentes, por exemplo, a leitura todo dia que faço com na sala de aula com meus alunos. Essa leitura não tem como objetivo trabalhar nenhum tipo de texto específico, a ideia é fomentar na criança o hábito da leitura, o desejo por ler e... apresentar para as crianças bons textos, né? Eu trago textos de gêneros variados, então todo dia é uma atividade que já está garantida na minha rotina, então assim, a gente por conta desses estudos, dessas formações, eu entrei em contato com essas modalidades de ensino, e uma das modalidades é o projeto.

A ideia do trabalho com projetos é, é, eu acho que um dos pontos principais pro professor é ele saber que tem um objetivo de trabalho, e também pra criança. A criança saber, por exemplo, que ela não está aprendendo algo por aprender, mas que tem algum objetivo. Por exemplo pode ser apresentar um trabalho para os pais do que eles estudaram, pode ser construir um livro sobre histórias que eles estudaram na sala para ficar no acervo da escola, na biblioteca da escola. A gente tinha, eu tinha feito um com uns alunos meus há uns cinco anos atrás de literatura de cordel, a gente tinha a biblioteca aqui, e ai tinha alguns exemplares desse nosso trabalho, e era bacana que as crianças nos anos, a gente fez era o quarto ano, porque no quinto ano, no ano seguinte as crianças quando iam na biblioteca eles ficavam orgulhosos do livro que eles produziram, quer dizer o estudo teve uma finalidade não tavam aprendendo por aprender. Então acho que o projeto tem esse foco principal. Ajuda a gente, ajuda nós professores á... Então eu acho assim, é... meu trabalho hoje, eu trabalho muito com projetos, né? Alguns eu formalizo, tipo assim, que eu elaboro o projeto, mas alguns eu acabei acho que ao longo do trabalho, da prática construindo, mas não tenho nada formalizado, assim escrito um projeto, um projeto escrito. É, um exemplo, na aula de geografia a gente está com um projeto dos foguetes de água.

Eu vi um texto algum tempo atrás quando eu tive essa ideia, e eu achei bacana, e eu comecei a trazer algumas atividades para sala, e assim várias atividades, a gente começou a

estudar sobre o sistema solar, nós começamos a estudar o que era satélites, como que os astronautas iam até o espaço através dos foguetes. Ai daí veio, assim foi uma sequência de atividades que foram se encadeando, ai veio à ideia do foguete de água, ai a gente construiu nossos foguetes de água, ai a gente, a ideia não era lançar a princípio, mas ai a gente fez o lançamento, e ai acabou, eu só fui aprimorando ano esse trabalho. Falta eu escrever, eu tenho todo o planejamento desse projeto em mente. Eu sei o que fazer, eu consigo por exemplo, já até fiz isso às vezes em uma aula ou outra que eu acabei esquecendo minhas pastas ou pendrives em casa, mas eu consigo dá aula de todo esse projeto, porque eu sei todo o projeto. Falta formalizar, e alguns eu até tenho formalizados, e alguns eu tenho só o remendo desse projeto, como esse de leitura e escrita.

Eu lembro que a primeira versão e a segunda versão que eu fiz pra mim estavam boas e eu cumpri ela daquela forma, mas se tu der uma analisada naquela versão que eu te passei e tu for comparar com o que tenho trabalhado em sala, tu vai reparar que tem muita discrepâncias, porque tem muita coisa que eu fui inserindo, que às vezes a gente insere de ano a ano porque a gente acha pertinente.

É uma coisa que eu aprendi com [...] a gente acaba aprendendo isso nos bancos da Universidade é que todo planejamento é flexível, mas eu lembro que estava fazendo parte de um grupo de estudos com o José Pedro, acho que ano passado, e a gente discutia sobre essa questão, assim que não tem como, é praticamente a gente seguir um planejamento à risca, não tem como. O planejamento é o esqueleto da tua aula, mas a carne tu vai encher ela com os teus alunos, com o teu trabalho. Às vezes a aula que eu fiz, que eu dou de manhã do projeto que eu fiz, nunca, não tem como ser a mesma aula da tarde. Os alunos são outros, as conversas, as contribuições que eles dão são outras. Às vezes eu faço um planejamento que eu acho que seria bacana ai eu vou dá minha aula de manhã e não é aquela coisa que eu pensava já à tarde às vezes as crianças dão uma contribuição que torna o projeto bem, a aula bem mais rica. Então assim, o projeto acaba sendo isso, só um esqueleto do trabalho em sala de aula.

Muita coisa do meu projeto eu precisava, ainda preciso sentar para escrever, até falei contigo que eu tinha a intenção de reescrever esse projeto. Alguma coisa eu já reescrevi, não sei se eu te passei [...] Eu já fiz uma reescrita do projeto, mas eu vejo que não tá completo porque não contempla muito do que eu tenho trabalhado. Esse, ano após ano, e aula após aula eu vou vendo coisas que às vezes são necessárias tem coisas que eu percebo “ah isso é bacana”, exemplo, a questão das paródias é algo que eu já vi que vou tirar pras próximas vezes que eu for trabalhar esse projeto porque eu vi que não foi do jeito que eu pretendia. Assim, eu pretendo

colocar as paródias, a ideia é de ensinar as crianças o que é paródias foi bacana eles pegaram isso, eles gostaram muito dessas aulas, mas assim trabalhar a produção textual ligada à paródia pra mim não foi uma coisa que surtiu do jeito que eu queria.

O trabalho que eu tô trabalhando com eles dos contos de fadas ficou muito mais rico, eu tava, trabalhei um conto com eles, O Alfaiate Valente, ai eu trabalhei como fazer uma produção textual, a questão da introdução, do desenvolvimento, os componentes de um texto, os personagens, o cenário, a história, a questão de um clímax da história, a conclusão... é eu já percebi muitos alunos que tem esse problema, eles às vezes até começam a história bacana, mas eles não concluem a história, eles não terminam a história. E ai eu comecei a trabalhar isso com eles, a gente fez um dever de casa, eu dei um texto inicial para eles, uma ideia para eles concluírem a ideia, e assim ficou muito mais rico. Muitos ficaram muito animados, fizeram textos com duas páginas, eles escreveram por conta própria sabe? E já querendo apresentar pra mim, então ficou muito rico, mas eu percebi que se eu fosse fazer essa produção textual ligada a paródia, ligada ao projeto não ia sair do jeito que, então é uma coisa assim, que a gente vai dando aula, vai vendo a turma, que isso serve a gente deixa, a gente inclui, vai vendo que isso não serve a gente tira.

Então acho que o projeto, o meu projeto, esse projeto, por exemplo, eu percebo muito que ele é uma colcha de retalhos, é das experiências que eu fui recolhendo ao longo dos anos que eu fui trabalhando esse projeto. Acho que a primeira versão, nem lembro quando foi a primeira versão, mas se bobear, eu acho que tem se não dez anos, pelo menos quase dez anos que eu trabalho esse projeto com meus alunos. É nesses dez anos eu acho que teve um ou dois anos que eu não trabalhei com ele, mas se bobear tem uns oito anos que trabalho esse projeto com os alunos. Então assim, eu percebo como um trabalho que é muito rico, que pra mim satisfaz e eu percebo que também satisfaz os alunos.

2- Em que momento decide trabalhar um projeto?

Tem a ver com o... Nível de aprendizagem deles, e com o que eu quero para turma, por exemplo, quando eu decidi 'ah vou trabalhar, vou fazer um projeto para trabalhar com as crianças' eu tinha dois problemas que era a questão da leitura e a questão da interpretação de texto. Eu tinha alunos que sabiam ler, mas liam e não entendiam o que estavam lendo, então a ideia a início foi essa.

Então assim, é... teve um outro projeto que eu tenho, que é o projeto Cartas que a ideia é as crianças escreverem cartas, a gente faz é em sociedade com uma outra escola. Às vezes eu vou numa escola próxima, aí passo a ideia, vendo a ideia para professora, pra uma professora em geral do mesmo ano, aí a ideia é trabalhar textos epistolares com as crianças, que são textos, são cartas, né? A ideia é produzir, então para eles escreverem sobre eles, eles criarem amizade com outra criança, eles... eu pego a lista dos alunos da outra turma, trago, a gente faz um sorteio. Então tem um aluno da outra turma com quem eles vão se corresponder, eles passam o ano se correspondendo com esses colegas.

A princípio as produções são terríveis, não dá pra entender nada, então a ideia é trabalhar produção textual e ir ajudando eles em questões de ortografia e caligrafia, mas no final do ano eles já estão escrevendo cartas bacanas. E aí no final do ano o, a culminância do projeto a gente fez um piquenique, ou uma tarde de jogos, a gente junta as duas turmas para fazer isso.

Então assim nesse caso, a ideia é trabalhar produção textual, no caso desse projeto, ou de outros, respondendo a pergunta, tem a ver com quando eu sinto o momento que tem alguma coisa que eu queira trabalhar com a turma, e que eu queira trabalhar com a turma, e que eu tenho X projeto que vai dá para trabalhar isso, entendeu? Às vezes já aconteceu de eu iniciar um projeto, e aí eu quero trabalhar produção textual vou pegar esse projeto aqui que vai dá bacana, mas às vezes eu vejo que não tá indo no caminhão que eu quero, mas em geral tem a ver com isso, com eu ver no início do ano que a gente faz um diagnóstico da turma, agente vai sentindo a turma no primeiro mês e com o que eu quero trabalhar com eles, aí a gente foca em alguns projetos.

Eu tenho um, às vezes eu mantenho contato com um, dois amigos que trabalham na educação, e às vezes a gente troca também projetos né? Ou troca experiências do mesmo projeto, ou às vezes a gente senta e constrói ou modifica algum projeto juntos. Esse projeto das cartas que já te falei, eu já fiz ele com um colega lá da Cidade Nova, como o Nelinho, e já fiz com a professora Lucivanda daqui do Francisco Oliveira, Oneide, não lembro. Então assim, quando eu fui fazer esse projeto a ideia inicial eu sentei com o Nelinho, a gente “ vamos construir um projeto dessa maneira, que dê para trabalhar isso, a questão da produção, a gestão da caligrafia. Vai dá para trabalhar isso tudo que a gente quer trabalhar, essas deficiências que a gente tá vendo com nossos alunos, vai dá para gente trabalhar nesse projeto, então vamos construir o projeto.” Então acho que tem muito a ver com isso. Alguns eu já tenho meu portfólio de

projetos, alguns outros eu acabo procurando aqui, ali, com colegas, as vezes na internet, e assim...

### 3- Como é escolhido o tema do projeto?

Eu acho que isso tem muito a ver com essa última pergunta, né? É assim, eu acho que o tema acaba sendo o de menor, a preocupação maior é trabalhar aquela dificuldade da criança, eu tento ajudar a criança naquela dificuldade. Então se ela tem dificuldade em interpretação de texto eu vou procurar algum projeto, pode ser de música, pode ser de receitas, pode ser de história em quadrinhos. Eu já trabalhei um ano, eu preferi ao invés de trabalhar o projeto Letra e Música, preferi trabalhar histórias em quadrinhos com as crianças. Eu vi, eu pensei assim, naquele ano gibis iriam atrair muito mais eles do que o de músicas. Também eu já estava meio que saturado já vinha de uns três, quatro anos trabalhando aquele projeto. Estava meio cansado do projeto, ai resolvi variar, o foco era o mesmo a questão da leitura e interpretação, deles lerem e entenderem o que estavam lendo, ai naquele ano a gente fez o projeto [...] este eu trabalhei um ano, geralmente os projetos são longos, seis meses, um ano. Eu sempre trabalho assim.

Quando é uma coisa menor acabo fazendo mais uma sequência de atividades, não chega bem a ser um projeto. Então às vezes não tem nenhum produto final, ai eu respondendo a pergunta, o tema eu acabo escolhendo mais de acordo com o que quero trabalhar com os alunos. O tema pra mim não chega ser um coisa fundamental, vai mais do que eu quero trabalhar com os alunos, ai eu escolho um projeto A ou B, ou C.

### 4- Em relação ao planejamento, como são tomadas as decisões sobre o que será realizado?

Eu acho que te passei aquela sequência do projeto. Aquela sequencia como eu tinha falado agora a pouco é mais para eu ter um norte do que eu vou trabalhar e que tempo eu tenho para trabalhar. Eu acho que é importante isso, para eu não ficar perdido, tipo assim, eu vou ficar trabalhando uma, duas, três semanas a questão da apresentação do projeto com os alunos. Então eu acabo definindo o tempo que eu acho que serio o tempo ideal para trabalhar aquilo, claro que isso é variável, por exemplo, às vezes a questão da apresentação do projeto pros alunos, eu trago música para eles conhecerem, pedir para que tragam músicas que conheçam. Quando eu sinto que é uma coisa que eles gostaram de trazer as músicas, ai em geral eu deixo isso para uma aula, mas quando eu vejo que eles gostaram de trazer e eles querem apresentar mais músicas pra sala, pra mim, eu estendo pra uma aula, duas aulas, já fiz isso. Então acaba sendo assim, só mesmo um esqueleto do trabalho, mas não é algo fechado, mas é um norte, né?

Também assim, pra eu não fugir, não me perder, não ficar muito tempo só em uma das ações, uma das etapas do projeto.

Não tem assim, bem como posso dizer, um tempo fixo, faço uma estimativa. Acho que planejamento é muito isso, né? Tipo tu vai dá tua aula, como eu dei a minha aula de ontem, eu tinha estimado é, os alunos iam trazer o material para gente fazer o Iogurte, né? Eu já tinha estimado duas coisas que poderiam acontecer, todos os alunos, os alunos poderiam não trazer o material necessário, então a gente só ia conversar sobre isso, reforçar o pedido do material, mas isso ia ser algo que ia durar meia hora no máximo, então fiz uma estimativa. A outra estimativa foi eles iam trazer o material e a gente ia ter que trabalhar toda aquela questão de preparar material como eu fiz. E tinha uma terceira possibilidade, eu já tinha trabalhado com eles, porque assim no caso do iogurte a ideia de fazer o iogurte é porque estamos estudando sobre as bactérias, né? E nas aulas de ciências, e então eles vê um dos produtos das bactérias. Eles entenderem que existem bactérias maléficas e benéficas. E eu já tinha trabalhado isso em uma outra aula, mas isso aí eu pensei se eu não ver que nem todos pegaram, se eu vê que há necessidade de eu retomar esse trabalho que eu já expliquei na aula anterior eu vou. Então havia essas três possibilidades. Como eu vi que quando eu comecei a trabalhar, conversar com eles eu vi que um, dois ou três lembraram da última aula, então eu percebi, bom não há necessidade de eu voltar a explicar o que é bactéria, então eu só vou fazer, preparar o material aqui com os alunos, que foi o que eu fiz. Então acaba sendo uma estimativa né? Esse tipo de olhar, eu acho meio difícil, até impossível botar num planejamento. Ah, eu vou fazer isso, ou então vou fazer isso, ou então vou fazer isso, não tem como. Eu faço o esqueleto do projeto, faço o esqueleto da minha aula e aí eu antevijo o que pode acontecer e dependendo do que acontece, aí eu encaminho a atividade. Poderia ser que nenhum quando eu citei bactéria, poderia ser que nenhum dos alunos citasse nada, falasse nada, então eu já ia ver que eles não pegaram muito da aula, e eu ia retornar na aula, porque para eles o importante é fazer o iogurte, mas pra mim o importante é que eles entendam sobre a bactéria que tem a ver com o iogurte. Então assim, eu comecei falar sobre se eu visse que nenhum pegou o que é importante pra mim, o que eu quero passar pra eles, eu ia voltar na aula.

5- Qual é o papel do professor na realização do projeto?

Eu acho que acaba sendo meio que um mediador, né? É eu encaminho muito das ações, das atividades, mas assim o que eu acho bacana é que eles se envolvem muito no projeto. Eu tive alunos ontem que, alunos da tarde que vieram de manhã para perguntar sobre o que era

para trazer, qual era o material necessário. Eu já tive alunos que estudam de manhã que venham à tarde para perguntar, professor e isso sobre o projeto? Eles se interessam muito, se envolvem muito, então eu acho que o meu papel é mais de orientar, né, eles nas atividades.

Claro que assim, o projeto, eu vejo ele como uma, um meio, um caminho para eu trabalhar muitas atividades práticas com os alunos. Eu já te falei do William Gardner? Da pirâmide do conhecimento? [...], pois é, então assim, eu vejo como uma possibilidade de trabalhar muitas atividades práticas com as crianças. Mas a ideia não é trabalhar atividades práticas, pela atividade prática, mas assim a atividade prática, eu sei que quando estiver trabalhando aquilo com os alunos eu sei que eu vou deixar o quero trabalhar com eles, o conhecimento, que é pra mim o importante. Tenho alunos, que tem projeto que eu trabalhei com eles no início da minha carreira profissional uns dezoito, dezenove anos atrás, trabalho de música que a gente tava fazendo, e eu tenho crianças que hoje já rapazes lembram desse projeto.

Então assim eu sei que um dos objetivos, eles podem não lembrar de tudo, de todos os conteúdos que eu trabalhei com as crianças, mas eu sei que alguma coisa ficou. Então assim, eu acho que o principal é isso. Eu quero trabalhar atividades práticas com as crianças então eu vou me aproveitar do projeto para trabalhar essas atividades práticas, e a ideia é trabalhar o que eu quero trabalhar a questão do conhecimento que eu quero trabalhar com eles, das deficiências que eu quero sanar.

Claro que nem todo projeto envolve atividades práticas, tem projetos que não envolvem, mas mesmo esses projetos que não envolvem atividade prática eles são muito ricos porque as crianças se envolvem muito com ele. Então assim, eu acho que o papel do professor é de ajudar a criança, no projeto, no caso ajudar a criança em determinada dificuldade, em determinado conhecimento que o professor quer passar e ajudar eles, levar eles pela mão nesse caminho pelo projeto, eu acho que acaba sendo esse o papel do professor.

6- São pensadas o desenvolvimento de capacidades e habilidades? Quais?

Olha é como eu te falei, a gente faz no início do ano o diagnóstico, esse diagnóstico às vezes demora uma semana. A Secretária define uma semana, mas em geral a gente leva, eu levo um mês para eu ver assim o que meus alunos têm de conhecimento, o que eles não tem conhecimento para esse ano, pra essa série e aí o que eu quero trabalhar com eles. Então por exemplo, eu quero trabalhar com eles a questão da capacidade de ler e interpretar, de extrair dali informações pertinentes, de saber argumentar em cima daqueles textos, ou de outros textos

quaisquer, então a partir disso que eu acabo definindo meu trabalho. Por exemplo, para esse projeto eu diria que a questão é leitura e interpretação. Quando eu, eu início esse projeto com meus alunos eu vejo que muitos tem essa deficiência na leitura, a questão de, por exemplo, é... Eu vejo que muitos alunos já leem, mas muitos leem muito ruim, bem gaguejando porque é agora que estão começando desenvolver a leitura. Então quando a gente vai trabalhar Letra e Música, que eles vão acompanhar a música, que eles precisam acompanhar a letra da música porque tem a letra da música ali, se ele não acompanhar no ritmo ele acaba se perdendo, acaba ajudando eles nessa acelerada, dessa... de ler fluentemente. Então é uma capacidade que quero desenvolver neles, e que esse projeto ajuda muito.

E assim, eu tenho pelas experiências de ter trabalhado esse projeto há alguns anos é uma coisa que eu comprovei que ajuda. A questão da interpretação de texto também, eu tenho a letra da música, acho que eu já falei sobre ela, é a Domingo no Parque que é uma música que tem uma letra que é muito bacana, e que quando as crianças leem a letra da música elas se apaixonam, porque ali vai contando uma história meio trágica, mas é uma história que eles se interessam pela história, eles querem saber da história. Eles perguntam “professor, mas isso aconteceu mesmo?” Ai quando eu falo que não, ai “mas professor eu conheço, eu já vi uma situação desse tipo.” Então eles passam depois disso a enxergar a música não apenas como uma questão da melodia, e não apenas na intenção de decorar a letra, mas de entender o que se passa na letra. Então é uma outra capacidade que eu quero desenvolver nos meus alunos. Então acaba indo, as capacidades e habilidades que eu quero desenvolver acaba indo, a princípio o que eu quero trabalhar com eles no início do ano, a partir daquilo que eu defino essas habilidades, ler, ler fluentemente, interpretar textos, é extrair desses textos informações pertinentes, é entender, por exemplo, paródia é... Apreciar boas músicas. Então acaba indo muito para esse lado, no caso desse projeto em específico.

7- Em relação à participação e envolvimento dos alunos, qual o papel deles na realização do projeto?

Bom eu acho que é fundamental, porque tipo assim, eu já trabalhei um projeto que me deixou muito decepcionado porque eu vi que as crianças não abraçaram o projeto. Eu acho que daí parte uma coisa muito bacana do projeto, do início do projeto, que é a apresentação do projeto pra turma, porque tu meio que tem que vender teu peixe, tua vai falar, ver o que as crianças sabem sobre aquilo e tua vai tentar cativar eles praquele projeto.

Pra esse projeto da música é fácil, né porque em geral toda criança gosta de música, então é fácil, mas têm alguns projetos as vezes que tu meio tem que conquistar a criança, dizer que vai ser bom, dizer que o produto final vai ser esse, que vai ser bacana a gente apresentar isso, ou a gente ter isso como resultado do nosso trabalho. Mas ai, em específico teve um projeto um ano que as crianças não abraçaram o projeto, ai fui tentando, fui empurrando, fui empurrando, mas quando eu vi que não tava legal, que não tava, não tava indo, porque assim, se as crianças não abraçam o projeto, se elas não se apaixonam pelo projeto não vai, né? Se a criança não se a criança não se interessa, não quer ouvir a música, não gosta.

Só um exercício de imaginação, vamos imaginar que eles não gostem de ouvir música de jeito nenhum, não quisessem ouvir esse tipo de música, o projeto não andaria.

Teve um ano que eu tava trabalhando um projeto, antes da escola ser reformada que muitos, boa parte da minha clientela eram de crianças evangélicas, ai eu pensei ‘vixi não vai dá certo o projeto’, mas eu queria trabalhar o projeto porque eu via a necessidade das crianças de trabalhar interpretação e leitura. Ai o primeiro passo que eu fiz, eu chamei os pais e expliquei a deficiência das crianças, e expliquei a necessidade do projeto, porque uma das minhas preocupações primeiras foi, eu vou trabalhar esse tipo de música, por exemplo, pelo que tu viu que na música que eu apresentei pra eles ontem tem termos como, bagulho, como terreiro. Ai eu pensei vou apresentar um textos desses, o foco daquela música é trabalhar a questão, fazer uma crítica à política, mas eu pensei tem pai “cri cri” que vai ver essa letra aqui e vai querer dizer que eu tô querendo ensinar isso pros filhos dele. Então eu chamei os pais dos alunos primeiro eu passei, expliquei o objetivo do projeto é esse, as crianças estão muito ruins nisso, na questão da leitura, eles precisam trabalhar muito interpretação. Eu passo um texto pra eles, eu explico o texto, reexplico o texto, e eles olha, leem, mas não sabem o que eles leem, o que eles leram, então eu to vendo que é necessário esse projeto. Ai por incrível que pareça, eu achei que ia encontrar resistência, não encontrei resistência, os pais gostaram muito do projeto. Ai eu comecei a trabalhar com os alunos, e eu pensei ‘os alunos não vão abraçar esse projeto’, mas os alunos abraçaram o projeto.

Então assim, se a criança, se as crianças não abraçam o projeto eu acho, não tem como o projeto andar. É importantíssimo, eu diria assim, eu acho que se bobear é muito mais que cinquenta por cento (50%), eu não diria que é cinquenta por cento (50%) o professor, cinquenta por cento (50%) os alunos, eu diria que é trinta por cento (30%) o professor e setenta por cento (70%) o aluno.

Eu acho que a questão principal do professor aqui é fazer a criança se enamorar pelo projeto, mas o principal é elas comprarem a ideia do projeto, que quando elas compram a ideia, quando elas gostam do projeto, é a maior parte do projeto, e aí caminha.

8- Quando você trabalha um projeto percebe diferenças na aprendizagem, de quando se trabalha os conteúdos numa aula comum?

Eu diria que eu notei quando eu comecei trabalhar o primeiro, e o segundo ano que eu comecei trabalhar com projetos. Por que eu diria que notei nessa época? Porque hoje eu não trabalho de outra forma, entendeu? Então não tem como eu notar diferença agora. Mas quando eu comecei a trabalhar projetos, os primeiros, um, dois, três anos, eu notava muita diferença sim, “égua essa minha turma em relação àquela turma que eu trabalhava conteúdo eles aprenderam de maneira muito mais rápida, eles aprenderam de maneira muito mais fácil, e de maneira muito mais duradoura”. Por exemplo, tinha algumas turmas que eu acompanhava elas, trabalhava o quarto (4º) e o quinto ano (5º), então eu via que aquela turma de quarto, quinto ano eles tinham aprendido de maneira muito mais duradoura o que eu tinha passado no ano anterior para eles do que a outra turma que eu tinha trabalhado antes de eu começar trabalhar projetos.

Hoje não tem uma disciplina eu acho que não esteja trabalhando projeto com meus alunos. Português eu tô trabalhando o projeto Letra e Música, matemática estou trabalhando o projeto Cesta Básica, ciências eu tô trabalhando o projeto do iogurte sobre bactérias, e o projeto do aquário [...] geografia o projeto do foguete, foguete de água, história a gente vai iniciar agora um projeto sobre, é, os homens das cavernas. Faltou o que mais? Faltou... Português, matemática, história, geografia, ciências, artes a gente vai iniciar um projeto, a gente já tá, tô na parte de introdução, um projeto sobre teatro. Então assim, não tem uma disciplina que eu dê para meus alunos que eu não esteja trabalhando projetos, algumas vezes até mais de um projeto. O problema que foi o que te citei ontem é que é muito o que vejo aqui, que é muito pouco tempo para muito trabalho, entendeu?

Há, existe muito trabalho. Teve uma época ano passado que a professora do laboratório que ela entrou de licença, então ela se ausentou durante três meses. Então eles ficaram sem aula de informática durante esses três meses. E foi um período que eu gostei muito porque deu para encaixar aulas que ficam apertadas nesses momentos que deu para dá uma folga, porque é muito chato às vezes a gente ter que correr com o conteúdo. Às vezes eu tenho que fazer isso, porque eu vejo que se eu não fizer, chegar no final do ano, do final do semestre não vai dá pra eu

encerrar o projeto. E é importantíssimo porque se no início do ano eu tentei vender o “peixe” para os alunos, é falar do produto final, quando chega lá no final do ano que não apresento o produto final, eles cobram.

9- No momento esta trabalhando o projeto Letra e Música, em relação aos objetivos do projeto têm conseguido notar até o momento resultados positivos?

Tenho, tenho, por exemplo, a questão de ampliar a ideia deles de música. É uma coisa que em geral quando eu vou pra trabalhar esse projeto, que eu boto a primeira música eles dizem assim “ah isso ai é música de velho”. Ai por exemplo passar para eles que música é atemporal, que música boa não tem tempo. Ai quando eu, eu não passo isso falando pra eles, mas à medida que a gente vai trabalhando pra eles trabalhando eles passam a gostar desse tipo de música eu vejo que um dos objetivos foi cumprido. Eu não sei se você percebeu ontem quando eu tava trabalhando, é a atividade que passei pra eles pra casa do projeto eu coloquei as músicas que a gente já trabalhou, e eles estavam cantarolando algumas das músicas, isso daí já é um indicativo que aquelas músicas que a princípio eles mostraram rejeição, que eles não queriam porque é música de velho. Eu não pedi para eles cantarem a música, mas eles estavam cantando por conta própria. É... muitos, aliás eu não percebi nenhum pegando a letra das músicas que eu já tinha trabalhado, então muitos já aprenderam, já decoraram a letra da música. Então, pra mim eu já percebo como um indicativo que um dos objetivos estão sendo cumprido. Outro objetivo quando eu passo a letra da música para eles, e eu passo algo, às vezes peço para eles acompanharem, mas quando passo algo e não peço pra eles acompanharem, mas que eu vejo eles tentando acompanhar, então pra mim um outro objetivo tá sendo cumprido, que é a questão de ajudar eles a tentar ter uma leitura mais fluente, entendeu?

Então nesses pequenos detalhes que tu vai percebendo num olharzinho. E uma coisa que eu lamento muito, a professora Paloma faz isso, ela grava muitas das aulas dela. Aquela aula não tinha como gravar porque só tinha o celular, mas uma coisa que eu lamento muito é não ter às vezes uma câmera numa sala de aula para poder gravar, não para poder monitorar criança, mas para poder gravar momentos, até pra eu analisar depois, mas às vezes de canto de olho assim prestando atenção eu consigo perceber, né alguns dos objetivos sendo cumpridos do projeto.

10- Sente alguma dificuldade na realização dos projetos, tanto no geral, como especificamente no projeto Letra e Música?

A questão da paródia que eu te falei, né? A questão da paródia foi uma coisa que eu planejei, acho que eu não percebi esse, isso, esse componente que iria prejudicar essa etapa, né? A ideia era fazer produção de texto com as crianças e aí dá uma paródia, e para eles produzirem outras paródias, aí eu pensei “tô no caminho certo”, mas quando eles começaram a pegar os textos, e só fazer cópias das paródias, ou quase cópia dos textos, aí eu percebi que não era esse o caminho que eu queria ir, e eu também percebi assim, produções muito pobres no sentido de que não tinham um início, um meio e um fim. Alguns dos textos, eu tô analisando mais os textos da manhã [...] Alguns desses textos, dessas paródias eu percebi que às vezes tinham um começo, mas não tinham nem meio, nem um fim, alguns eles pegavam só o refrão do texto. Então assim, eu vi que não tava correndo, mas é de se esperar que dificuldades apareçam. Essa foi uma que eu percebi dá pra gente contornar né, mas em geral não tô vendo maiores dificuldades não, tá indo na expectativa do que eu esperava dos alunos, por enquanto não tenho percebido dificuldade não.

O tempo é uma questão, eu já pensei uma vez como seria bom escola em tempo integral, sabe para poder trabalhar isso com os alunos, mas por outro lado eu fico pensando, escola de tempo integral eu não poderia trabalhar dois turnos isso, porque em geral escola de tempo integral a criança no outro turno, a criança trabalha atividades extras. Mas eu acabo, não sei se é eu que acabo estendendo o projeto colocando coisas demais no projeto, mas essa questão do tempo é uma questão que me bato sempre com ele, é complicado. Às vezes eu queria poder colocar o projeto todo dia da semana, mas eu sei que não é uma coisa que dá pra ser, tem outras coisas que eu preciso também tá trabalhando. As aulas de português não podem ser só projeto, tem que ter outras coisas também, tem que ter outros projetos também.

11- Os projetos geralmente perpassam diversas disciplinas, você vêm conseguindo perceber, ou estabelecer pontos em comum dentro das diferentes disciplinas e/ou conteúdos que podem ou estão sendo trabalhados nesse projeto, além da língua portuguesa?

Sim. Assim, olha uma etapa que a gente vai chegar ainda é a questão da biografia dos autores, aí eu vou te dá o exemplo, a gente trabalhou duas músicas do Bezerra da Silva, aí na parte da biografia a gente vai trabalhar a questão da história da vida daquela pessoa e, e também dentro dessa parte da biografia dele a gente vai trabalhar a questão de onde viveu essa pessoa, né? A questão da geografia. Na verdade assim, essa questão de perpassar por outras disciplinas, não é um problema, é uma coisa que se a gente for parar pra ver é natural, não tem como não

passar. É acho assim, só se o professor não quisesse mesmo, desse uma de marrento e quisesse só fechar naquilo, mas não tem como não expandir pra outras.

Um exemplo de outro projeto, é o projeto dos foguetes de água que tô trabalhando com os meus alunos, a gente começou a trabalhar esse projeto e nós vimos que o combustível do foguete será água, só que tem um texto que eu passei pra eles existe um limite de água que tem que ser colocado, e nesse limite de água ele é medido em litros, já via pra matemática, e também a gente aproveitou, tô aproveitando para trabalhar com eles frações. A gente trabalha quanto de fração de água a gente vai poder colocar, dois terços? Um terço? Um quarto? Então pelo menos essa parte ai eles já estão dominando. Então ai assim, voltando ao projeto de português eu percebo obvio arte que não tem como não tá relacionado, e história e geografia, eu percebo basicamente essas três disciplinas mais presentes no projeto.

A etapa da biografia dos autores, é uma etapa que a gente ainda não chegou, que vai chegar, e ai quando a gente chega nessa etapa acaba envolvendo essas outras disciplinas, a história e a geografia.

Então assim, acaba sendo natural, e só agente parar para perceber e assim, olha não precisa quando estou trabalhando isso com eles dizer “óh agora a gente vai trabalhar história, agora a gente vai trabalhar geografia”, é uma coisa que eles acabam vendo dentro do projeto, mas que pra eles, eles estão estudando português, mas que está passando por todas essas disciplinas, entendeu?

12- Tem notado que o trabalho vem sendo significativo para os alunos? Eles conseguem estabelecer relações com a vida real? Realizam trabalhos práticos, como pesquisas e produção de material, onde os alunos percebam essa relação?

É, uma coisa é o projeto ter relevância pra vida deles, outra coisa é a gente trabalhar no projeto atividades práticas. Quando por exemplo, um aluno meu me diz assim que viu a música que a gente trabalhou do Bezerra da Silva no Silvia Santos, ou quando ele diz que pegou aquela música, e o Éricles tinha me falado que tinha mostrado a música do, que ele gostou muito dela, do gualín, do Gabriel, o Pensador pro pai, que o pai gostava de Gabriel, o Pensador, mas não conhecia aquela música. Então aquilo ali eu percebo que aquilo ali já saiu do vamos dizer assim, da questão acadêmica pra vida da criança, né eu tô citando o projeto Letra e Música. Então nesses casos eu percebo que tá fazendo efeito, e a gente percebe isso, que não tem como perceber de outra forma nas conversas que eu tenho com os alunos. Quando eles me falam

alguma coisa sobre a vida deles, sobre alguma coisa relacionada ao projeto ai que vou percebendo que tá indo pra lá, pra vida deles.

Quanto à questão das atividades práticas, é como te falei, eu gosto muito de trabalhar com projetos porque me permite trabalhar essas atividades práticas, nem todos dá pra trabalhar atividades práticas. Esse projeto mesmo, Letra e Música a gente trabalha muito em sala de aula, a gente trabalha muito com textos, né? Tem a questão das músicas vez ou outra, se bobear um dos meus projetos menos práticos é ele, mas os outros projetos todos a gente põe a mão na massa, a gente trabalha com material, a gente vai, o de português, não o de geografia, o penúltimo, ou a última aula a gente veio aqui pra quadra que era pra r testar a estabilidade dos foguetes que eles tinham construído. Então a gente trabalha muito atividade prática, muito mesmo. E eu percebo mais essa questão voltando à questão da, de respingar na vida deles quando eu tenho essas conversas com eles, não dá muito para perceber na sala de aula, a não ser quando a gente tem assim um momento de conversa. Não sei se você percebeu ontem eu dando os bastões pra eles, eu tava vendo que tava muito complicado a hora, porque eu sempre procuro reservar uma hora pra eles falarem, né? Pra eles darem as contribuições deles, e, mas eu tava vendo que tava ficando, principalmente a turma da tarde porque a turma da tarde eles são muito mais falantes, eles gostam, eles querem muito mais falar.

A turma da manhã, eu tenho uns quatro, cinco alunos que são os que gostam de contribuir, os outros eu tenho que ficar instigando pra contribuir, já a turma da tarde não, quase toda turma quer falar, quer dizer alguma coisa, nem que seja uma coisinha que nem tanta relação, mas eles querem falar. Ai não sei se foi num filme, em algum lugar eu vi, nem sei se isso é verdade, tenho que pesquisar ainda, eu vi num filme de época, eu acho que era da época grega, ou romana em que eles tinham lá um espaço onde os senadores sentavam para conversar, para debater, e ai me parece que eles tinham um bastão de madeira. A pessoa queria falar tinha que pegar o bastão, só podia falar né, ai eu achei legal, “vou fazer isso com minha turma”. Tenho que pesquisar se isso é coisa do filme ou se é uma coisa histórica que realmente acontecia. Mas eu sei que desde a semana passada eu comecei a fazer isso nas aulas, não só do projeto, mas nas aulas. Sempre que a gente vai sentar para conversar, para debater tem o bastão da fala, que é aqueles três bastões, e também não dá porque às vezes eu entrego eles, e eles querem tá passando pra um, pra um, e outro. Então não dá pra deixar, eu deixo o bastão rodar umas três rodadas e eu recolho o bastão para continuar a aula, porque se não a aula não segue [...].

A aula da tarde, e da manhã foi muito bacana, todas as duas foram muito boas. Eu até comentei da aula da manhã com a professora Paloma, mas por incrível que pareça apesar das duas turmas terem sido boas e produtivas, não foram iguais. Os meninos da manhã eles falaram algumas coisas, mas falaram em outro rumo, e os meninos da tarde já foram pra outro caminho, mas todas as duas aulas me deixaram muito satisfeito, as aulas de ontem.

13- Como será realizada a exposição, ou apresentação do que os alunos realizaram durante o projeto? Já está decidido, os alunos vão decidir, ou vocês decidirão juntos?

Não, ó, o produto final a gente conversou sobre duas possibilidades que é a gravação de um CD. Quando eu comecei trabalhar esse projeto, não era esse um dos produtos finais, o produto final era um livrinho com as músicas, mas ai chegava o final do ano e os alunos pediam, “professor grava um CD pra mim com essas músicas que a gente trabalhou”. Ai foi um ano, dois anos, três anos e eu pensei eu vou botar isso como produto final já que eles pedem muito. Então assim, uma das etapas é a gravação do CD com as músicas que eles, que a gente trabalhou durante o ano. A outra etapa é o livreto, que vai ser o encarte do CD, né com as músicas. Uma outra parte que também tem a ver com o livreto é eles ilustrarem, isso já vai mais pra arte.

Então eu vou até para aproveitar mais o meu tempo de português, eu vou aproveitar as aulas de artes para trabalhar as ilustrações, pedir pra eles fazerem as ilustrações das músicas que a gente for trabalhando, eu vou guardando. Já tenho algumas, a gente já fez do ‘Pega eu’, já fizeram as artes, eu, a gente fez uma votação de quais eram as melhores, eu selecionei umas três, quatro, chegar no final do ano eu vou escolher um, vai me doer porque tem umas bem bacanas. Tem três, e dessas três qual é que eu vou escolher? Ai eu não sei como vou fazer para escolher, vou escolher uma.

E uma das ideias que tô querendo também fazer, é fazer a teatralização de uma das músicas, que já que a gente vai fazer, vai ter o sarau no final do ano, que ia ser agora. A ideia é pegar uma das músicas, ensaiar com eles e fazer a apresentação de uma peça de teatro.

Então o produto final vai se na verdade os produtos finais, gravação do CD, o encarte das músicas com as letras das músicas e a arte deles. Isso a gente tinha definido lá no início do ano, essa parte da teatralização é uma coisa que eu fui pensando, eu fiz um ano, tô pensando para este ano, e acho que vai ser bacana. Tem algumas turmas durante os anos que eu sinto que gostam mais de teatro, se apaixonam mais pela ideia. Essa turma é uma turma que eu acho que vai ser bacana, eu tô trabalhando com eles, iniciando a ideia do teatro com eles, é uma turma

que eu acho que vai ser bacana trabalhar teatro. Então se eles comprarem a ideia do teatro, minha ideia para o final do ano é incluir a teatralização de uma das músicas, provavelmente ‘Domingo no Parque’, é pra gente apresentar no Sarau.

Tem algumas turmas durante os anos que eu vi assim, as crianças não compravam a ideia do teatro, assim de que tinham vergonha de apresentar, não queriam apresentar. Mas tem algumas turmas, a minha turma do ano passado era muito boa, assim eles se entregavam com a ideia do teatro, eles compravam a ideia, a noção de que o personagem ali não era eles, então tipo assim, às vezes tinha duas meninas para fazer porque não tinha menino naquele grupo pra fazer, aí uma das meninas ia fazer o papel de homem, ia ser o príncipe por exemplo, a gente tava teatralizando um conto de fadas. Mas elas compraram a ideia de que elas não eram uma menina que aquilo ali não era coisa de homossexual de tá pegando na mão da coleguinha, porque pra elas, elas estavam entrando no personagem do príncipe, comprando a ideia do, de se entregar como ator, entendeu? Ano passado eles compraram muito essa ideia, minha turma foi muito bacana ano passado isso. Esse ano a gente tá fazendo algumas brincadeiras, algumas sequências de atividades de eles representarem algumas cenas, e eu tô vendo que eles tão comprando a ideia, então acho que vai ser bacana a gente fazer isso esse ano também.

14- Como será a avaliação do projeto?

A avaliação acaba sendo é, nas provas né, a gente faz as provas eu consigo perceber isso. Mas assim as minhas provas eu vou ser sincero, eu faço mais por obrigação, eu faço mais porque a coordenadora exige prova. Antes dessa coordenadora entrar a gente não fazia prova aqui na escola, e eu via a avaliação como uma coisa muito mais produtiva, porque a gente ia fazendo atividades ao longo do bimestre, e no final a gente só recolhia essas atividades, a gente fazia a análise do trabalho dos alunos, do rendimento dos alunos e dali tirava um conceito. Eu via mais produtivo do que passar uma prova pra criança, mas não “ah não os pais estão pedindo”, a desculpa é que os pais queriam prova, beleza então a gente passou a fazer prova, mas assim apesar de ser meio que obrigado sempre tem a questão da resistência, então eu faço prova, mas não faço prova é valendo dez, valendo A. Eu faço a prova as vezes valendo um, mas não falo pra ela que tá valendo um, né? Ai as outras atividades que a gente faz são as atividades que eu acabo contando para fechar o conceito das crianças, então por exemplo, as vezes eu faço uma atividade de sondagem de leitura com eles, fiz uma no início do ano que tinha o objetivo que era ver como eles estavam no início do ano.

Agora quando eu faço a sondagem de leitura, eu iniciei agora no meio do mês passado, ela já tem outro objetivo que é ver se o projeto, que um dos objetivos do projeto é ajudar eles na questão da leitura, se o projeto tá ajudando né? Se eles estão desenvolvendo a leitura, eu fiz a sondagem de um aluno que eu fiquei muito, muito satisfeito que ele assim, do gaguejar pro quase fluente tá um “pé”. Então eu percebo ai que o projeto, tem o um “dedo” do projeto, claro que eu não vou ser petulante de dizer assim tem só um “dedo” do projeto, essa criança ela tá fazendo também o Mais Educação, então eu até chamei a Jureide que é coordenadora do Mais Educação para compartilhar com ela esse sucesso, porque eu sei que o pouco que seja, mas o pessoal do Mais Educação também ajudou. Então assim acaba algumas atividades ao longo do bimestre que eu vou fazendo com eles, acabam servindo pra somar nota.

15- Os alunos também avaliam o projeto?

Bom eles avaliam o projeto, mas não pra somatória de conceito.

Eles avaliam o projeto, mas assim a avaliação do projeto para somatória de conceito não, entendeu? O conceito quem acaba dando sou eu.

Uma vez tentei autoavaliação com eles, não achei que ficou legal, tem a ver também muito com aquela questão que tava falando ontem pra eles sobre corrupção, né? Tem crianças que já tem noção do que é certo e do que é justo, então por exemplo, a criança mesmo tendo se dado muito, sendo uma das crianças mais aplicadas elas se davam nove, e aquele aluno que não tava nem ai com nada, mas “ah já que é autoavaliação, já que eu sei que a minha nota que a nota que eu me der vai ser a nota que vai ficar vou me dá um dez”. Então tem a ver com a questão da corrupção, né? E ai eu vi que não ficou legal, eu tinha até feito dois bimestres autoavaliação, isto é uns cinco anos atrás, não gostei da experiência, mas eu acho também que não posso culpar só as crianças, eu acho que eu teria que ter trabalhado toda essa questão da corrupção, o que é ser honesto, o que é certo e o que não é certo, o que é ética pra depois pedir pra eles fazerem uma autoavaliação.

Eu não fiz isso, né? Então nem posso cobrar tanto deles, mas ai o fato é, então assim, é... na avaliação eles avaliam o projeto, no final do ano a gente avalia o projeto, mas pra eu ter uma temperatura, alguma sondagem do que foi bacana daquele projeto, porque as vezes a gente não percebe tudo, e pra saber o que eu poderia estar melhorando para os outros anos, mas essa avaliação não serve pra somatória de conceito, entendeu? Serve pra eu avaliar o projeto. Pra ter uma visão das crianças do projeto, e é isso porque eu tenho a minha visão, mas como eu te falei

as vezes a gente não percebe que as crianças, por exemplo, eu já tive anos que as crianças não gostaram muito de certo tipo de música que eu tava colocando, e eu percebi que eu tava colocando só certo ritmo de música. Então eu resolvi mudar um pouquinho por conta disso. Então acaba servindo pra gente ter uma temperatura, uma ideia, a visão das crianças sobre o projeto, mas não é somatória não.

**Entrevista concedida por Professor à autora, no dia 13 de Junho de 2017.**

**ANEXO N- ENTREVISTA REALIZADA COM ALUNOS**

*O que você acha do projeto?*

Aluno 1: Eu acho muito legal, tô aprendendo muito e tô me divertindo cada vez mais.

*O que você mais gosta no projeto? Fale um pouco sobre ele.*

Aluno 1: Eu gosto de cantar, de ler as músicas. Teve um que nós até apresentamos, nós ensaiamos no mesmo dia e apresentamos no mesmo dia.

*Uma coisa que você descobriu, algo que você não sabia e agora sabe?*

Aluno 1: Ah paródia, não sabia de paródia, agora eu sei.

*E o que você aprendeu sobre as paródias?*

Aluno 1: Que as paródias tem que inventar coisa engraçada, que nós tem que tirar as letras das músicas e colocar outras letras pra virar paródia.

*Mais alguma coisa que você não sabia?*

Aluno 1: Não.

*Tem alguma coisa que não gosta no projeto?*

Aluno 1: Hum hum (expressão de negação).

*Então você gosta de tudo?*

Aluno 1: Urrum (expressão de afirmação)

*Acha que poderia melhorar alguma coisa?*

Aluno 1: Não.

*O que você acha do projeto?*

Aluno 2: Eu acho sobre o projeto legal e eu acho muito bacana.

*Por que você acha legal?*

Aluno 2: Porque... porque eu gosto muito, é muito legal e...

*O que você mais gosta no projeto?*

Aluno 2: Porque eu aprendi muito...

*Diga uma coisa que você aprendeu que você não sabia antes?*

Aluno 2: Eu aprendi... eu não sabia o projeto, ai eu aprendi.

*E esse projeto é sobre o quê?*

Aluno 2: O aluno não sabe responder e apenas sorrir.

*Tem alguma coisa que você não gosta?*

Aluno 2: Não.

*Você tem sugestão de alguma coisa que poderia ficar melhor?*

Aluno 2: Não.

*O que você acha do projeto?*

Aluno 3: É legal porque a gente interpreta e tem umas partes engraçadas.

*Tem alguma coisa que você não gosta?*

Aluno 3: Não.

*Diga uma coisa que você não sabia e que aprendeu no projeto?*

Aluno 3: Interpretar.

*Interpretar o quê?*

Aluno 3: A fala do personagem que canta a música e eu achei muito bom e bacana.

*O que você acha do projeto?*

Aluno 4: É eu achei legal, eu aprendi muito. Aprendi a apresentar assim no meio de todo mundo, da sala. Achei legal a música do Domingo no Parque, tem a parte que eu mais gosto.

*Qual a parte da música que você mais gosta?*

Aluno 4: É aquela que fala 'Juliana na roda com João, uma rosa e um sorvete na mão. Juliana seu sonho uma ilusão. Juliana e o amigo João...'

*O que você aprendeu com essa música, o que ela te ensinou?*

Aluno 4: Ah ensinou que, do egoísmo do João que, do José que matou o João. Que os dois eram melhores amigos, ai só porque ele viu a Juliana com o João na roda, ele matou ele. Nós fizemos até uma atividade com isso. Eu achei bacana.

*Mais alguma coisa?*

Aluno 4: Ah, lembro das paródias que a gente, que o professor passou atividade pra gente sobre que as parodias precisava de humor. Achei bom o projeto.

*Você lembra alguma característica da paródia?*

Aluno 4: Não.

*Você acha que alguma coisa poderia melhorar no projeto?*

Aluno 4: A participação de todos, porque tem menino que fica atrapalhando quando o professor tá explicando.

*O que você acha do projeto?*

Aluno 5: Eu acho muito legal o projeto. Ainda mais que a gente estudou uma música que tinha o meu nome, e falava tudo ao contrário. Tinha a última o pão careca que teve uma confusão na padaria. Lá eles falavam umas coisas que não eram, que era outra.

*Você lembra o nome que se dá a essas palavras?*

Aluno 5: Era o pastel era o tabefe, pastel também era burro.

*Então você está gostando do projeto?*

Aluno 5: Tou.

*Tem alguma coisa que você não gosta?*

Aluno 5: Não.

*Você acha que poderia ficar melhor em alguma coisa? Alguma sugestão?*

Aluno 5: Que nem o Aluno 5<sup>6</sup> falou para os outros colegas colaborar.

*O que você acha do projeto?*

Aluno 6: Legal.

*Por que?*

Aluno 6: Porque é divertido.

*Você lembra alguma coisa que você aprendeu?*

Aluno 6: Eu aprendi a fazer paródia e... e aprendi interpretar.

*Interpretar o quê?*

Aluno 6: Tudo.

Questionamento para todos *“Alguém se lembra as partes de uma música?”*

Aluna 1: É o começo, meio e o fim.

*O que tem em uma música que geralmente não tem em outros textos?*

Aluno 4: Humor.

*Música só tem humor ou tem músicas sobre outros assuntos?*

Aluno 4: Não. Tem romântica, poesia.

*Mais alguma coisa?*

Aluno 2: Contos de Fada.

*Talvez algumas tenham...E os elementos da escrita, vocês lembram alguma coisa?*

Aluno 4: É que são divididas em estrofes.

Aluno 3: E versos.

*Vocês lembram as músicas que forma estudadas?*

---

<sup>6</sup>Nome alterado para manter anonimato.

Todos: Sim.

Aluna 1: Pega Eu.

Aluno 5: Elbrigá.

Aluno 4: Domingo no Parque.

Todos: Ah o Candidato.

*Vocês lembram do que fala essa música?*

Aluno 2: O ladrão foi lá em casa quase morreu do coração.

Aluno 1: o do candidato é porque ele é ladrão, ele tá engando o povo só para ganhar voto.

Aluno 5: Ele bebeu água da chuva.

Aluno 3: Não, ele comeu na bacia de goiabada e bebeu água da chuva.

Aluno 4: Ele bebeu cachaça na vendinha. Fumou um bagulho.

Aluna 1: Ai um homem percebeu que ele era safado.

*Mais algum motivo por que vocês gostaram da música?*

Aluno 3 e 5: Porque é divertido.

*De qual música vocês mais gostaram?*

Aluno 5: Elbrigá.

Por que?

Aluno 5: Porque ele tem umas partes que fala tudo ao contrário. O nome dele, ele fala oi tudo legal? Oi dotu galue? Meu nome é Gabriel, meu nome é Elbrigá.

Aluno 4: Domingo no Parque.

Aluno 3: O ladrão foi lá em casa.

*Por que você gostou dessa música?*

Aluno 3: Porque é engraçada.

Aluno 2: Pega eu.

*Por que?*

Aluno 2: Porque ela fala de um monte de coisa engraçada.

Aluno 1: Do Pega Eu.

*Por que?*

Aluno 1: Porque o ladrão pensava que esse homem tinha as condição e foi, quando chegou lá panela era de barro, o fogão era de tijolos, a cadeira quebrada, e dois jornais que era o colchão.

Aluno 6: Pega eu também.

*Por que?*

Aluno 6: Porque é engraçado que quando o ladrão entra lá dentro tem só coisa de objetos.

*Que tipo de objetos?*

Aluno 6: É os tijolos, o fogão e a panela de barro.

*E essa música retrata a realidade, ou é apenas uma música para a gente ouvir e achar divertida?*

Aluno 1: Talvez pode ter acontecido. Que nem a do cinquenta reais.

*Vocês gostam do projeto porque as músicas são divertidas?*

Aluno 4: E algumas vezes fala da vida real.

Aluno 1: E nós aprendemos mais.

Aluno 4: A do Domingo no Parque às vezes acontece essas coisas, o cara fica com ciúmes que a mulher tá com outro e acaba matando.

*Mais alguma música que vocês estudaram e acham que tem a ver com a realidade?*

Aluno 5: O candidato.

Aluno 1: Muitas vezes acontece isso.

Aluno 5: Muitos candidatos vão na porta pedir voto.

Aluno 1: Compra voto.

Aluno 5: Ele vai diz que vai fazer tipo a rua, vai e manda fazer e quando tá no dia de votar todo mundo vota nele, e se ele tiver ganhado ele não faz nada.

Aluno 1: Que nem o Tião Miranda ele tá acabando com as banquinhas tudo.

*Mais alguma coisa? Alguém lembrou de mais alguma coisa que fizeram nesse projeto? Vocês sabem porque vocês estão estudando esse projeto?*

Aluno 2: Pra nós aprender mais.

Aluno 1: E talvez quando nós crescer nós interpretar e nós cantar paródia.

*Mais algum motivo?*

Aluno 5: Eu descobri uma coisa que não sabia, pinéu é onde fica os doidos, o hospício, só que na música tava pinéu.

Aluno 1 e Aluno 6: Nós também fizemos os desenhos.

*Para que foram esses desenhos?*

Aluno 1: Para colocar na capa do nosso CD.

Aluno 4: Na capa do nosso DVD. A capa do nosso DVD é uma casinha véia em construção [...]

Então vocês acham que estão estudando este projeto para isso, para aprenderem as paródias...

Aluno 5: Mais palavras...

Aluno 4: Aprender a fazer a música com a letra porque tem gente que faz a música que nem a Jaíne que fez a música da Bruna Carla toda emendada, igual o texto não fez com as estrofes.

Aluno 3: E aprender as palavras que a gente ainda não sabe.

*Quando o professor começou esse projeto ele falou para vocês porque ia trabalhar esse projeto?*

Aluno 5: Não.

Aluno 3: Não.

Aluno 1: Não.

Aluno 6: Não.

Aluno 4: Não.

Aluno 1: Que me lembre não.

Aluno 2: Não.

*O que ele disse?*

Aluno 1: Que eu me lembre não.

*Vocês não lembram nada do que ele falou?*

Aluno 3: Que íamos estudar sobre músicas.

*Mas ele não disse por quê?*

Alunos 4 e 5: Não.

*Então vocês gostaram?*

Todos: Sim!

*E a participação de cada um? Eu quero que falem sobre a participação de cada um de vocês. Como você encara sua participação?*

Aluno 1: Antes eu tinha muita vergonha. Eu ficava com muita vergonha de ir na frente apresentar, só que eu fui encarando meus medo. Eu acho que eu sentia era medo de ir na frente, que alguém sorrisse de mim, que eu sou muito vergonhosa.

*E você participa direitinho das atividades? Você costuma fazer as atividades?*

Aluno 1: (risos) Sim.

*Se você se desse uma nota qual seria?*

Aluno 1: Dez.

*E você o que diz da sua participação nas atividades do projeto?*

Aluno 2: Eu achei muito legal porque nós aprendemo muito.

*E de você? Sua participação, você e o projeto.*

Aluno 2: Foi muito bacana.

*Você acha que está participando bem, faz todas as atividades?*

Aluno 2; Tô. Faço.

*Entende o que o professor fala?*

Aluno 2: Mais ou menos.

*Se você se desse uma nota qual seria?*

Aluno 2: Dez.

*Você acha que sua participação está boa, tem prestado atenção, participado das atividades?*

Aluno 3: Eu não sei não. Acho que tá boa. Todo mundo vai escolher dez.

*O que você acha da sua participação?*

Aluno 4: Eu tô achando legal a minha participação, eu não faltei nenhuma vez, tô prestando atenção.

*Não precisa melhorar em nada? Está excelente?*

Aluno 4: Tô.

*Que nota você se daria?*

Aluno 4: Nove porque eu não sou melhor de que ninguém.

*E o que você acha da sua participação?*

Aluno 5: Na minha participação eu sinto que fui ajudante dele (refere-se ao aluno 4) no Domingo no Parque, ajudante do João que mataram.

*E no geral, nas atividades que o professor passa, como está sendo sua participação? Está fazendo todas as atividades?*

Aluno 5: Tô.

*Se você fosse se dá uma nota qual seria?*

Aluno 5: Oito e meio.

*Por que?*

Aluno 5: Porque eu não sou melhor do que ninguém.

*E da sua participação?*

Aluno 6: Eu acho que eu tô bem.

*O que mais você diria da sua participação?*

Aluno 6: Eu preciso melhorar um pouco.

*Em quê?*

Aluno 6: É prestar atenção.

*Que nota você se daria? Que nota você acha que merece?*

Aluno 6: Nove.

**Entrevista concedida por alunos à autora, no dia 18 de Outubro de 2017.**

## ANEXO O – AUTORIZAÇÃO PARA USO DOS DADOS DA PESQUISA



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
MARABÁ, PARÁ-UNIFESSPA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-ICH  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FACED

AUTORIZAÇÃO DE DADOS PARA TRABALHO CIENTÍFICO

Eu, LUARECY FERNADES COSTA, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa " sobre projetos pedagógicos desenvolvidos na sala de aula inclusive, autorizando a utilização dos dados coletados pela aluna Érica Souza Lobo do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências da Educação - FACED/ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA /Marabá-Pará . Informo que fui devidamente esclarecido (a) acerca dos objetivos dessa pesquisa e que os dados serão tratados eticamente, de acordo com o que prescreve o trabalho científico. Além do mais autorizo a aluna utilizar o nome da escola que está sob minha gestão.

Local, Marabá - PA, 18 de Dezembro de 2017.

Laureci Fernandes Costa  
Assinatura do Participante

Érica Souza Lobo  
Assinatura do Pesquisador

E.M.E.F Profª Fátima Mª Fernandes Gadella  
Portaria: nº 2876 - GP Criada em 01/06/2014  
OBS: A partir de 01 de Junho de 2015 a  
E.M.E.F Emília Ferreiro, passa a ser denominada  
E.M.E.F Profª Fátima Maria Fernandes Gadella  
de acordo com a Portaria nº 2876/2015 - GP